

REVISTA

DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO ESPÍRITO SANTO

FUNDADO EM 12 DE JUNHO DE 1916

Reconhecido de utilidade pública pelo governo Federal e pelo Estadual

Numero 10 **=====** Dezembro de 1935



*O' jovens Brasileiros,
Descendentes de heróis, heróis vós mesmos,
Pois a raça de heróis não degenera;*

.....
*Imitai-os para que elles, do sepulchro,
Vos chamem, com prazer, seus caros filhos!*

NATIVIDADE SALDANHA

VICTORIA
ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
OFFICINAS DA «VIDA CAPICHABA»

O 4.º Centenario da Colonização do Espírito Santo

Solemnizando o transcurso do quarto centenario da Colonização do E. Santo, promoveu o Instituto Historico e Geographico do Estado, com a patriotica collaboração do governo, uma serie de commemorações, que decorreram com grande brillantismo, e tiveram a assistencia das mais elevadas autoridades da União, do Estado, dos municipios e de grande numero de pessoas gradas.

De todas essas solemnidades com que o povo espirito santense homenageou a data gloriosa de 23 de Maio de 1935, festejando esses quatro seculos de luctas, esperanças, realizações e triumphos, foi feita a descripção pormenorizada pela imprensa diaria, razão por que nos limitamos, no presente numero dessa revista, a transcrever os diversos discursos pronunciados, enfeichando-os nesse volume como uma recordação de tão gloriosa ephemeride.

Nesse ligeiro registro não nos podemos furtar ao dever de testemunhar ao exmº. sr. governador do Estado, cap. João Punaro Bley, sob cujos auspicios se realizaram as brilhantes com-

memorações civicas do nosso quarto centenario, os nossos melhores agradecimentos pela solicitude e dedicação com que amparou todas as iniciativas da directoria do Instituto Historico, cooperando efficazmente para que todas as solemnidades tivessem larga projecção, testemunhando o valor da terra espirito-santense e o esforço patriotico da sua laboriosa gente.



CAPITÃO JOÃO PUNARO BLEY

Presidente de honra do Instituto Historico e Geographico.

INAUGURAÇÃO DA FEIRA DE AMOSTRAS DE VICTORIA

Discurso pronunciado pelo Dr. A.
Seabra Muniz, prefeito municipal de
Victoria.

Exm^o. sr. Interventor Federal. Srs. Secre-
tarios do Governo.

Srs. e Sras.

«A realização da 1.^a Feira de Amostras desta cidade, promovida pela Prefeitura, teve como principal escopo a participação do Municipio de Victoria nas commemorações relativas ao 4.^o Centenario do povoamento da terra de Domingos Martins, o prototypo dos espirito santenses illustres. Sendo este Municipio séde da Capital do nosso Estado, justo era, portanto, que a contribuição da Prefeitura, naquellas commemorações, fosse de molde a dar uma demonstração approximada do nosso valor economico. D'ahi, surgir a idéa de se proporcionar ao povo da Capital e à maior parte das populações do interior o espectáculo de uma Feira de Amostras, que, pelo seu lado mais pratico, mais commercial, e mais moderno mesmo, digamos, veio substituir as antigas *Exposições*, que, sobre serem mais dispendiosas nas suas installações, para effeitos mais empolgantes pelo seu aspecto externo, não tinham o dom de des-

pertar o interesse commercial, que existe em alta escala nas Feiras de Amostras e nas Exposições —Feiras, de cujos caracteres melhor participa o certamen que a Prefeitura de Victoria tem a satisfação de fazer inaugurar neste momento. Porém no objectivo que se procurava alcançar varios óbices se oppunham, sobresahindo o da difficuldade de area apropriada, sabido que Victoria se caracteriza por sua aspera topographia, alliada á deficiencia suffocante de áreas edificaveis, a não ser em pontos por demais afastados do seu grande centro urbano. Não deveria recahir a nossa escolha em outro local que não fosse este, sob pena de condemnarmos o nosso projecto a um fracasso certo,—pois, debruçando se sobre o mar por meio da curva graciosa de um pequeno caes, a área de terreno preferida tinha a se garantir, assim, o seu principal character, que é o da apazibilidade, além de possuir, ao lado, este grande predio publico que, em sua vasta área coberta, permittiria logo a intallação da maior parte dos *stands* da Feira.

Como nem sempre é possivel levarmos a effeito um empreendimento, garantindo-lhe o exito por suas tres characteristics principaes, o util, o agradavel e o opportuno, tivemos de antecipar de alguns mezes a contribuição do Municipio de Victoria nas festas commemorativas do 4º centenario do povoamento do solo espirito-santense, pois, sendo este predio um estabelecimento de ensino publico, somente durante o periodo das ferias escolares poderia ser levada a effeito a realização deste certamen. Após entendimentos com o Governo do Estado, baixou a Prefeitura o Decreto n. 572, de 12 de maio de 1934, instituindo a Feira de Amostras da cidade de Victoria, e fixando a sua 1ª intallação para o mez de dezembro do

corrente anno. Como consequencia desse decreto, contractou a Prefeitura Municipal a administração dessa 1ª Feira de Amostras com o sr. Pedro Paulo Lanza, que, dentro de alguns instantes, nos irá dizer do plano que estabeleceu para garantia do exito do emprehendimento hoje levado a effeito. Foi, portanto, como disse de início, esse o modo mais eloquente de que poderia lançar mão o Municipio de Victoria para condignamente comemorar os quatro seculos de civilização espirito-santense, de cujo valor faremos, dentro em breve, instantes, uma idéa perfeita, pela palavra erudita e empolgante do illustrado professor Elpidio Pimentel.

Sinceramente, porém, devo accrescentar que um certamen de tal natureza, a actual Prefeitura de Victoria o realiza, porque o considera tambem de grandes effeitos beneficos na vida economica não só do Espirito Santo, como tambem na de todos os outros Estados que conosco mantêm intercambio commercial. Em 1931, dirigindo a Secretaria da Agricultura do Estado, fiz organizar na Estação de Monta, em Morro Grande, pertencente áquella Secretaria, a exposição agro-pecuaria de Cachoeiro de Itapemirim, que foi patrocinada pela Sociedade Rural d'aquella cidade. Já em 1932, quando ainda Secretario da Agricultura do Estado, estabeleci o plano de uma grande Exposição-Feira Estadual, que a revolução constitucionalista e os pesados encargos d'ella decorrentes impediram materialmente a realização. Ainda em 1926, como prefeito de Cachoeiro de Itapemirim, realizei, naquella pitoresca cidade sulina, uma exposição municipal, preparatoria da exposição estadual, que, naquelle anno, o Governo do Estado realizou nesta cidade e neste mesmo local. O exito alcançado pelo Municipio que eu

então dirigia, nesses dois certamens, foi apreciado pela imprensa official desta cidade com o seguinte topico, que peço permissão para aqui transcrever:

«Dos 31 municipios do Espirito Santo, poucos foram os que não concorreram á Exposição e dos que nelle tomaram parte destacaram-se na quantidade e variedade de productos que expuzeram, os que aqui citamos, na ordem do seu maior coefficiente e que são: — Cachoeiro de Itapemirim, Victoria, Itaguassú, Collatina, Pau Gigante, Serra, Villa Velha e S. Pedro de Itabapoana.

Coube, como se vê, o primeiro logar ao municipio de Cachoeiro do Itapemirim, que assim se impõe e sobresahe pelo formidavel desenvolvimento do seu solo, da sua industria manufactureira e fabril e do seu intenso e animador movimento commercial, o que vale por collocar-o em posto de incontestavel destaque entre os restantes municipios espiritosantenses».

Portanto, como confessei já, um outro objectivo orientou o meu espirito de administrador publico ao tentar levar avante o empreendimento que hoje realizamos, — a certeza das vantagens delle decorrentes, do ponto de vista economico e social, em beneficio do interesse publico. As vantagens economicas decorrem logo do contacto que se effectua entre o productor e o consumidor, entre o proprietario da materia prima e o fabricante, entre o grande e o pequeno commerciante, entre o lavrador e o technico experimentado, entre o administrador publico idealista e as estatisticas e graphicos de resultados concludentes. Percorrendo os pavilhões officiaes neste certamen, teremos logo uma demonstração nitida da realidade presente e das possibilidades futuras, se attentarmos cuidadosamente para os *stands* do

café, de um lado e do cacáu, da sericicultura e do algodão, do outro.—Em seguida, sopesando os números das estatísticas que nos demonstram a realidade da produção e do consumo d'esses productos, chegaremos intimamente a conclusões lógicas sobre o cultivo d'aquelle primeiro producto, que não pode fugir a estes tres caracteres principaes que denominaremos dos tres *bb*: *bom, barato e bastante*, e obteremos tambem uma demonstração segura das nossas grandes possibilidades quanto aos outros tres. Pelas estatísticas que defrontaremos sobre o cacáu, a sêda e o algodão, veremos que estes tres productos, racionalmente cultivados, têm probabilidades seguras de exito para a lavoura espirito-santense, e que, em um espaço de tempo muito menor do que aquelle que é licito imaginar, elles poderão proporcionar ao Espirito Santo um equilibrio estavel para a sua economia publica, desviando-o, ainda em tempo, d'essa instabilidade financeira que a monocultura acarreta para o erario publico e para a bolsa particular. Outras possibilidades se nos apresentarão ao percorrermos os mostruarios dos diversos pavilhões, porém eu peço permissão para insistir naquelles a que me referi, porque, sobre serem productos de garantida cultura em o nosso Estado, porque, possuímos terras ainda inexploradas em grandes extensões e que se prestam admiravelmente a este genero de lavoura, são, além disso, generos de grande necessidade e cuja produção actual ainda fica aquem do consumo mundial para uns, como a sêda e o cacáu, e porque para o outro, o algodão, temos a possibilidade de concorrer, em preço e qualidade, com os maiores centros productores do mundo e que se acham localizados na America do Norte. A produção do algodão em São Paulo, pelo seu baixo

preço e por sua apreciavel qualidade, já vem influindo tão marcadamente no mercado mundial do ouro branco, que as grandes firmas exportadoras americanas já pensam em estabelecer lavouras proprias em alguns Estados brasileiros, conforme nos dão noticia os ultimos telegrammas recebidos e publicados pela nossa imprensa.

Para nos capacitarmos do que linhas atraz affirmei, basta saber que, ao longo dessa grande extensão de terras altas, que a E. F. Leopoldina percorre em sua maior parte, e que estavam destinadas a se cobrirem eternamente da samambaia, symbolo de terreno sáfaro, a cultura da amoreira e a criação do bicho da sêda encontraram a sua zona apropriada de producção, como talvez não se encontre em nenhum dos paizes europeus e asiaticos, dentre aquelles considerados melhores productores da sêda.—Basta assignalar que em nossas terras os ovulos de lagartas podem germinar, em 3 e ás vezes 4 epocas do anno, ao passo que, naquelles paizes, a producção vae ao maximo de duas vezes por anno.—Em o nosso baixo Rio Doce que, sem favor algum, poderiamos comparar ás terras fertilissimas do baixo Nilo—encontramos o verdadeiro *habitat* do cacáu.—Segundo um artigo que tive oportunidade de publicar no numero especial do “Diario da Manhã”, commemorativo do 4º anniversario do governo do sr. Interventor Federal neste Estado, resaltei o facto da producção de cacáu do nosso Estado já estar chamando a attenção das classes conservadoras do grande Estado da Bahia, que, em seu territorio, possui a segunda zona productora de cacáu do mundo. Si podemos produzir o melhor cacáu, si o Governo do Estado confere, gratuitamente, terras a quem se dedicar a essa lavoura, e si o cacáu sae dos nossos portos,

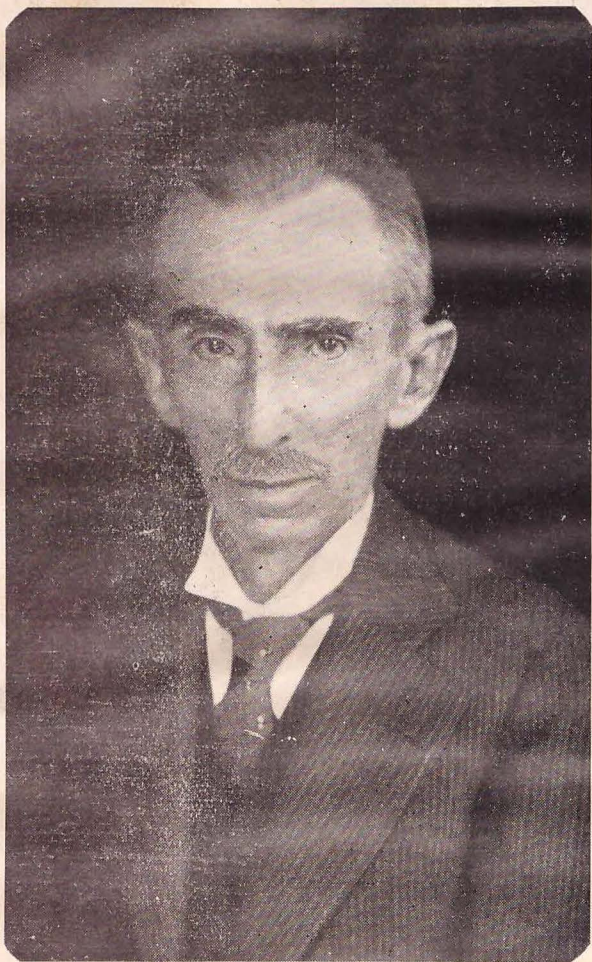
livre de impostos, quando, na Bahia, elle deixa os postos de embarque já onerado com mais de 20 % do valor do seu producto, em taxas e impostos, que perspectiva admiravel não possuem os espirito-santenses, para se livrarem rapidamente do perigo latente da monocultura do café!

Quanto ao algodão, poderemos, dentro em breve, seguir o exemplo formidavel do grande Estado de São Paulo. As terras baixas, littoraneas, de Serra, Santa Cruz, Timbuy, Riacho e S. Matheus, prestam-se perfeitamente á cultura do ouro branco. Tão auspiciosamente têm sido as experiencias levadas a effeito em Santa Cruz pelo seu prefeito, que este não trepidou em installar, na séde de seu municipio, uma fabrica de oleos, que será alimentada com as sementes do algodão que aquella zona já produz.

Do ponto de vista social é a seguinte a vantagem das realizações periodicas de apprehendimentos como esse que ora installamos: chamar a attenção do brasileiro para a *realidade brasileira*, que, segundo a phrase de um grande compatricio, se resume em poucas palavras: *rumo aos campos*. Emquanto tivermos campos para lavar, é um crime, penso eu, desperdiçar capitaes, braços e tempo em algumas industrias que só podem viver com a protecção escandalosa e anti-economica das barreiras alfandegarias, provocando o exodo dos campos e accarretando aos grandes centros urbanos a complexidade das innumerables questões sociaes.

Justificando, assim, a necessidade das breves palavras do Prefeito de Victoria, nesta solemni-
dade, eu termino agradecendo aos srs. Prefeitos Municipaes que se dignaram adherir a esta 1.^a Feira de Amostras da cidade de Victoria, emprestando o seu concurso para maior realce d'esta

realização.—Aos srs. expositores, de um modo geral, estendo tambem os agradecimentos da Prefeitura de Victoria, desejando-lhes completo exito durante o funcionamento deste certamen.



DR. ANTONIO ATHAYDE

Presidente honorario do Instituto Historico e da comissão
encarregada das commemorações do 4.º Centenario.

Discurso pronunciado pelo exmo.
Snr. Interventor Federal, Cap. J. Puna-
ro Bley.

Senhores.

E' com intenso jubilo que presido a cerimonia de installação da primeira Feira de Amostras, instituida pôr iniciativa da Prefeitura de Victoria, e commemorativa do 4º centenario do povoamento do sólo espirito-santense.

E o faço como gestor dos negocios publicos estaduaes, a quem são commetidos, na phase actual da vida do Paiz, não só a responsabilidade do progresso desta formosa parcela da communhão brasileira, como tambem, da educação, do bem estar e da tranquillidade e segurança dos seus habitantes.

E' um acontecimento de alta significação para todos nós.

Sem palavras fantasiadas de rethorica, mas movido apenas pelo enthusiasmo, que jamais recusamos ás iniciativas opportunas e fecundas, rendemos hoje nossa homenagem comovida ao esforçado trabalho dos obreiros do actual progresso espirito-santense, como tambem áquelles que, em épocas remotas, em porfiadas lutas contra o gentio feroz e a natureza hostil, conquistaram e colonizaram essas maravilhosas e uberrimas terras, que constituem hoje o prospero e rico Estado do Espirito Santo.

As Feiras de Amostras objectivam, actual-

mente, oppportunidades inadiaveis de propaganda para os paizes ou Estados, que desejam viver e prosperar.

Na época presente, quando as rivalidades economicas attingem a limites não previstos, a victoria pertencerá áquelles que não recuarem deante de nenhum esforço para affirmar a sua vitalidade, augmentando e melhorando sempre a sua producção.

O numero crescente desses certamens demonstra até que ponto esse meio moderno de expansão corresponde ás necessidades da nossa época.

A França com as suas feiras de Lyon, Pariz e Bordeaux. A Allemanha com as de Leipzig e Francfort. A Italia com as de Milão e Bari. Os Estados Unidos com a formidavel feira de Chicago. As iniciativas tomadas pelo Districto Federal, S. Paulo, Paraná, Bahia, Pernambuco e outros Estados, nesse mesmo campo de actividade, attestam claramente a importancia do acontecimento no campo da propaganda e do commercio.

E' mistér que se impulsionem desta fórma as fontes de riqueza do paiz, demonstrando ás gerações presentes o que o homem realiza, e delineando, ás gerações vindouras, o roteiro que leva ao porto da liberdade, do trabalho, da luz e da justiça.

Do sólo uberrimo de nossa Patria e do espirito constructivo dos seus filhos, estão surgindo os sustentaculos do Brasil de hoje, que serão nosso orgulho, nossa opulencia, nossa gloria de amanhã.

A prosperidade, a grandeza das nações repousam na acção constante das suas forças vivas. E não se póde demonstrar, ao julgamento do publico, melhor indice de trabalho, senão desta fór-

ma, em que se faz resaltar, sob variados aspectos, a prodigalidade da Natureza e a energia de nossa gente.

Tenho esperanças de que o Espirito Santo, mercê da fecundidade de seu sólo e do animo emprehendedor de seus filhos, sentirá, num futuro que se não distancia muito, despojado dos grilhões que lhe vêm refreando os passos na jornada gloriosa, os effeitos beneficos desta iniciativa feliz. Para esse objectivo, porém, não se pode prescindir da collaboração de todos, em harmonia com os poderes publicos.

Meus sehores,

A primeira Feira de Amostras, que se vae inaugurar neste momento, marcará, por certo, um capitulo notavel na historia da vida economica do Estado.

Ella terá a suprema virtude de despertar as energias adormecidas e restabelecer a fé nos espiritos menos optimistas. E os beneficos que advirão daqui, determinarão novos rumos á politica de expansão economica do nosso Estado.

Congratulo me, pois, com o dr. Seabra Muniz, operoso Prefeito desta Capital, pelo exito alcançado neste empreendimento e faço os melhores votos para que o Espirito Santo venha sentir, num futuro bem proximo, os beneficos emanados desta obra de tão grande alcance na vida dos povos.

Discurso pronunciado pelo sr. Pedro Paulo Lanza, na solemnidade da inauguração da 1.^a Feira de Amostras de Victoria.

“Exmo. sr. Interventor Federal, dignissimos auxiliares do Governo; senhores representantes da Imprensa; senhores expositores; minhas senhoras e meus senhores.

Como sabeis e vou repetir, as Feiras de Amostras não se resumem na exhibição dos variados productos de uma determinada região. A instituição dellas representa um passo avançado do nosso paiz para os grandes destinos a que está fadado. Ellas facilitam ao productor a oppor-tunidade de mostrar ao publico de bom gosto, aquillo que produz e do produzido, o colleccionado, havido de triumpho, anhelante de gloria.

As nações civilizadas já ha muito se interessam e cuidam efficaçmente das Feiras de Amostras, cujo objectivo é o desenvolvimento das trocas mercantis e uma approximação mais viva e cordial entre os estados e nações que nellas tomam parte. Tal como se dá no velho mundo e na America do Norte, as Feiras de Amostras têm a vantagem de attrahir gentes de todas as partes, quer nacionaes, quer estrangeiros, pois numa área estreitamente limitada congregam-se centenas de variados productos, que ficam ao alcance da vista, da inspecção e do estudo de milhares de pessoas. As feiras (o nome está indicando), são mercados

onde se iniciam e se levam a effeito todos os negocios licitos, de accordo com as leis vigentes no intercambio civilizado do mundo inteiro. Cada expositor tira, apenas, de seus stocks, as amostras dos productos que tem para vender. Os compradores fazem-lhe propostas e realizam transacções independentemente de gravame e taxas de qualquer especie. Nas Feiras pode figurar tudo que o genio humano tem criado e aperfeiçoado. Tal é o objectivo da 1.^a Feira de Amostras da Cidade de Victoria que, graças ao apoio forte e sadio do benemerito governo espirito santense, inaugura-se hoje, nesta Capital, da qual fomos os organizadores e para cujo desempenho perfeito ha sete meses vimos trabalhando com maior ardor. Muito tivemos que fazer para que pudessemos, dentro desse periodo de tempo, apresentar-lhes uma resenha dos multiplos productos do paiz, notadamente deste Estado, cujo progresso é inconteste e já vae impressionando agradavelmente a quantos se interessam pela grandeza espirito-santense. Instalando o Commissariado nesta capital, em maio do corrente anno, o nosso primeiro passo aqui foi mandar delegados a todas as praças do Brasil, mesmo as mais distantes, aos quaes, segundo instrucções nossas, cabia a tarefa de dizer aos productores as vantagens das Feiras de Amostras e convencer mesmo os mais avessos a ellas da necessidade de concorrerem á que se ia realizar neste Estado. Nessa campanha, a primeira e a mais tenaz, tivemos o auxilio do exmo. sr. Interventor Federal, neste Estado. A elle devemos e muito; a elle consignamos o nosso profundo reconhecimento.

Emquanto, por um lado, os nossos prepos-
tos iam divulgando as instrucções recebidas, o

Commissario communicava-se com todas as associações de classes, de dentro e de fóra do Estado, pedindo as suas luzes para a grande Empreza que tinhamos em vias de realização. Igual appello fizemos á imprensa e foi com jubilo que a vimos attender-nos. na sua quasi totalidade, sendo muitos os jornaes dos Estados que, por varias vezes, se referiram a esta Feira de Amostras, sempre generosos na sua apreciação. Tambem os jornaes do interior e desta capital acudiram ao nosso appello e estamparam boas noticias, chamando a attenção dos productores espiritos-santenses para este certamen. A todos, pois, o testemunho da nossa gratidão.

Do dr. Augusto Seabra Moniz, muito digno prefeito desta capital, cujo apoio moral já era tudo, tivemos a concessão deste serviço, e mais ainda o local, caprichosamente aparelhado, num dos pontos mais apraziveis desta formosa metropole espirito-santense, com pavilhões amplos e artisticos, onde os senhores expositores se sentirão confortavelmente bem. Si, pois, por um lado o nosso empreendimento foi pesado e requereu esforço inaudito e grande pertinacia, por outro lado, a nunca arrefecida boa vontade do exmo. sr. Interventor neste Estado e de seus dignos auxiliares, foi um grande estimulo que nos não deixou um só momento descrever do exito que planejamos, quando fomos incumbidos, pela Prefeitura Municipal de Victoria de organizar e dirigir este certamen. Nos quatro pavilhões que se vêm aqui agrupados figuram productos dos departamentos officiaes do Estado, das Prefeituras Municipaes espirito-santenses, de industriaes e commerciantes deste Estado e de outros Estados do Brasil. Cabe, neste momento, sem favor, uma referencia de elogio e de agradecimento ao honrado

commercio brasileiro e á sua industria. Sem o auxilio desses elementos, estamos seguros, quasi nada poderiamos ter feito. Quizemos trazer as atenções bem voltadas para este certame, e para isso procuramos collocar neste recinto tudo quanto fosse capaz de contribuir para despertar o interesse do povo.

Exmo. sr. Interventor, pedindo a vossa excellencia para inaugurar a Primeira Feira de Amostras da Cidade de Victoria, é nosso desejo sincero que outras se succedam a esta, em breves tempos, dando ensejo a que a producção espirito-santense, com todas as suas immensas riquezas, possa estar sempre sendo vista, para gaudio dos espirito-santenses, que devem se orgulhar do que possuem, e para que o Espirito Santo, sob seu elevado e patriotico governo, se torne nos ramos das Feiras de Amostras um dos principaes Estados do Brasil.

COLONIA DE ITANHENGA

Iniciando o programma das commemorações do 4.º centenario do povoamento do solo Espirito Santense, o governo do Estado inaugurou a Colonia de Itanhenga para isolamento de leprosos, melhoramento de vulto, realizado com a cooperação do governo federal.

As obras da Colonia de Itanhenga foram iniciadas sob a direcção do constructor dr. Celestino Quintanilha, em março do anno findo. Para a sua construcção fez se primeiramente o preparo do terreno, tendo sido desmontados cerca de quinze mil metros cubicos de terra.

Fez depois o encarregado da grande obra cerca de mil e duzentos metros de estrada dentro da Colonia, para o transporte do material necessario á construcção dos pavilhões.

A construcção compõe-se de dez pavilhões "Carville" para hospitalização dos enfermos.

Esses pavilhões têm capacidade para 200 enfermos. E mais trez pavilhões: o de clinica, com laboratorio e salas de operações; o do refeitório; e o da lavanderia. Estes tres pavilhões já têm montados todos os machinismos, que são dos mais modernos. A montagem dos tres pavilhões, feita sob a orientação do dr. Pedro Fontes, ficou em duzentos contos de réis.

O leprosario tem agua em abundancia. Mas para isso foi precisa a construcção de uma caixa,



DR. ARNULPHO MATTOS

Presidente do Instituto Historico, eleito e empossado
em Junho de 1935.

que é toda de cimento armado, com capacidade para 140 metros cubicos de liquido.

Foi tambem feita a galeria de esgotos com 1.100 metros. No leprosario construiu-se uma fossa que serve a todos os pavilhões.

Para a construcção da Colonia foram dispendidos para mais de seiscentos contos de réis.

Mas as obras proseguirão ainda. A colonia terá mais alguns pavilhões, onde serão installadas a Escola, a Igreja, o Centro de Diversões. Haverá, ali, um campo de sports e serão, aos poucos, introduzidos outros melhoramentos, de modo a tornar a Colonia de Itanhenga um estabelecimento modelar, que offereça as maiores commodidades e relativo conforto aos doentes.

Publicamos, a seguir, alguns dos discursos pronunciados por ocasião da cerimonia da inauguração, que se fez com a presença do ex. sr. Governador do Estado, altas autoridades estaduais, federaes e municipaes e grande numero de convidados.

Discurso pronunciado pelo dr. Pedro
Fontes, chefe do Serviço de Lepra e Do-
enças Venereas, no Estado:

Exmo. sr. Governador do Estado:

Prof. Antonio Aleixo, chefe do Serviço de
Prophylaxia de Lepra e representante do governo
de Minas.

Dr. Ernani Agricola, director do Serviço Sa-
nitario nos Estados e representante do Ministerio
da Educação, dr. Heraclides Souza Araujo, repre-
sentante do Centro Internacional de Leprologia.

Srs, representantes das altas autoridades dos
diversos Estados.

Minhas senhoras.

Meus senhores.

Quando assumi a Chefia do Serviço de Pro-
phylaxia da Lepra e Doenças Venereas neste Es-
tado, em 1927, considerei facil a missão que o Di-
rector do Departamento Nacional da Saude Publi-
ca, dr. Clementino Fraga, me havia confiado.

As estatisticas registravam apenas 22 lepro-
sos, o que equivale dizer que, praticamente, não
havia lepra no E. Santo.

Depois de algum tempo, convenci-me de que o
numero de leprosos era, infelizmente, maior.

Fiz, em 1928, um inquerito, tendo percorrido
todas as localidades do Estado, para entender-me
com os medicos e pharmaceuticos locais e assim
avaliar o indice endemico de cada região.

Findo o inquerito, calculei, em officio que dirigí á Inspectoria da Lepra, em 150 o numero de doentes.

Iniciei, depois, o recenseamento e elle foi, desde logo, mostrando que o numero de leprosos seria bem superior ao meu calculo.

Desde então, convenci-me de que era indispensavel e urgente a creação de um leprosario neste Estado.

Todos os esforços empreguei nesse sentido, sem nunca esmorecer.

Com o exmo. sr. dr. Aristeu Aguiar, ex Presidente do Estado, tive varios entendimentos a respeito, que deram em resultado a aquisição da Ilha da Cal para um leprosario de emergencia e a promulgação de uma lei, autorisando o Governo a construir um leprosario.

Logo no inicio do Governo Revolucionario solicitei do exmo. sr. Interventor Federal o isolamento dos leprosos contagiantes que perambulavam pelas ruas, esmolando de casa em casa, e dos que exerciam profissões que favoreciam o contagio.

O sr. Interventor attendeu-me promptamente, tendo sido installado, na Ilha da Cal, um leprosario de emergencia, que está funcçãoando até hoje, tendo actualmente 30 doentes.

Activado o recenseamento, fichados cerca de 500 leprosos, a creação de uma colonia era uma providencia prophylactica que se impunha.

Sem ella não seria possivel ao Serviço de Prophylaxia da Lepra desincumbir-se da sua difficil e patriotica missão.

Bem comprehendendo os deveres do meu cargo, não deixei jamais de trabalhar nesse sentido.

Repetidas vezes appellei para o Governo Federal e para o Governco do Estado até que, por

ocasião da visita do dr. Heraclides de Souza Araujo, que viera em missão do Ministerio da Saude Publica inspeccionar os Serviços da Lepra no Norte do paiz e apresentar um plano de combate a essa enfermidade, ficou resolvida a criação de uma colonia de leprosos, neste Estado, em uma conferencia que eu e elle tivemos com o exmo. sr. Capitão Bley.

Ficou combinado que o Estado daria o terreno necessario e o dr. Souza Araujo interviria junto ao Governo Federal para que fossem concedidos, pela renda do sello de educação, quatrocentos contos ao E. Santo.

O sr. Interventor ampliou logo depois a sua offerta, compromettendo-se a fornecer tambem as installações de agua, luz, energia electrica e telephonica.

Mandou ainda que ficasse á minha disposição, para auxiliar a escolha do terreno, um tecnico da Secretaria da Agricultura, sr. Carlos Rosa, e que a Secretaria fornecesse meios de transporte para as nossas viagens.

Durante mais de dois mezes percorremos minuciosamente varios pontos do Estado.

Diversos terrenos foram estudados até que escolhemos, guiados por uma indicação do dr. Afonso Schwab, o sitio de Itanhenga, que foi logo visitado pelo exmo. sr. Interventor e acceito para a fundação da Colonia.

Escolhido o terreno, recebido da União o primeiro auxilio de 100:000 \$000, resolvi visitar os leprosarios do Districto Federal, Minas Geraes e S. Paulo para escolher o typo de colonia que melhor nos conviesse.

Recebido fidalgamente pelos respectivos Chefes de Serviço, visitei varios leprosarios e resolvi adoptar, na Colonia de Itanhenga, installações

idênticas ás da Colonia Piratingui, em São Paulo, que é um leprosario moderno e economico.

Trouxe, fornecidas pelo Serviço Sanitario de S. Paulo, plantas de todas as edificações dessa Colonia, principalmente pavilhões Carville, refeitórios, pavilhão de clinica, etc., que entreguei ao Governo do Estado.

Algumas dessas plantas, como os pavilhões typo Carville, foram integralmente executadas; outras, como a do refeitório e do pavilhão de clinica, soffreram modificações na Secretaria da Agricultura.

Com os dados que obtive na visita que fiz aos leprosarios do sul, dos quaes trouxe diversas plantas, organizei, de accordo com as condições locais e os recursos que poderíamos contar a planta geral do leprosario.

Collaborou na organização dessa planta, com dedicação, o sr. Carlos Rosa, da Secretaria da Agricultura.

Submettida á apreciação do exmo. sr, Interventor, foi acceita e adoptada para a construcção da Colonia de Itanhenga, que foi logo iniciada.

Nunca deixei de interessar-me por essa construcção, taes os beneficios que eu antevia para os leprosos.

Assim comprehendendo, pedi e obtive do Departamento Nacional do Café, 3.000 saccas de café e á Prefeitura de Victoria 25:000 \$ 000, que foram entregues ao Governo do Estado para auxiliar a construcção da Colonia.

Intervi junto ao Director do Departamento Nacional de Saude Publica para que o E. Santo fosse melhor contemplado na distribuição da renda do sello de educação.

Solicitei ao Governo do Estado varios decretos beneficiando a Colonia.

Dei, enfim, outras providencias que bem demonstram o interesse que sempre tive para que se transformasse em realidade a feliz iniciativa do Serviço de Prophylaxia da Lepra, como é do conhecimento do exmo. sr. Governador, porque innumeradas vezes acerquei-me de sua mesa de trabalho para tratar do assumpto.

Assim sendo, é facil avaliar o jubilo que hoje sinto com a inauguração desta Colonia, que será a arma mais efficiente de combate á lepra.

Ella representa uma risonha perspectiva para os trabalhos de Prophylaxia da Lepra neste Estado e tudo leva a crer que, se não faltar o auxilio dos poderes publicos, dentro de um decennio será bem diverso o problema da lepra no E. Santo.

Louvores merece, pois, o Governo do Estado, na pessoa do Capitão Bley, pelo apoio e decisivo auxilio que prestou á construcção deste leprosario — fornecendo o terreno e as installações de agua, luz, energia electrica e telephone; concedendo credito para indemnizar as bemfeitorias existentes na área medida; reforçando, com o prestigio da sua autoridade, os pedidos de auxilio que dirigi ao Governo Federal, ao Departamento do Café e á Prefeitura de Victoria e que foram, com a sua intervenção, attendidos; tomando todo o interesse pela construcção da Colonia, que foi directamente superintendida por s. excellencia e repetidamente visitada; concedendo ao Serviço de Prophylaxia da Lepra as verbas que para o mesmo solicitei, afim de ampliar os trabalhos do recenseamento; incluindo, no orçamento deste anno, 200 contos para custeio da Colonia, além de providencias outras que longo seria enumerar, entre as quaes o decreto, ha pouco tempo publica-

do, isentando a Colonia de Itanhenga das taxas de agua e telephone e concedendo-lhe, por conta do Estado, luz e energia electrica.

Tudo isso recommenda o Capitão Bley como um grande amigo dos leprosos.

Elle faz jus á gratidão dos espiritosantenses pelos grandes serviços que prestou ao Estado, fornecendo, com solicitude e interesse, os elementos necessarios ao combate de uma das mais graves e inexoraveis enfermidades.

Os nossos mais eminentes leprologos teem o Capitão Bley na conta de um dos Chefes de Estado que mais se interessaram pelo problema da lepra no Paiz e a Conferencia Nacional de Leprologia, quando reunida no Rio de Janeiro, votou uma moção de applausos ao seu Governo.

O Serviço de Prophylaxia da Lepra, que tenho a honra de dirigir ha oito annos, sente se feliz em reconhecer os nobres e philantropicos sentimentos do Capitão Bley e manifestar a sua excellencia, bem como aos seus dignos secretarios, especialmente, dr. Mario Aristides Freire e Capitão Wolmar Carneiro da Cunha e aos illustres membros do Conselho Consultivo, nesta hora de alegria, todo o seu reconhecimento pelo auxilio que sempre deram e que lhe permittiu realizar o seu humanitario e patriotico objectivo.

Louvores tambem merece o Governo Federal, na pessoa dos drs. Washington Pires e Gustavo Capanema, bem como dos seus dignos auxiliares drs. Raul Magalhães e Ernani Agricola, pela ajuda que prestaram á Colonia de Itanhenga, fornecendo, em diversas parcellas, a quantia de 500 contos.

O Departamento Nacional do Café, pelo seu digno Presidente dr. Armando Vidal, tornou-se

credor da gratidão dos espirito-santenses pela sua valiosa contribuição, doando 3.000 saccas de café, que foram vendidas pelo Governo do Estado e applicadas na construcção da Colonia.

A Prefeitura de Victoria, por decisão do seu ex-Prefeito dr. Augusto Seabra Muniz, concedendo 25:000\$ 000 para a construcção de um pavilhão Carville, eguaes louvores merece.

Cumpre destacar os nomes dos drs. Salles Gomes, Antonio Aleixo, Oscar Silva Araujo, Joaquim Motta, Theophilo de Almeida e Heraclides Souza Araujo, que foram collaboradores dedicados desse grande empreendimento.

Ao dr. Souza Araujo, deve o Espirito Santo o impulso inicial desse melhoramento, que é, pode se dizer, fructo de sua viagem ao Norte do Paiz, em commissão do Ministerio da Saude Publica.

Ao dr. Ernani Agricola temos que agradecer as installações da Colonia.

Graças á sua intervenção amiga e dedicada, foram concedidos no fim do anno passado, 300 contos para essas despesas.

A firma Antenor Cuimarães & Cia. deu valiosa contribuição á installação desta Colonia, transportando gratuitamente todo material adquirido no Rio.

Igualmente a Comp. Estrada de Ferro Victoria a Minas, que deu transporte gratuito ao material adquirido no interior.

A v. exa., sr. Capitão Bley, compete, como primeira autoridade do Estado e principal animador desse bello empreendimento, declarar inaugurada a Colonia de Itanhenga.

Coração aberto á pratica do Bem; Governo que teve sempre em seu programma melhorar os serviços de assistencia social; brasileiro que bem



DR. HERACLITO PEREIRA
Secretario perpetuo do Instituto Historico.

comprehendeu quanto a lepra, que é hoje apanagio dos povos incultos, avilta nossa Patria — avallio bem o contentamento que v. ex. sentirá entregando ao Serviço de Prophylaxia da Lepra, para completar o seu aparelhamento technico, a Colonia de Itanhenga.

Que as benções do céu o acompanhem sempre pelos grandes beneficios que durante o seu honrado Governo prestou aos infelizes leprosos, minorando-lhes os soffrimentos, dando-lhes conforto e tratamento, permittindo, enfim, que nos seus corações, onde a dôr impera e a alegria não existe, surja a esperanza, senão a certeza, de melhores dias.

A MISSA CAMPAL EM VILLA VELHA

Discurso pronunciado pelo revmo.
padre Ponciano Stenzel dos Santos.

“Exmo. sr. Governador do Estado; Exmo. sr.
Bispo Diocesano; Distinctas autoridades presen-
tes; Povo capichaba.

Revivendo o passado, procuremos despertar
a visão historica que illuminou o berço desta ter-
ra e banhou de illuminuras de gloria os corações
transpassados pela claridade prophetica de um
ideal que não morre.

Terra capichaba!... Um dia, embalada nos
suaves sonhos de tua infancia, só vias a tribu e o
tacape; depois, remirando as matas que bordejam
teus rios e teus lagos, viste emergir, neste gran-
dioso scenario de tua natureza, desde as margens
do Itabapoana até as aguas do Mucury, desde as
ondas esmeraldinas do Oceano até ás florestas
do Rio Doce, figuras homericas que, com seus fei-
tos e virtudes, cimentaram tua grandeza historica.

Acompanhemos o desfilar desses varões il-
lustres, ouçamos o palpar dessa vida, que a
alma de um tempo e a expressão de um seculo,
para que possamos avaliar o quanto devemos ao

passado e como se tornou elle credor das gerações do presente e do futuro.

Rememoremos quatro seculos de existencia, que fizeram do Espirito Santo, apesar de pequeno, um dos mais prosperos da União Brasileira.

FUNDAÇÃO DO ESPIRITO SANTO

Estava-se a 23 de maio de 1535.

Celebrava, naquelle dia, a Igreja Universal a festa do Divino Espirito Santo. Algumas caravelas singravam airozas as ondas do Oceano, tendo por guia o pico de um monte muito elevado da Costa.

Poucas horas mais e as embarcações primitivas abicavam a uma enseada em forma de pequena bahia. Salta em terra a tripulação: Homens bronzeados pela lucta com as ondas, ao todo sessenta valorosos que vinham enfrentar um mundo desconhecido...

Era Vasco Fernandes Coutinho, o aguerrido companheiro de Affonso de Albuquerque nas conquistas em procura do Reino mysterioso de João Prestes; era o Capitão de navio e Alcaide-mór que levava vida retirada no solar de Alemquer.

O valoroso cavalheiro fidalgo não resiste á fascinação da aventura; vende seus haveres a troco de um navio ao Estado, contrae empréstimos, contracta companheiros e, acompanhado ainda pelos fidalgos degredados Simão de Vasconcellos e Jorge de Menezes, e mais tarde na Bahia, Duarte de Lemos e Valentim Nunes, vae em demanda a tomar posse de sua Capitania, doada por D. João III, em virtude dos seus trabalhos prestados ao Estado nas campanhas da India.

O pico que os orientava em demanda destas

plagas era o que depois veio a se chamar Mestre Alvares e o lugar onde desembarcaram foi na hoje Ponta do Tubarão, ao norte do Monte Moreno.

Os índios ao avistarem aquelles homens vestidos e calçados de botas ficaram surpresos e exclamaram: "Mboab", nome que passou ao depois, na gíria dos índios, a ser dado á nova habitação.

Apesar da opposição dos naturaes, Vasco Coutinho não achou difficuldade em pol-os em fuga e dar principio á nova povoação do Espírito Santo.

Não demorou muito que o povoado nascente despertasse aos encantos da nova Capitania para um verdadeiro progresso. Coutinho, sempre activo, mandava erguer cabanas, distribuir sementes, rodar engenhos de canna e, logo depois, via-se como que nascer do sólo uma bizarra Igreja, que recebia por patrono S. João, em memoria do monarcha reinante.

Para se prevenir contra as surpresas dos índios e mesmo dos corsarios que infestavam as costas do Brasil, fez erguer, no campo de Piratininga, uma fortaleza, sufficientemente municuada, mais ou menos no lugar onde hoje existe o forte de S. Francisco Xavier.

Sendo que Vasco Coutinho vinha com verdadeiros direitos de grande senhor, podendo julgar e condemnar os remissos á morte, mandou erguer um pelourinho e forca em uma ilha diante, que, até o dia de hoje, se denomina de "Ilha da Forca". Neste lugar foram sentenciados muitos índios e tambem portuguezes.

Vasco Coutinho foi residir em uma habitação bastante confortavel para o tempo, e que mandára construir, logo que chegou, ficando situada no lugar, chamado até cincoenta annos atraz, de

"Sítio do Ribeiro". Dali governava Coutinho sua nova Donataria, dando ordens e enviando, de vez em quando, pequenos troços de homens armados para fazer pesquisas nas redondezas e mesmo mais para o interior.

Vasco Coutinho tinha interesse em fazer explorações, porque a Carta Régia de 1 de Junho de 1534 lhe demarcava as cinquenta legoas de Costa a partir da Donataria de Pedro Campos Tourinho, contando todas as ilhas na distancia de dez legoas para o mar, mas para o sertão, reza a Carta, "entrarão na mesma largura pelo sertão e terra firme a dentro, tanto quanto puderem entrar e fôr de sua conquista"... Daqui se depreende que era do interesse de Coutinho augmentar quanto antes suas possessões para o interior.

PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES

Pelos começos de Junho do mesmo anno de 1535, alguns povoadores dos mais destemidos, embarcados em lanchões, deram-se a investigar os arredores. Subindo pela barra, julgaram que o braço do mar fosse um rio e, apesar de incomodados pelos indios, conseguiram desembarcar, no dia 13 de Junho, no campinho proximo ao lugar, depois chamado Caleiras. Como era dia de Santo Antonio, deram á nova ilha o nome de "Ilha de Santo Antonio", nome que ainda hoje se dá ao arrabalde de Victoria que está situado no lugar do desembarque.

Pelo fim do mez outros exploradores por terra, foram abrindo picadas, sertão a dentro, em direcção ao Mestre Alvares, chegando até aos arredores do lugar, onde está hoje a cidade da Serra.

Afim de despertar o interesse de novas explorações, começou Vasco Fernandes Coutinho a

fazer doações de terras aos que mais se distinguiram. Assim, concedeu a Jorge de Menezes a hoje chamada "Ilha do Boi", a Valentim Nunes a denominada mais tarde "Ilha dos Frades", a Duarte Lemos a grande "Ilha de Santo Antonio" e a Pedro Silveira terras onde está, no presente, o municipio de Itapemirim.

Muitas outras doações, que iam sendo feitas, pouco ou nada adiantavam, porque os seus possuidores, não dispendo de recursos, nem podiam cultivar-as e nem resistir ás continuas correrias das tribus indigenas, que tudo destruiam e incendiavam em sua passagem.

Vasco Coutinho, vendo todos os recursos que trouxera de Portugal já quasi exauridos, pensou que, comprehendendo uma viagem á Patria, poderia vir novamente bem aprestado para novas conquistas, mal pensando que não seria só pelos recursos materiaes que enfrentaria um novo mundo de difficuldades, erro este que reconheceu mais tarde, favorecendo a vinda de religiosos para as terras da nova Capitania.

A COMPANHIA DE JESUS NO ESPIRITO SANTO

Estava destinado a essa benemerita instituição de Santo Ignacio ser a grande formadora da alma de nossa nacionalidade, educando o indio inculto e procurando por todos os meios trazê-lo á luz da civilização.

E' com muito acerto que diz a pena insuspeita de Latino Coelho, na moldura verbal em que enquadra a realidade historica, já hoje reconhecida por todos os homens de bem, que "mais do que á fortuna das quilhas descobridoras, e á bizzaria das espadas aventureiras, se deve a conquista do Novo Mundo á pregação da palavra

evangelica. O missionario utilizava, santificando-a, a victoria dos conquistadores. Sobre as feridas que abriam as guerras, o balsamo da religião manava, sanando-as, copioso e benéfico. E eram, pelo commum, os Jesuitas os emissarios da lei divina. No grangeio da civilização européa, em terras de conquista ultramarina, era a espada que sulcava o torrão virgem, mas era o missionario quem dispunha a semente e a abrigava cuidadoso. Trabalhando pelo evangelho, eram ao mesmo tempo os jesuitas a milicia da civilização americana”.

Que a Companhia de Jesus tenha sido o factor preponderante do desenvolvimento e progresso da Capitania, não resta a menor duvida. Até o anno de 1551, em que, por ordem do P. Manoel do Nobrega, vieram para aqui os primeiros jesuitas, o povo nunca assistia a santã missa, nem recebia os sacramentos, a não ser quando algum galeão tocava o porto de passagem, trazendo entre a equipagem algum sacerdote.

Qual não foi o contentamento da população incipiente, ao ver no, dia 23 de março de 1551, aqui abordarem o padre Affonso Braz e seu companheiro, o irmão José de Paiva. O povo não tinha, d'ora em diante, de fazer suas orações sózinho, na Capella do Rosario, em Villa Velha, nem na igreja de Santa Luzia, na fazenda de Duarte de Lemos.

Poderemos dividir a actuação dos jesuitas na Capitania do Espírito Santo em tres notas salientes. Primeiramente elles se nos apresentam como heroicos fundadores de aldeamentos de indios; em segundo lugar como apaziguadores das tribus mais ferozes, que de continuo ameaçavam a tranquillidade dos colonos; em terceiro lugar, cohibindo a muitos colonos, e catechizando os indios

conservaram a unidade da Capitania, fazendo-a triumphar das maiores difficuldades.

Começou logo o padre Affonso Braz a catechese dos indios em Villa Velha, e tendo o donatario mudado, mais tarde, sua residencia para a Ilha de Duarte de Lemos, hoje Victoria, começou o missionario a igreja do Convento e uma casa para um seminario, nome que se dava, então, aos collegios de padres.

A cidade, hoje, de Victoria, já então morada do donatario, começou a prosperar com o novo Collegio, que viu logo ao seu redor muitas casinhas, quatro engenhos de assucar e grandes vinhedos e cannaviaes.

Vivia a população naquella vida pacata, quando, a 8 de setembro, os indigenas cahiram de surpresa sobre a ilha e começaram a destruir e matar. Refazendo-se do susto, animado pelos padres e principaes da Villa, começaram a oppôr resistencia, conseguindo, emfim, a victoria decisiva, em memoria de cujo triumpho a então Villa Nova ou de Duarte de Lemos começou, até o dia de hoje, a se chamar de Victoria.

Em 1553, com a vinda do padre Braz Lourenço, em substituição ao padre Affonso Braz, tomaram ainda maior impulso os trabalhos do Collegio.

Urgia a catechese dos indios. Suas correrias e devastações eram incriveis. Tendo, em 1554, com a partida de Coutinho para a Europa, assumido o governo da Capitania D. Jorge de Menezes, os indios Goytacazes atacaram tão tenazmente a Villa do E. Santo, que quasi toda a população abandonou suas casas, fugindo uns para Victoria e indo outros se estabelecer nas margens do Cricaré, hoje S. Matheus. O proprio governador foi morto a flexadas em encontro com



PROFESSOR ELPIDIO PIMENTEL,
Orador Oficial do Instituto,

os indios e seu substituto, Simão de Castello Branco, tambem não teve melhor sorte.

Comprehenderam os padres jesuitas a grande desolação que reinava na Capitania e, por isso, se promptificaram a ir ter entendimentos com o grande chefe indigena Maracayá-guassû ou "Grande Gato". Este cacique, perseguido pelos francezes e tamoyos no Rio de Janeiro, vagava pela provincia e, por isso, devido ás promessas de Vasco Coutinho, feitas por intermedio do padre Luiz da Gram e Braz Lourenço, de receberem terra e amparo, vieram para esta Capitania, indo se estabelecer a doze leguas distante de Victoria, em 1556, no lugar chamado depois Aldeia Velha e mais tarde Santa Cruz. Tornou-se, em pouco tempo, esta aldeia dos indios temiminós, com seu grande chefe Maracayá-guassu, um dos centros mais prosperos da Capitania. Foram estes mesmos indios, em numero de trezentos flexeiros, com seu cacique á frente, que partiram, mais tarde, com Mem de Sá e que com elle tomaram a fortaleza de Villegaignon.

Era mister dar incremento á expansão colonial e por isso para cá vieram os padres Pedro Gonçalves e Diogo Jacques a coadjuvar o padre Braz Lourenço na catechese dos indios.

Vendo algumas tribus de tupiniquins como eram bem tratados os indios temiminós pelos padres, resolveram entrar em paz e, tendo á frente o grande cacique Pirá-Obig, nome que significa "peixe verde", vieram estabelecer se nas margens do rio, que lhe tomou o nome, onde hoje está Guarapary.

Estabelecidas as primeiras aldeias, no mesmo anno de 1554, fundou ainda o padre Braz Lourenço outra, na hoje cidade de Conceição da Serra, composta de indios tambem tupini-

quins, como os de Guarapary, e, logo depois, a Aldeia do Campo, a tres leguas de Santa Cruz.

Com a chegada do padre José de Anchieta a esta Capitania em 1569, tomaram as aldeias um grande desenvolvimento. Empenhou-se Anchieta na pacificação das diversas tribus dos tupiniquins, purys, goytacazes e aymorés. Já existiam, então, os aldeamentos de Campo Grande, Aldeia Velha, Apiaputanga ou Reis Magos, e Guarapary. Começou o novo Apostolo, além de activar a catechese nestas, a fundar uma nova aldeia em Reritiba, onde hoje está Benevente, e mais uma outra no lugar denominado Orobó.

A ultima das fundações realizadas por Anchieta foi a de São Matheus, um anno antes de sua morte em 1596, ás margens do rio Cricaré, no dia 21 de setembro, festa do Apostolo que lhe deu o nome.

A marcha em que iam as aldeias dos indios, tel-as-ia tornado, dentro de poucos annos, grandes centros e prosperas cidades. Assim, já no anno de 1567, a aldeia de Santa Cruz contava com mais de mil e quatrocentos arcos, na phrase de Daemon, o que equivale a mil e quatrocentas familias e uma população de mais ou menos seis mil almas. O prestigio do grande Pagé-guassú, nome com que denominavam a Anchieta e que significa amarrar as mãos, visto que se entregavam confiantes ao grande missionario, chamava do coração das matas e das paragens mais longinquas, tribus inteiras que vinham armar suas ocas perto do "Gran Pai".

APAZIGUAMENTO DOS INDIOS

Foi sempre a grande preocupação dos jesuitas pacificar os indios e reduzi-los á civilização

Emquanto alguns colonos quasi só toleravam o indio, quando delle auferiam vantagens materiaes, senão procuravam leval-o ao captiveiro ou á morte, o missionario se occupava em instrui-lo para eleval-o ao nivel do europeu, auxiliava os, defendia os direitos de suas terras, como o padre José de Anchieta, conseguindo em 1584, por Alvará de 1.º de dezembro, que fossem demarcados os patrimonios de terras dos indios de Reritiba; ou, como o padre Diogo Jacques que, em 1565, grassando a peste da bexiga nas aldeias de Campo Velho e Guarapary, tanto se sacrificou em prol dos indios, applicando remedios, sangrias, consolando e mesmo servindo de coveiro, a ponto de pègar a doença e, sendo transportado pelos indios, vir a morrer como martyr de sua caridade na Capella de São Thiago, abraçado com a imagem do crucifixo. Estes e outros exemplos só poderiam grangear, cada vez mais, a confiança dos indios para com seus padres.

Por causa da crueldade de muitos colonos não cessaram as revoltas dos nativos, a ponto de, em 1558, Vasco Fernandes Coutinho pedir, em carta de 22 de maio, ao Governador Geral do Brasil, Mem de Sá, auxilios, por já não poder resistir aos indios. O Governador Geral mandou seu proprio filho Fernão de Sá que, unindo-se ás forças de Coutinho, cahiu de chofre sobre os indios, matando muitos e comettendo mesmo barbaridades, o que teve como consequencia um revide desesperado da parte dos indios que chegaram a desbaratar as forças e matar ao proprio Fernão de Sá. Diogo de Moura, reunindo novos auxilios, poude ainda vencel-os, mas, já desanimado, retirou-se a esta Capitania.

Pelos anno de 1562 tambem os ferozes Ay-morés fizeram varias excursões por esta Capita

nia, conseguindo muitas victorias assignaladas contra os colonos. Invadem, ainda no mesmo anno, os Pitagoares esta Donataria, depois de terem devastado as Colonias de Ilhéos e Porto Seguro mas todos elles, ao magico poder da palavra de Anchieta, mais poderosa que os troços guerreiros de Fernão de Sá e que as lanças enfeitadas nas mãos dos soldados de Coutinho, desentésam seus arcos e quebram suas flexas para se submeterem á palavra amiga do missionario.

Tanto poudes um coração de Apostolo que, faz-nos lembrar os versos inspirados de Varella no seu "Evangelho nas selvas":

"Alma inspirada de Anchieta illustre.
Espirito de Apostolo das selvas!
Sabio cantor, luzeiro do futuro!
Tu que nas solidões do novo Mundo.
Sobre as alvas areias borrifadas
Das escumas do mar, traças os versos
Do poema da Virgem, e ensinaste
Aos povos do deserto a lei sublime
Que au reino do Senhor conduz os seres:
Ensina á minha musa timorata
A linguagem celeste que falavas!
Dá-lhe a doce expressão, a graça infinda.
A força, a eloquencia e a verdade
Dessas singelas narrações que á noite.
Fazias nos outeiros, nas florestas.
A's multidões que, ouvindo-te, choravam
E pediam as aguas do baptismo..."

CONSERVAÇÃO DA UNIDADE SOCIAL DA CAPITANIA

Graças ao espirito civilizador dos missionarios, através de todas as difficuldades, conservou-se o espirito de unidade da Capitania. Si não fos

se o espirito religioso de um Maracayá-guassú, de um Pirá-Obig, de Ararygboia, que sempre puzeram seu braço forte e os arcos de suas tribus a serviço dos seus amigos missionarios, nunca teriam podido resistir ás invasões dos corsarios e, consequentemente a Capitania teria se desagregado ou tornado possessão estrangeira.

Para melhor avaliarmos basta citar alguns factos, narrados por quasi todos os chronistas. Em quando da abordagem das duas náus francezas a esta Capitania com intenções de matar e depredar, em 1561, foram principalmente os missionarios e indios que mais resistiram.

O Capitão-Mór Belchior de Azevedo reuniu o povo, os indios flexeiros, os escravos e acompanhado do padre Braz Lourenço, dirigiu-se para o Collegio São Thiago, em cuja igreja fez oração a Deus com o povo e se prepararam para a lucta. "Acompanhava-os o padre Braz Lourenço, dizem as chronicas, que ia á frente, empunhando o estandarte de São Thiago, e dirigiram-se ao lugar em que se achavam os francezes, onde se deu terrivel combate, disparando-lhes tiros e béstas, sendo animados pelo padre Braz Lourenço, que, em toda a parte, se encontrava, encorajando os combatentes, pelo que se viram os francezes vencidos, com grande perda dos seus e obrigados a fugir, mas perseguidos sempre pelo Capitão-Mor, que com a sua gente e os naturaes, e escravaria, os poz em debandada, fazendo-os embarcar e, em seguida, sahirem barra fóra.

Foram ainda os indios que em 1592, deram cabo da frotilha do cruel corsario Thomaz Cavendisch, saqueador da Capitania de São Vicente e incendiador da povoação. Mandou Cavendisch tres lanchas até Villa Velha. O povo, á noite, para não ser surprehendido, accendeu fogueiras em to-

das as montanhas circumvizinhas. Oitenta homens do Corsario, sob o commando do Capitão Roberto Morgan, tentaram contra as duas trincheiras, erguidas pelo povo de Villa Velha durante a noite. Ao approximar-se rompeu o fogo, mas Morgan, apesar de ter perdido um homem e dois feridos, escalou o forte, com dez homens, mas os indios e portuguezes, atirando-lhes com flexas e calhás, mataram cinco homens e ao proprio Capitão Morgan. De todos os mais quarenta da lancha não escapou quem não ficasse ferido. Cavendisch tentou acudir as duas lanchas que estavam encalhadas, mas, deixando barbaramente muitos dos seus feridos e com agua até ao pescoço, se retirou, recebendo ainda na sahida tiros do Forte de Piratininga. A derrota do soberbo corsario foi tão grande, que veio a morrer de desgosto em viagem, por causa das perdas que soffrera nesta Capitania.

Outro facto que bem demonstra o valor univo do povo na defesa de sua Capitania, é o que se deu no anno de 1624, quando, a 12 de março, surgiu, em frente de Victoria, o Almirante Patrid, com alguns lanchões e mais de trezentos combatentes. Apesar de desprevenidos, Francisco de Aguiar Coutinho e os seus conseguiram rechassal-os, mas no dia 14, tentando novamente, penetram os hollandezes na cidade. E' então que apparece em scena a heroína Maria Ortiz, moradora da antiga rua da Matriz, e que atira da janella um tacho de agua fervendo sobre os hollandezes que passavam, muitos dos quaes vendo se-queimados, fugiram espavoridos, ao que Maria Ortiz, aproveitando o ensejo, encorajou os soldados, fazendo disparar uma peça de canhão, diante do que os hollandezes fogem para os lanchões, deixando trinta mortos, e quarenta e quatro feri-

dos. Narram as chronicas que neste combate muito foram auxiliados os moradores pelos padres jesuitas que em tudo os animavam e soccorriam.

Vemos nestes acontecimentos o valor unitivo do povo da Capitania naquelles tempos. Tanto assim que aqui procuraram, por muitas vezes, auxilios os donatarios vizinhos, como Pedro de Góes, vendo se acossado dos indios em sua Capitania da Parahyba do Sul, aqui se municiou Mem de Sá, Estacio de Sá e tantos outros; daqui partiram, em 1624, indios flexeiros para a Bahia, mostrando muitos delles verdadeiros actos de bravura contra os hollandezes, principalmente no combate em que perdeu a vida o batavo Alberto Schotts.

SOMBRAS QUE PASSAM

Correndo o véo do passado, sentimos fremir a alma das gerações, desenrolarem-se acontecimentos ou cheios de luz ou inundados de treva, delinearem-se caracteres ou amolecerem costumes. E' a alma dos seculos, voluvel como o mar inconstante no seu regougar. Mas no meio de todas estas variantes de luzes que se apagam, de naturezas que se renovam, de sombras que passam, uma unica coisa eu vejo ficar na formação da physionomia nacional—é o ideal da virtude e o sacrificio dos que, com seus suores, sulcaram na terra bravia de nossos sertões, para vivermos a vida de um povo e não a vida de uma massa. Um povo tem consciencia de suas tradições, banha-se nas luzes que bordejam o berço do seu nascimento, e, olhando pela janellinha do passado, vê que toda sua historia não é apenas sombra que passa, mas a realidade de feitos que se projectaram mais do que para as paginas mortas de

um livro, se projectaram para os corações, despertando virtudes, animando exemplos, corporizando ideaes, incendiando a alma de uma nacionalidade que não morre.

Levantae vos, heroes immortaes, de vossos tumulos, campeões destemidos, que com a espada da palavra rasgastes na mata bravia dos corações a visão scintillante dos destinos da terra capichaba. De pé sombras immorredouras! Sacudi a poeira luminosa de vossas cinzas indestructiveis! Vinde trazernos os effluvios de vossa coragem imperterrita e de vossas attitudes desassombradas!...

Eu vejo apparecer no scenario do passado um Braz Lourenço, um Diogo Jacques, um Anchieta: figuras que por si só honram uma época!. Um Vasco Coutinho, um João Soares, Antonio Jorge, Maria Ortiz, Domingos Martins, e tantos outros que, como perolas de rutilancias civicas se engastam na sua corôa de gloria! Dentre tuas selvas emergem aureoladas de luz e nimbadadas de christianismo as envergaduras de um Ararigboia, Pirá-Obig e Maracayá guassú!

Teu passado é luminoso, os hymnos que se levantaram por entre a graciosidade de tuas ilhotas floridas e a pompa deslumbrante de sua vegetação tropical, onde a jaboticabeira e a oitica entrelaçam seus ramos, o ipê e a graúna erguem-se altaneiras e o magestoso jequitibá domina as nuvens como o gigante das florestas; e formam concerto mavioso os passaros de tuas matas, a formosa arara, o interessante canario, o lindo gaturamo, o mutum, o garajua e, por entre esta variedade de sons, os sabiás, que com seus gorgeios vieram engrandecer os altares de tua natureza, por entre os perfumes dos cedros e os aromas das flores!...

Ergue-te, terra capichaba! Teu progresso é tua gloria; teu passado é teu presente e teu presente é tua prophesia!...

Os arados romperam a uberidade de teu sólo, onde aponta luminoso o germen da seára; já não se ouve o rechinar dos carros ao longo das picacas, são autos, trens de ferro, omnibus; em substituição ás igáras, casquinhas de arvores, os navios e vapores singram os teus rios e costas, á palhoça indigena e colonial substituiu-se a casa moderna, o bungalow, e em vez de teus filhos aprenderem suas lições á sombra das palmeiras de Reritiba ou nas estreitas salas das habitações primitivas, novos edificios surgem dia a dia, onde as garrulas crianças vão beber nas fontes do saber para poderem servir á patria...

Ha motivo de grande jubilo. Quatro seculos de lutas e de luzes... Ergue-te, anjo desta terra: abre tuas brancas azas, cujas luzes illuminando desde o Itabapoana ao Mucury, consolide cada vez mais o progresso e a felicidade da familia capichaba, para que todos possam cantar nesta terra o epinicio das glorias de quatro seculos que são a garantia risonha do futuro auspicioso que aguarda este torrão abençoado!"

INAUGURAÇÃO DO LEPROSARIO DE ITANHENGA

Discurso pronunciado pelo dr. Antonio Aleixo, cathedratico de Molestias da Pelle e Syphilis da Faculdade de Medicina de Minas Geraes e representante do governador Benedicto Valadares nas festas do 4º Centenario do Povoamento do Sólo Capichaba.

Sr. Governador do Estado e srs. Secretarios do Governo—Minhas senhoras e meus senhores—Peço venia para vir congratular-me com o nobre povo espirito-santense, irmão de Minas Geraes, pelo acontecimento auspicioso da inauguração do Leprosario de Itanhenga, magnifica realização que vem trazer um contingente de inestimavel valor para a lucta contra a lepra em nosso paiz.

—Eis aqui um emprehendimento que constitue motivo de legitimo orgulho para o povo deste Estado e que honra todos aquelles que não mediram esforços para leval-o por deante. E' uma obra que ainda mais dignifica os seus idealisadores e realisadores, por isso que ella não somente visa beneficiar a geração actual mas tambem e principalmente as vindouras.

Para pôr em relevo a importancia do com-

metimento basta referir que sendo o numero de leprosos do Estado do Espirito Santo de 500, segundo dados estatisticosmeticulosos do Serviço do dr. Pedro Fontes, dos quaes nem todos em rigor são carecedores de isolamento em leprosa-rio, esta colonia poderá, desde já, alojar perto de 300 doentes.

O confronto desses algarismos nos autorisa logo a affirmar que a lucta contra a lepra neste Estado nos offerece perspectivas muito optimis-tas e, o que é mais, para breve prazo.

No entanto, na execução do plano da colo-nia de Itanhenga, não se cogitou tão somente isolar os lazarus, mas de assistil-os de maneira efficiente e, não somente sob o ponto de vista medico, como tambem sob o ponto de vista humanitario e social. Vê-se que a obra que ora se inaugura foi inspirada nos sentimen-tos de solidariedade humana, o que não é motivo de admiração, por isso que os seus lineamentos obedeceram á acção do medico, isto é do homem que exerce apostolado da bondade, que é o apa-nagio da verdadeira medicina. Perfeitamente com-preendeu o medico, no modelamento da sua obra, o elevado alcance do papel humanitario e social do problema da lepra, que não é exclusi-vamente medico, como querem alguns errada-mente.

O problema medico é já de si extremamente arduo, porque requer, além do isolamento e da assistencia dos doentes, a vigilancia cuidadosa dos suspeitos e dos conviventes de lepra, bem como a educação sanitaria de todos, a cargo de Dispensarios fixos ou itinerantes. Por outro lado o problema social é, a meu ver, muito complexo e cheio de difficuldades que ultrapassam a nossa expectativa.

Para essa obra asim tão abrangente, de tão larga envergadura, julgo não errar affirmando, com o meu testemunho sincero, que aqui se encontra o homem na pessoa do dr. Pedro Fontes. Dá-se, aqui, justamente um desses casos singulares em que, como dizia o Padre Vieira, os cargos não são cubiçados, porem os homens é que o são.

Justo é, todavia, não olvidar que este homem de eleição permaneceria á margem dos cargos e das suas actividades mais productivas, si não fôra o apoio de um governo esclarecido e de acção como o do exmo. sr. capitão Bley.

Graças, pois, a esse homem e a esse governo benemerito é que eu tenho a grande satisfação de assistir, neste momento, a realização de uma etapa decisiva da campanha contra o mal de Hansen no Estado do Espirito Santo.

Congratulando-me com este povo por tal motivo, eu o faço de uma maneira particular, por ver que, por toda a parte, pelo Brasil afóra, porfiadamente se trabalha pelo exito dessa campanha, que não é somente regional, mas tambem nacional e que depois de affectar os individuos passou, á revelia dos antigos administradores, a interessar a collectividade inteira.

A cooperação é, portanto, necessaria, diante de um mal que affecta a nossa sorte, a nossa economia e os nossos fóros de cultura e de civilização.

Chefe do Serviço de Lepra no Estado de Minas, fallando tambem em nome da Sociedade Mineira de Protecção aos Lazaros e como representante do Estado de Minas, a minha presença nesta inauguração traduz o vivo e sincero desejo de que me acho possuido de cooperar na lucta de exterminio dos males insidiosos e ubiquitarios que por toda a parte se expandem num contras-

te chocante com o nosso progresso, que é admiravel sob multiplos aspectos.

No momento em que solemnisaes, a um tempo, o 4º Centenario da Colonização do Espirito Santo e a inauguração desta linda colonia de Hensenianos, como para mostrar suggestivamente que o saneamento da nossa gente representa um complemento necessario e imprescindivel da obra gigantesca do desbravamento das selvas e dos sertões, da conquista dos aborigenes de toda a especie, do povoamento do solo e da victoria da civilização, permitti que vos traga a minha palavra singela, porém ungida dos mesmos sentimentos que animam o vosso povo, bem como os sanitaristas e a alta administração do vosso Estado.

As commemorações do 4.^o Centenario na Assembléa Constituinte do Estado

Discurso pronunciado pelo deputado
Dr. Francisco Climaco Feu Rosa, na ses-
são solemne da Assembléa Constituinte.

Exmo. sr. representante do Presidente da
Republica.

Exmos. representantes dos governadores de
Estados.

Exmo. sr. presidente da Egregia Côrte de
Appellação.

Exmo. sr. Governador Punaro Bley.

Exmo. presidente do Instituto Historico e
Geographico.

Exmo. presidente desta augusta casa.

Meus collegas.

Altas autoridades federaes, estaduaes e mu-
nicipaes.

Exmas. senhoras.

Meus senhores.

Só mesmo a falta do «leader» de minha bancada,
o illustre collega Dr. Carlos Sá, far-me-ia assomar
a esta tribuna, em obediencia á determinação do
digno presidente desta Assembléa Constituinte.

E' um costume de obedecer, sobre tudo quando se trata de se commemorar o 4º Centenario do Povoamento do Sólo Capichaba, que me fez acceitar um convite de hontem, para hoje fallar.

A premencia de tempo não me permittiu obra de folego, mas somei todos os meus parcos conhecimentos para dissertar sobre a grandiosa data.

Sêde benevolentes, senhores.

E assim, quando esta data repercute lá fóra, para alem das fronteiras estaduaes, no ensejo de constituir uma grande felicidade para o Espirito Santo, vemos aqui representantes de personagens insignes entre as que mais o são no mundo social e politico do Brasil.

Eis dentro desta casa, cujo sólo guarda em seu seio as cinzas do fundador de nossa civilização, como que gritando aos nossos ouvidos: a planta de nossa nacionalidade. Por isto nós todos, com o Espirito Santo, de mãos dadas, havemos de fechar esta cadeia de fraternidade que nos une neste circuito de affecto, cujo fluir do nos agita no mesmo sentimento, desde o Amazonas longinquo até o Sul distante, num brado de crença, que o mestre nos ensinou: "Creio na liberdade Onipotente, creadora das nações robustas: creio na lei, emmanação della, o seu órgão capital, a primeira de suas necessidades".

Eis o canone da boa politica desta casa, como synthese de todos os artigos de Fé, da liberdade.

Em mim, sempre se firmou o respeito á lei, pelo trato diuturno com o direito, em que hoje se acham especializadas minha cultura e actualção na vida.

Desta casa, onde sobre tudo, se ama a lei, eu saúdo os irmãos amigos do Espirito Santo.

Benvindos sejam os illustres representantes dos senhores governadores e autoridades de outros Estados.

A Capitania de Coutinho em 1558, no dizer da carta de Men de Sá a D. Sebastião, rei de Portugal, soffria as maiores privações e estava alevantada a ponto dos christãos estarem em termos des serem mortos e devorados.

O mesmo dizia Nobrega, em 1560. Escrevia o padre Dr. Torres, por commissão de Braz Lourenço, em junho de 1562: "Ha muito perto de dois annos que por aqui (Espirito Santo) não passou algum dos nossos padres) nem veio recado seu por falta de embarcações... Como tambem não vieram aqui navios do Reino por não haver aqui engenhos de assucar, deixaram os padres de dizer missa por falta de vinho e padecem outras necessidades que seria largo contal-as".

Era uma phase bastante difficil da vida do Espirito Santo, em que o proprio donatario, ante o cynico egoismo e desenfreada ambição dos fidalgos degredados, seus companheiros Jorge de Menezes e Simão Castello Branco, muito soffreu, chegando á mendicancia.

Naquella época, em que a arroba de assucar valia 400 réis e os colonos queixavam-se de uma alqueire de farinha ser vendido por 120 réis, a agricultura era a nossa principal fonte de riqueza, como hoje, ainda que a Metropole prohibisse a cultura da vinha e gengibre.

Os maiores ordenados eram de 50\$000 mensaes, ainda assim mesmo, como hoje, as mulheres da classe media vestiam damasco e sêda. Os



Mais um flagrante do Baile Oficial no Palácio do Governo.



Um aspecto do Baile Oficial em Palaci .

Jesuitas os fundadores da nossa civilização muitas vezes tinham por refeição as migalhas dos creados dos donatarios.

Neste estado de penuria, prestes a sossobrar em sua civilização, o Espirito Santo — Meboab dos gentios — resurge em pouco mais de 10 annos, talvez devido á ingratidão e ás atrocidades soffridas pelo velho donatario Vasco Coutinho, fallecido em 1561, e apregoadas pelo padre Braz Lourenço, quer na Matriz de São Thiago, quer no incitamento, com suas palavras de fogo aos colonos, nos prelios contra os gentios, dos que o amor á terra lhes impedia o surto da civilização com o troar das armas de fogo. E assim, neste resurgir, é que poudo o Espirito Santo prestar auxilio em 1565, para enfrentar a onda invasora dos francezes, na bahia do Rio de Janeiro.

Lá se vae Ararigboia, cujo nome no baptismo se transformara em Martin Affonso, com seus 200 flecheiros ante o convite feito por Belchior de Azevedo, no velleiro Santa Clara, ao filho de Vasco Fernandes Coutinho.

E' o primeiro surto do espirito nativista da terra Capichaba, sellado na amizade e na gratidão. E' a este espirito, que se deve, nos tempos coloniaes, como hoje, a união e a grandeza territorial do Brasil.

O Espirito Santo em quasi 2 seculos esteve sob o regime de donatarios, sendo o ultimo Cosme Roulin de Moura que vendeu os direitos de donatario á Corôa, por 16 contos em nossa moeda. Passou ao regime de Capitães Mores, no reinado de D. João V e foi subordinado ao governo da Bahia até a governança de Francisco Alberto Rubim, em 1812, o grande governador que além de colligir os dados historicos, cuja ventura tivera de ler no original no Instituto Historico do

Rio de Janeiro, fôra o marco seguro de nossa transformação, mandando abrir caminhos para levar a civilização aos nossos sertões. Nesta época ou melhor, pouco depois, (1817) o Espírito Santo via seu filho querido Domingos José Martins, cujos parentes morreram na rua das Flores desta cidade, morrer pela liberdade, quando a sua população era de 72.845 habitantes em mais ou menos 2 habitantes por kilometro quadrado, quando hoje é de 751.000 habitantes, ou de 17 por kilometro quadrado, como affirmou o illustre professor Jorge Kafuri, antes de hontem em maravilhosa conferencia.

Desta forma de governança, passou, após a emancipação politica do Brasil, á presidencia de Provincia. E, na republica velha, a um estado que ainda, no regime provisorio de 1889 a maio de 1892, passara por 4 presidentes provisorios, e estabe-lisando-se no 6º presidente, o benemerito Muniz Freire, eleito em 2 de maio de 1892; e assim caminhava o Espírito Santo até a presidencia de Jeronymo Monteiro em 1908, o marco firme de nossas transformações. Se muito deve a terra de Maria Ortiz á gigantesca administração de Muniz Freire, não ha duvida que Jeronymo Monteiro transformou a instrução publica e trouxe para esta formosa cidade a crystalina lymphá, na época em que eu, humilde estudante, só sabia das tres fontes: a da Lapa, a da Fonte Grande e a da Capichaba, quando não me submettia a comprar uma lata dagua. Tambem não menos valorosas foram as outras administrações, sobre tudo de Bernardino Monteiro, firmando o nosso credito e Florentino Avidos, unindo os bairros desta cidade que até então se achavam separados, e esta cidade aos municipios celulas de nossa grandeza, lançando a gigantesca ponte sobre nossa maravilhosa bahia.

Neste caminhar, as ideias agitadas trouxeram a revolução do povo contra os governantes. De 1930 até hoje o Espirito Santo se acha sob o governo honrado e benemerito de João Punaro Bley, que sob os auspícios de auras felizes commemora o 4º centenario do povoamento deste sólo bemdito.

Senhores, talvez seja no espirito bemfazejo de Vasco Coutinho, firmado neste nativismo que tem por divisa a prudencia e a gratidão, apre-goadas pelos jesuitas na sua fé inquebrantavel em Jesus Christo, que eu vejo o marco seguro de nosso progresso sem me preocupar com o caldeamento das raças branca, negra e vermelha.

Se hontem, no Instituto Historico, as palavras civicas de seus oradores pediam palmas para os negros e cantavam as epopeias dos portuguezes, nós, nesta casa, evocamos o espirito nativista do brasileiro, quer dos capichabas Ararigboia, no Rio de Janeiro, Maria Ortiz, na ladeira do Pelourinho, desta cidade e Domingos Martins em Pernambuco, quer dos brasileiros como o indio Camarão, José do Patrocinio, José Bonifacio, José de Alencar e outros, para que possamos ter sempre a união de todos os brasileiros.

O' Victoria, tu, cujo nome é uma epopeia de glorias e de fé, tu que tens santuarios como esta casa, onde jazem os ossos de Coutinho, no dizer do illustre Dr. Mario Freire, e o tumulo do thaumaturgo Anchieta, no palacio do Governo e a Ladeira do Pelourinho, hoje Maria Ortiz, tu, cujas tradições de nossa gente e de nossos feitos, guardas, lembrando os nomes gloriosos do velleiro Santa Clara, de Belchior de Azevedo, de Moscoso e de Rubim, de Muniz Freire e Jeronymo Monteiro, de Florentino Avidos e muitos outros, tens a flama da virtude e do sentimento patriotico,

como tua irmã, Villa Velha, lembrada na praia da Fazenda da Costa, de Coutinho; és o espirito da paz e da concordia viva que ha de reinar e imperar sob o céu do Cruzeiro do Sul, e sobre a terra fertilissima de nossa querida Patria. E, nós, constituintes, perante tudo isto, sobre a protecção de Deus e de nossas tradições, com o anhelos do povo nobre, vendo as necessidades sociologicas deste estado, depois de muito pelejar, em pugnas onde ha de predominar a liberdade de pensamento e de trabalho, havemos de construir a grandeza e a felicidade do E. Santo, cujo 4.º Centenario de Povoamento commemoramos.

Discurso pronunciado pelo deputado Augusto Lins, na sessão solenne da Assembléa Constituinte.

Sr. Presidente.

Motivos de desvanecimento

E' com o orgulho de poder collaborar para a integração destas homenagens á magna data quatri-secular capichaba, que eu ousou fazer ouvir minha voz na imponencia civica desta hora, tentando, outrosim, interpretar os legitimos enthusiasmos da bancada de que tenho a honra de fazer parte.

Tanto mais me envaideço desta oportunidade quanto a vejo prestigiada pela presença dos mais lidimos representantes do proprio povo espirito santense, a cujos sentimentos e aspirações mais de perto ella corresponde.

Anima-me vel-a abrilhantada pela solidariedade valiosa das mais altas autoridades civis, ecclesiasticas e militares deste e de outros Estados, na de illustres detentores dos poderes federal, estadual e municipal, na de luzidos membros do corpo diplomatico.

Enaltece-a tambem a comparencia da mais distincta embaixada feminina espiritosantense. Justifica-a o apoio de selectas representações de classe. Engrandece-a o applauso de brilhantissimos expoentes intellectuaes e politicos do Espirito Santo, todos congraçados em plena actividade constructora, nessa actividade que busca enfren-

tar, transformando-os em outras tantas conquistas da civilização em festa, os assumptos vitaes, os assumptos primordiaes do Estado.

A unidade mental necessaria

Os que sempre ousaram affirmar a sua personalidade, coherentes com os seus principios, sabem que as celebrações destes dias são como um brado glorioso aos temperamentos dotados de actuação propria, para que mantenham e façam valer o labaro das nossas conquistas e, sobretudo, os nossos propositos de cohesão.

Falo da unidade que vimos ha quatrocentos annos construindo com a intelligencia porfiante e a tenacidade victoriosa de um povo. Dessa unidade tradicional de civismo que encontra nos quatro seculos de civilização que esta semana commemora, um rastilho luminoso, nos exemplos de todos os que dignificaram a nossa gleba pelos zelos dispensados ao bem commum e dos que presentiram as directrizes de nossa época quando deram aos interesses collectivos toda a supremacia, contra as seducções da fortuna particular e as tentações da fama publica.

Refiro-me áquella unidade que ainda hoje nos congrega em torno desta commemoração. Unidade que foi sempre contrariada por todas as forças dissociativas que conspiravam contra nós.

A's vezes parece que ainda existimos autonoma e collectivamente por milagre das resistencias naturaes da fatalidade politica.

Apesar de alguns seculos consumidos nesta obra cyclopica de povoamento e de civilização, temos commettido erros cujas responsabilidades devem ser partilhadas corajosamente e assumidas com consciencia pelos que reconhecem procedentes estas observações.

Com os nossos numerosos factores de ordem physico-quimica, composição e propriedades geologicas as mais variadas, condições topographicas diversissimas e todas as altitudes e todos os climas, bem como tendo-se em consideração os elementos ethnicos dispaes dos multiplos nucleos de população, claro é que temos de resolver em cada ponto do nosso territorio, assim dividido e differentemente servido pelas vias de comunicação e pelas peculiaridades mentaes da sociedade, um problema economico e social novo, quicá unico.

Não podemos, portanto, ser submettidos a normas que busquem o conjuncto superficial da vida, deprezando esses detalhes das nossas caracteristicas locais, que luctam contra a unidade mental necessaria.

Attendendo a essas particularidades, que são outros tantos estimulos para incentivar a aproximação e as permutas entre as nossas populações e para reagirmos contra a dissociação inherente a uma tal heterogeneidade economica e politica, cumpriria estabelecer um plexo tal de dependencia reciproca em todo o Estado, que a nossa unidade espiritual, numa crescente subordinação das condições de vida aos dominios do espirito, como quer Hobhouse, sobreposta aos interesses de localidade ou de grupo, abrangesse todos os individuos, dictando-lhes uma resultante economica compativel com esse ideal.

Mas tal trabalho vem sendo por demais vagaroso e empirico e os nossos quatrocentos annos de contacto com o mundo culto não deixam ver o ingente esforço que custaram, nem a immensa parcella de actividade que restou neutralizada pelos nossos factores de riqueza, tão promissores, mas transitoriamente actuando como

empecilhos, agindo, pelo erro humano, como elementos de separação, de rivalidade e de desordem.

Não fôra isto, não seríamos hoje apenas um dos primeiros Estados do Brasil. Teríamos, ademais disto, uma posição destacada, como já nol-o vaticinava D. Affonso Braz, quando, em 1151, escrevia: «E' esta terra onde ao presente estou a melhor e a mais fertil de todo o Brasil».

E', pois, tempo de nos reanimarmos, multiplicando as providencias que realizarão no Espírito Santo aquella unidade de pensar e de acção que para Mario Pinto Serva constitue a propria nacionalidade e que para nós bastará que produza verdadeiras «integração moral e mental, cohesão espiritual, formação de uma consciencia colectiva», objectos pelos quaes me venho batendo.

Promettamol-o nesta ephemeride, a qual exige dos espiritosantenses communhão e solidariedade, em prol da nossa unidade mental, tão necessaria e, em parte, por fazer.

A Oração do Filho Adoptivo

Não tendo a felicidade de haver aqui aberto para a primeira luz os olhos, que hoje se embriagam nestes attractivos de ordem physica em que vislumbro as conquistas que se processam no amago da nossa trepidante civilização, quero repetir a Oração do Filho Adoptivo, contemplando, extasiado, os quatrocentos annos da nossa emancipação consciente e luminosa.

«Quanto mais flue o tempo, mais me assoberbo da terra de que fiz o berço dos meus filhos.

.....

Quizera exalçal-a na phrase, prelibando, como os artistas, o triumpho, sob a suggestão de poder encastoal-a em periodos sonoros ou de, no



Baile Oficial, em Palacio, offerecido pelo Exmo. Snr. Governador Cap. Punaro Bley á elite social do-
Espírito Santo, na semana da commemoração do 4.º Centenario da nossa Co'onização.



Outro flagrante do Baile Oficial em Palacio.

espelho das expressões reflectil-a, com toda a sua magestade.

Já me não é mais esta terra a terra adoptiva. Não é o céu alheio, com a sua myriade constellada, acenando ao viandante, numa ecclosão de astros. Não é a alcatifa verde dos montes, não é a alfombra orchestrada pelos bandos d'aves inquietas, convidando a fruir as doçuras do seu morno agasalho, a inebriez tentadora do seu seio.

Mais do que a simples hospitalidade, mais do que a offerenda allucinante de tantos dons com que a natureza se abre para amplexar o extranho e aprofundar as vistas do foraneo na contemplação das suas reconditas maravilhas, ha aqui a afinidade dos espiritos, o equilibrio das aspirações, a proporcionalidade da intelligencia, a equiparação das forças moraes, que são as normas propulsoras das melhorias successivas do homem.

E o berço de adopção, onde o forasteiro pensava palpitár apenas aos impulsos da gratidão e do reconhecimento, logo se transforma, alargando os seus horizontes até onde latejam os sentimentos filiaes, até onde as virtudes fazem concessão ao patriotismo, ao regionalismo, ao egoismo.

A terra onde nós respiramos ha mais de uma década, dando-lhe o calor da nossa mocidade, as preferencias do nosso trabalho, os dizimos da nossa vocação militante e productiva e o concurso das nossas aspirações, coefferencia collectiva, é o berço da individualidade, da pessoa social e moral, das qualidades profissionaes e da personalidade politica.

Lembra-me que os què por aqui passam vão cantando as maravilhas de nossa terra, cuja pu-

reza, cuja integridade entreviram em curtos momentos de peregrinação.

Que fazemos nós outros, que temos tido a felicidade desse amplo, desse encantador convívio? «Tenhamos o espirito voltado, pelo menos, para as nossas predilecções, para as nossas proprias amizades, em torno das quaes gravita o nosso destino em busca da sua trajectoria de verdadeiros desejos e attracções, que eu terei o meu coração voltado para esta terra, pedindo para ella aos céus a sua dadivosidade prodiga e sem limites, não concebendo como nem por que não possa ella merecel-a incondicional e infinita».

A liberdade dentro da ordem

Evoco, sr. Presidente, estas linhas, e renovo os motivos do meu orgulho, contemplando os quatro seculos durante os quaes a civilização occidental implantou o seu germe e as suas posteriores influencias na cultura que hoje ostentamos, com as características peculiares, já pronunciadas, que exornam o habitante destas plagas, por isto agora tão festivas.

Esforços accumulados, em todos os sentidos humanos, na ordem e no trabalho, na sciencia e nas artes, na intelligencia e nas suas applicações mais variadas e subtis, na pratica da cidadania e da hospitalidade, nos habitos de educação, de economia e de justiça e, ademais, no vigor latente das liberdades que se agitam e ardem, victoriosas, em todos os recantos da historia mais cómbativa e mais brilhante, esforços estes que crescem, através das idades, num movimento indomito e incessante, cantam agora as grandezas desta terra e são como um sopro divino alimentando por quatro seculos a chamma do nosso ardor cívico.

No concerto dos povos, onde Alberto Torres collocaria o Brasil como «destinado a ser o esboço da humanidade futura», é de perguntar também qual a nossa função, qual o papel destinado a estas gerações pertinazes que se vêm impondo, nas fugidias mutações do tempo, pela actuação mais efficiente, num territorio trabalhado e exíguo, cujas reivindicações jazem esquecidas, á sombra de realizações espirituaes mais elevadas, á sombra de conquistas sem conta, em desproporção com as possibilidades materiaes aparentemente restrictas ás quaes estão subordinadas.

Achamo-nos, sr. Presidente, em um instante universal de vertigem.

Nelle, também as exigencias mentaes recrudescem, desvendando marcos insuspeitaveis aos dominios da imaginação. E não é sinão graças a essa crescente insaciabilidade do espirito, não é sinão porque nos movimentamos neste sem-fim que se segue a cada fugaz momento de satisfação, não é sinão graças a isto, que progredimos e nos aperfeiçoamos, embora realizando fraccionariamente a perfectibilidade humana e mal acompanhando os séculos no caminho vertiginoso da civilização.

Aos nossos olhos descerram-se a cada momento os novos horizontes da vida, numa transfiguração subita, radical, dos aspectos anteriores.

Nesse despenhar de successos que nos arrastam e de que os cerebros ás vezes não se apercebem, passamos, desabaladamente, como num vortice. Precipitam-se, substituindo-se, como scenarios de uma agitação imprevista, os progressos surprehendentes que, attonitos, deparamos.

Atravessamos um mundo encantado, fabuloso, allucinante. Desvendam-se ao nosso encontro e

proseguem, numa dansa estonteadora, os seus prodigios, desaparecendo como irromperam e dando-nos a impressão de que só nós ficamos, na voragem precipitada e inquietante.

Para onde nos voltemos está lá fóra a vertigem. E o nosso universo interior, em cuja sensibilissima tela se reflectem esse borbórinho, essa louca successão, propria do confuso momento evolutivo que vamos transpondo, reproduz, como um sonho, e exaggeradamente, essa formidavel miragem, essa avassaladora expressão dos dias actuaes.

E ha uma profunda verdade, verdade sensivel, nessa rapida transmutação continua do ambiente.

Os detalhes de todas as concepções tomam o logar das idéas geraes.

O cerebro humano, num requinte de actividade, busca descobertas myrificas no mundo dos infinitamente pequenos, nas profundezas do subconsciente, nas fronteiras do ignoravel.

As organizações sociaes tomam fórmias novas, arregimentam-se de todos os modos, para actuar nesse ingente trabalho de modificar, sem um instante de repouso nem de reflexão, o palco da vida.

A instabilidade attinge-lhe todas as faces, levando a insegurança aos governos, a desconfiança aos lares, a duvida ao futuro das gerações.

A sociedade tende a se não servir, a não se utilizar de principios nem de preconceitos, tal o tumulto cahotico, extraordinario, que reina, tal a autoridade de quantos se presumem capazes para aconselhar, orientar e governar os homens e as cousas.

Mas si o tempo, considerado disponibilidade de cada um e integrado ao individuo, não nos

chega para adaptar-nos ás phases que os progressos materiaes vão abrindo no planeta; si ha uma Continuidade de adaptação á qual é absolutamente impossivel attender; si não é facil isolar um aspecto da vida, deter e focalizar o homem em uma fracção do tempo, e muito menos prevêr a sua funcção no dia de amanhã, tal a versatilidade que o empolga,—nunca poderíamos encontrar uma fórmula, apta a resolver os intrincados problemas da evolução, sinão procurando nesse emmaranhado de systemas e de concepções a cooperação da ordem.

Foi assim em todas as épocas de desmoro-namento social.

Quando, em torno de nós, observadores e obreiros, gyra o cosmo, todos os seus elementos, quer materiaes, quer espirituaes, maleaveis ao tacto da creatura racional, retratam o adeantamento do nosso espirito, a penetração da nossa intelligencia, a energia da nossa vontade, as nossas resistencias de character.

Para estas se appellou todas as vezes que a humanidade mergulhou no cáos, todas as vezes que a liberdade suplantou a licença.

E' que o poder cada vez mais se generaliza sobre a terra. A autoridade não tem soffrido guerra sinão para se affirmar e refortalecer. Seja qual fôr a organização social, sejam quaes forem os caracteres raciaes de um povo, o poder ha de ser exercido, ligando os homens á disciplina maior ou menor, conforme o periodo em que se achar de sua civilização, e que o conduz á perfectibilidade.

Compromisso civico

Confrontando a politica geral de cada paiz com as idéas que motivaram os respectivos acon-

tecimentos ou que delles resultaram e comparando-os já com a evolução da technica que assistiu a esses eventos, já com o seu reflexo na economia mundial, o que outros têm feito, havemos de concordar com Machiavel que «é facil prevêr em cada Estado o que o futuro reserva e applicar os remedios usados pelos antigos ou, si elles não os usaram, arranjar novos, fundados na semelhança dos acontecimentos».

Como ensina P. Leonel Franca, autoridade primeirissima no assumpto, «ha uma reciprocidade de acção em que os pensamentos preparam e dirigem os factos e os factos reagem sobre os pensamentos», de sorte que «toda revolução social ou politica tem sua explicação derradeira num movimento de idéas».

Tambem as aspirações espirito santenses se entrechocam dentro de limites definidos que correspondem ao nosso modo de pensar e de ser, social e politico.

Póde se dizer que o Espirito Santo inscreveu nas suas leis basilares e nos seus habitos tradicionaes a logica de si mesmo e tem nos horizontes do futuro que se lhe vaticina, perscrutando a medida das suas ambições, os pontos de referencia por onde se oriente.

D'ahi o juramento que nos cumpre fazer, nesta commemoração que faz vibrar todo o Estado e que volve para ideaes nobres e puros todos os corações.

Promettamos assim:

Acorrentados ao tumulto desse maravilhoso seculo, que, ora de olhos vendados, sobre escolhos, aos saltos, ora semeando pharóes e clareiras crepitantes invade os dominios do desconhecido e surprehende, vaidoso das suas aventuras,

os coefficients mais elevados da felicidade objectiva, a nossa actividade não descançará. Por isto, como rituaes, sobre a fé inquebrantavel e disciplinada dos nossos maiores e á acção de tantas suggestões dos insaciaveis momentos actuaes, juramos trabalhar, cada vez mais, pela grandeza de nossa terra, juramos não deixar apagar-se o fulgor das nossas tradições. — Disse.

O 4.º Centenario do Espirito Santo no Senado Federal

Discurso proferido no Senado Federal, em 22 do corrente, pelo dr. Jeronymo Monteiro Filho, em homenagem ao IV Centenario da Colonização Espirito Santense.

Ao subir hoje a esta Casa do Parlamento brasileiro, não era meu proposito occupar a tribuna e a attenção preciosa do Senado Federal. Vespera, porém, de solemne data para o Estado que represento, solemne a ponto de deslocar meus passos para partilhar dos festejos daquelle povo, não me caberia, não me sentiria bem, deixar de trazer á apreciação do Senado Federal a ephemeride culminante de uma historia de quatro seculos.

Rezam, de facto, os escriptos, já se inteiraram 400 annos, naquelle dia religioso, domingo do Espirito Santo, — 23 de maio de 1535 — aportavam a uma enseada magnifica, aos baixios do littoral pinturesco que forma hoje o portico da bahia de Victoria, Vasco Fernandes e sua comitiva, algumas dezenas de homens, alguns fidalgos, alguns artistas, gente portugueza. Entenderam surprehender um rio e o baptisaram pelo dia, — rio do Espirito Santo. O nome que ficou

cresceu, alastrou-se, envolveu o sector local, firmou-se; — é hoje o Estado do Espirito Santo.

Não fôra, porém, desde os alvôres daquelle surgimento historico, não fôra sem luctas e sem revezes e, desde ahi, a creação do Espirito Santo. Narram, ainda, os autores: — selvagens occupantes e molestados reagiram a flexadas, com energia. Foi, de facto, após uma lucta armada, a que não eram ausentes duas boccas de artilharia da época, que se baptisou a primeira cellula do povoamento civilizador do meu Estado.

Aquelle logarejo, que escolheu os primeiros elementos desbravadores de além-mar, cedeu, depois, lugar de primazia, na população que se formava a uma formosa ilha que lá se ergue, mais para o fundo da bahia. Occupada, por effeito ainda de lucta com os aborígenes, ganhou occasionalmente o nome do exito da batalha. Tal é Victoria, a capital do Espirito Santo.

E aquellas primeiras orlas de terra, a antiga Villa do Espirito Santo, que, pela primeira vez, os povoadores haviam pisado, resurge, hoje, na commemoração dos contemporaneos. E', assim, antiga de 400 annos a actual cidade de Villa Velha, que ficou marcando para as gerações seguintes os primordios do povoamento daquelle sólo.

Se aquelles feitos relatados prenunciavam a formação forte e heroica da vida que ali se localisava, não os desmentiram os factos successivos, em que a historia consigna a intervenção decisiva e desassombrada da fibra capichaba. Resaltam dos contactos varios com hostes estrangeiras, que tentaram entrada pelas enseadas oceanicas. A Historia guarda episodios excepcionaes, em que o Espirito Santo, já sob o dominio de

Portugal, synchronisou sempre pelo espirito de unificação territorial.

A Historia realça, ainda, á frente daquelles antepassados, o symbolo de uma conquista social que hoje empolga; o governo de uma mulher, d. Luiza Grinalda, que assumiu o poder por morte de Vasco Coutinho.

Outra heroína, não menos festejada em nossas capitaes, Maria Ortiz, que a jactos de agua fervente, á falta de outra arma, repelliu, verdadeira guerra branca, audazes invasores hollandezes.

Ao lado da conquista material o povo antigo do Espirito Santo ambientou tambem a catechese espiritual dos seus gentios. Lá ficaram os nomes de Anchieta, Pedro Palacios e tantos outros, proeminente de tal forma aquella figura do antigo provincial dos jesuitas, que lhe guardou o nome o municipio mais de perto beneficiado pelos seus passos evangelizadores.

Se por muitos caracteristicos e fatalidades peculiares, o Espirito Santo compareceu sempre coherente, por todas as épocas e pelos seculos que se succederam, com a inspiração que parece ter conduzido os passos preparatorios do apparecimento da nacionalidade de hoje, não falhou, tambem, efficaz e condigna, a sua actuação nos instantes maximos norteantes da evolução até ao Brasil que somos hoje.

Não falhou, repito, desde o crepitar de idéas e de propaganda civica que, de habito, se alastra a todo sentimento da collectividade, repontando aqui e acolá em inquietudes e anseios inequívocos de uma grande causa.

Taes foram os movimentos em que, tambem, se avantajou o Espirito Santo, pela inde-

pendencia patria, pela abolição da escravidão, pela republicanização do paiz.

Domingos Martins, espirito-santense, foi grande martyr nacional, pela independencia da Patria, na campanha de 1817; Affonso Claudio, brilhante expressão da cultura capichaba, foi o primeiro governador daquelle Estado no regimen republicano.

Assim é, sr. Presidente, que o Espírito Santo, unidade, por si, expressiva, dentro da Federação de hoje, vibrou sempre em éco, senão em precursor, de todas as emoções que perpassaram pela união brasileira.

Assim, pois, todo o Brasil estará amanhã de olhos attentos para a data do nascimento daquella cellula, historicamente expressiva.

Expressiva, digo, porque é mesmo uma synthese perfeita da Nação inteira. E, aqui, muito de proposito, não declaro os factos menos remotos de sua existencia. Contemporaneos que somos, portanto, na paysagem, seria, por isto mesmo, muito deturpada a perspectiva de quem desenhasse a historia de tão perto.

Mas, para a frente, poderemos, talvez, fixar o olhar; o porvir nos mostra, ainda, aquella synthese magnifica de que falava ha pouco.

Synthese geographicamente, praias extensas, enseadas esperançosas, portos por apparellhar, uma faixa baixa, terrenos accidentados, um largo caudal serpenteando zonas menos povoadas, qual Amazonas por suas terras. Synthese economicamente, — grandes riquezas caféieras, polycultura em embrião, zonas e climas varios, vegetação ao norte por explorar, serios problemas viatorios, um parque industrial em formação, e, por fim, uma lenda — em torno da passagem da Itabira.

Synthese, ainda, espiritualmente, — pela for-

mação mental dos seus filhos — aos postos de governo ascendem homens fortes, de honestidade inatacavel, de intenção e capacidade privilegiadas; na esphera cultural hobreia-se com os destacados de outros centros; mesmas crenças, mesmos rumos, mesmas preocupações patrias; na esphera social comprehende-se o sentido da reforma universal, propagam-se a educação e a assistência, reduzem-se os desniveis que separam classes.

Assim é que, sr. Presidente, em homenagem ao que o Espirito Santo representa, e que eu considero um symbolo expressivo da individualidade patria, solicito a V. Exa. que consulte á Casa se approva o lançamento em acta de um voto de congratulações pela data de amanhã e a apresentação das felicitações do Senado da Republica ao povo e ao Estado do Espirito Santo, dirigindo-se, para tanto, a Mesa desta Casa ao digno sr. Governador Cap. Punaro Bley.

O 4.º Centenario do Espirito Santo na Camara dos Deputados

Discurso proferido na Camara Federal, em 23 de Maio, pelo dr. Jair Tovar, em homenagem ao IV Centenario da Colonização Espirito Santense.

O SR. JAIR TOVAR — Snr. Presidente, é uma voz, que se levanta pela primeira vez nesta Casa, desaffeioada desta tribuna e talvez indecisa por isto mesmo; mas nem por isto menos feliz e corajosa, porque a sua primeira articulação tem por escopo a prestação de uma homenagem á terra e ao povo de onde e de quem procede o seu mandato.

Na data de hoje, sr. Presidente, com uma relativa indiferença dos demais recantos da Patria commum, festeja o Espirito Santo o quarto centenario de sua colonização.

O sr. Diniz Junior — A bancada de Santa Catharina aqui está, em peso, para render homenagem ao Estado de V. Ex.

O sr. José Bernardino — Minas está acompanhando com muita sympathia o progresso do Estado que o nobre orador representa.

O sr. Jair Tovar — Será que essa indiferença corresponda a uma actividade improductiva dessa colonização até nossos dias?

Ou será que a terra ingrata tenha sido ma-
drasta da civilização, que hoje nella se agita?

Vejamos, num breve retrospecto, a começar
pelo scenario.

De uma feita já procurei accentuar, que
aquelles que ás enseadas acolhedoras de seu lit-
toral inculto primeiro aportaram, já diziam, mara-
vilhados pelo esplendor de sua mattaria e pela
uberidade do seu solo dadivoso, como o missionario
Antonio Pires, um dos affeitos colonizadores do
Espírito Santo, que a sua «era a terra mais abas-
tada de toda a costa».

Os venerandos jesuitas, que foram Antonio
Nobrega e Affonso Braz, testemunhas e compar-
sas dos primeiros dramas e agitações no luxu-
riante palco da terra de Santa Cruz, quando se
referiram «às terras predilectas do Senhor», que
demoravam no Espírito Santo, narram as chroni-
cas historicas, tinham as mesmas expressões de
gabo e de enthusiasmo.

Foi o ultimo desses Jesuitas, batedores da
civilização, em 1551, na alvorada de nossa his-
toria, que proclamou, com testemunho longo-
evo, que a Capitania do Espírito Santo «era a melhor
e a mais fertil de todo o Brasil», como que acry-
solando, ou em miniatura retratando nella, a ver-
dade geophysica deste paiz fecundo e uberrimo
em todas as suas unidades federadas.

E aquelles que, nos nossos tempos, pene-
tram no amago das suas florestas gigantescas,
estarcidos ante o vigor da seiva, que as ali-
menta prodigiosamente, conclamam, convencidos,
que não fez mero tropo de esthesia Graça Ara-
nha, quando a proclamou—Chanaan, e a decan-
tou como a terra maravilhosa da Promissão.

O espirito de privilegiada observação do
grande escriptor, numa das suas allegorias á ma-

gestosa usina ethnica, onde se caldea uma raça ordeira e voluntariosa, ainda nos seus ultimos lampejos confirmava o martyrio de Milkau:

«No Espirito Santo a terra é uma exaltação. Montanhas compactas, alucinantes, densas florestas tumultuosas, rios de mysterio selvagem, em perfeito desafio á avidez e á energia dos homens.

Esta natureza é personagem envolvente no drama das raças.

Com ella travam batalha os homens do paiz e os homens estrangeiros. Ella é o premio da conquista.

O immigrante esforça-se por vencel-a, para vencer em seguida o brasileiro, que, fascinado pelo amor physico á terra maravilhosa, não é eliminado nem vencido».

Diante desse panorama mysterioso da floresta inextricavel, foi que, num dia do Espirito Santo, as náos da aventura, da cobiça e da audacia, portadoras do symbolo da fé, panejando para o El-Dorado, que sacudia os anhelos de riqueza da metropole, mainaram as suas velas cançadas pelos ventos, de todos os quadrantes.

E acompanhado dos fidalgos D. Jorge de Menezes e D. Simão Castello Branco, o donatario da Capitania—Vasco Fernandes Coutinho, começou a tarefa da colonização, e com ella a grande tragedia de sua vida em holocausto á civilização brasileira.

Desde então se desenrola o pugilato sem treguas entre o homem e a natureza, frente á frente.

Dentro das selvas primitivas, no contacto com a fera bruta e a alma rude dos aborigenes, foi ahi que Anchieta—o thaumathurgô do Novo Mundo—tangido por um ambiente, que lhe recordava a todo instante as graças do Senhor, en-

controu o grande campo para os seus suaves milagres, que o materialismo explica como sendo o halo dimanante da suggestiva luz da caridade, mas não pôde negar que cimentaram as pedras angulares da vida social da nacionalidade.

Os sentimentos de brandura e docilidade do apostolo projectaram-se, em consequencia, como um caracteristico da gente capichaba, sem prejuizo, todavia, de sua cooperação decidida, nos momentos difficeis em prol da conservação e da unidade da Patria, ou nos seus estremecimentos libertarios.

Por que não trazer á collação, neste seu dia fasto, o seu heroico civismo, desde as furiosas escaramuças rechassando o inglez Cavendish, e das arremettidas reaccionarias contra as malogradas incursões dos holandêses no seculo XVII, sem esquecermos a abnegação patriotica de Domingos José Martins, até a collaboração dos seus filhos para maior gloria das paginas republicanas?

O «Sr. José Bernardino — Não olvidemos o nome de Maria Ortiz.

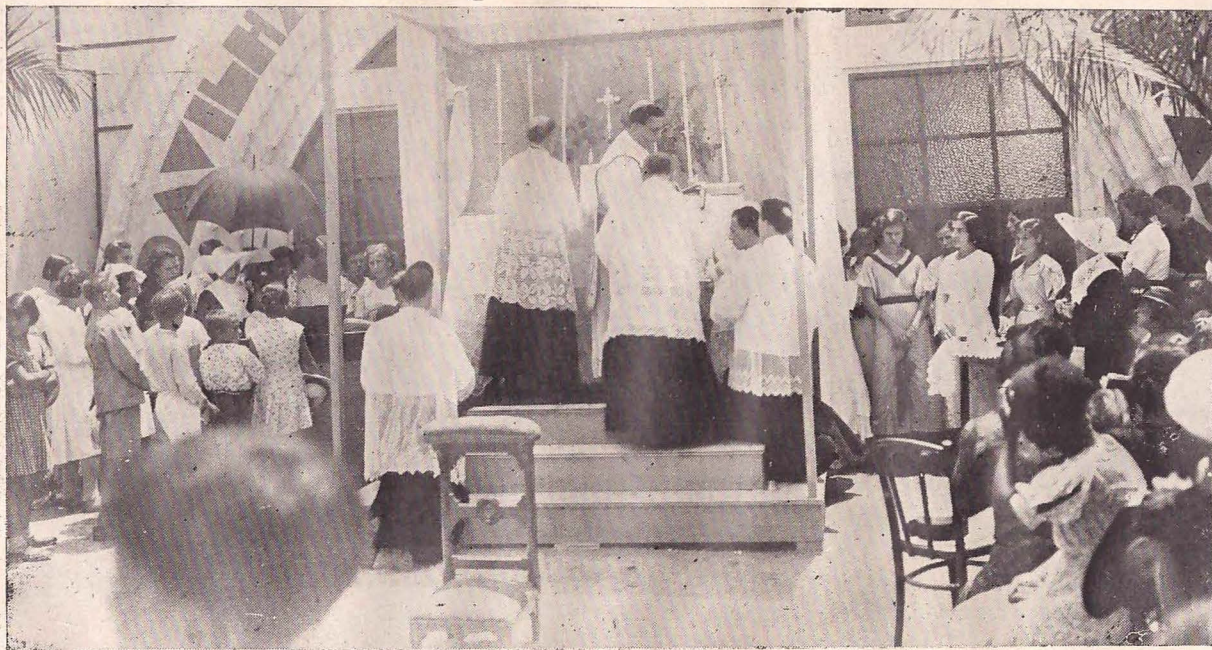
O «Sr. Jair Tovar» — Pois, não. Com grande prazer accetto o accrescimo.

Um lance de olhos, porém, nessa lenta adaptação da natureza ás nossas exigencias actuaes, obrigam-nos á meditação de um conceito de um dos nossos mais eminentes historiadores — Varnhagem, que foi depois visconde de Porto Seguro, — na sua Historia do Brasil, onde se lê: Se a colonização tivera caminhado de outro modo, se fôra levado ao cabo com mais gente, e emprendida pela Corôa como maior capitalista, á maneira da Bahia e do Rio, seria hoje a Provincia do Espirito Santo uma das mais ricas do Brasil e a cidade de Victoria um dos seus emporios».

Esta realidade, que poderemos chamar a um



Inauguração da 1.^a Feira de Amostras da Cidade de Victoria. Vêm-se o exmo. sr. Interventor Federal, sr. dr. Prefeito Municipal e o sr. Pedro Paulo Lanza, commissario, aos quaes se deve a realzação da 1.^a Feira de Amostras de Victoria.



Missa Campal celebrada no recinto da Feira de Amostras, por S. Exa. Revma. D. Luiz Scortegagna, Bispo desta Diocese.

só tempo historica e geographica, o eminente sr. Cincinato Braga, um dos nomes de que se orgulha esta Casa, num dos seus memoraveis discursos, se não me atraçou a memoria, reconheceu implicitamente, salientando que a futura grandeza do Brasil repousará irresistivelmente sobre tres pilastras mestras, que são os portos do Rio, Santos e Victoria.

Não obstante, sr. Presidente, sem que se cuide [com racional interesse desse imperativamente futuro baluarte economico do Brasil, com as obras para melhor aproveitamento do seu porto, digamos de passagem; não obstante, senhor Presidente, os fructos dessa colonização, que hoje relembramos, compellem-nos a bemdizer a semeadura dos nossos avoengos.

Examinemol-os em rapido esforço.

Com uma população estimada em 750.000 almas, o que o colloca em 17º lugar entre os Estados da Federação, e com um territorio, que o leva ao 18º posto quanto á grandeza, correspondendo a 0,35 por cento da superficie do Brasil, o Espirito Santo, sem embargo, é o segundo na contribuição para o saldo da nossa balança commercial, e é o segundo no quociente *per capita* da produção nacional.

Cabe-lhe o terceiro plano, no tocante á nossa produção do café, que é actualmente o factor maximo de nossa economia.

A porcentagem da matricula escolar, tomada em relação ao numero de habitantes, não o afasta desse posto proeminente: é o terceiro da Federação.

E aqui força é lembrar a circumstancia digna de relevo: sua instrucção incorpora, ou incorporava até bem pouco, um numero de profes-

sores em quantidade superior aos soldados de sua milícia.

O terceiro logar uma vez mais lhe pertence, no attinente ao valor da exportação dos productos do Brasil, contribuindo dest'arte com seu exemplo lisongeiro para a solução do «problema de vida ou morte», de que se occupou ha dias nesta tribuna o illustre sr. Cincinato Braga, cujo nome pela segunda vez declino com respeito.

O montante de sua receita assegura-lhe a setima collocação entre as arrecadações dos Estados brasileiros, emquanto seu systema ferroviario confere-lhe a 11a. situação, máo grado a pequenez do seu territorio, e sem esquecermos de estar o seu solo recortado de rodovias, numa extensão de 4.000 kilometros, para o que despende 5 % de suas rendas, grangeando a 5a. collocação entre os federados na solução deste importante problema brasileiro.

O Sr. José Bernardino—Muito bem; é um dos mais futurosos Estados do Brasil. E reconhecemos com prazer.

O Sr. Jair Tovar—E apesar de o recuar a sua população absoluta para os derradeiros logares, a consciencia civica de sua gente guindou-a a esse mesmo IIº degráo decrescente, na consideração dos eleitorados actuaes.

Quem assevera e depõe sobre tudo isso, sr. Presidente, é a estatística, essa “testemunha implacavel, acima de toda ameaça ou seducção, que podemos citar ou interrogar com confiança e com proveito quando precisamos de esclarecimentos sobre os differentes aspectos da civilização”, no symbolismo feliz da expressão de Chevalier.

Os obreiros dessa tarefa de nosso engrandecimento, os quaes conquistaram silenciosa e diu-

turnamente estas credenciaes, bem merecem uma homenagem nesta Casa, no dia em que se rememora o termo inicial da colonização do Espirito Santo, por Vasco F. Coutinho.

O Sr. Ubaldo Ramallete — Homenagem justissima. (Apoiados).

O Sr. Jair Tovar — Quanto de sacrificios, quanto de dissabor, quanto de horas amargas não se fizeram necessarios, para que fossem argamassados os fundamentos do edificio actual.

E aquelle que, ha quatrocentos annos volvidos, no dia de hoje se apossava das terras do Espirito Santo, com a sua fidalguia e com a sua riqueza, abandonando as commodidades da metropole, foi o primeiro tributario do seu proprio ideal, pagando com a mais negra miseria e corroido de desilusões, a aventura de crear para nós uma civilização nova em paragens sob a luz do Cruzeiro.

Descubramo-nos ante os perfis desses semeadores das colheitas, que adoçam as nossas gerações.

E bemdigamos, nesta hora immensamente grata, aquelles que, no tumulo da vida, têm dado o seu braço e o seu pensamento, para que o Espirito Santo, seja, como a sua propria feição geographica o indica, um traço de união cordial entre o Norte e o Sul desta grande Patria, ligado a seus irmãos federados na mais estreita solidariedade, num permanente labor pela felicidade constante da unidade do Brasil. (Palmas).

Assim, sr. Presidente, requeiro a v. exa. consulte a Casa sobre si permite se insira na acta dos nossos trabalhos de hoje um voto de congratulações e regosijo pelo transcurso desta data. (Muito bem. O orador é cumprimentado).

O Club Saldanha da Gama no Quarto Centenario da Civilização Espirito-Santense

Discurso pronunciado pelo dr.
Christiano Fraga.

Ao extremoso cultor da historia patria seduzem principalmente os lances e passos do periodo colonial, onde podemos surprehender o desabrochar de nossa raça e de nossa nacionalidade.

Mais aguçada sentimos ainda a curiosidade ao esbarrar com as lacunas e deficiencias documentares que lançam tanta obscuridade sobre os primeiros seculos da historia do Brasil.

A divinatoria exaltação poetica celebrou nos seus melhores poemas os primeiros conquistadores :

Ah! quem te vira assim, no alvorecer da vida,
Bruta patria, no berço, entre as selvas dormida,
No virginal pudor das primitivas éras,
Quando aos beijos do sol, mal comprehendendo
[o anseio

Do mundo por nascer que trazias no seio,
Reboavas ao tropel dos indios e das feras!

Já lá fóra, na ourela azul das enseadas,
Das angras verdes, onde as aguas repousadas
Vêm, borbulhando, á flôr dos cachopos cantar;
Das abras e da foz dos tumultuosos rios
— Tomadas de pavor, dando contra os baixios
As igaras dos teus fugiam pelo mar...

De longe, ao duro vento oppondo as largas velas,
Bailando ao furacão, vinham as caravelas,
Entre os uivos do mar e o silencio dos astros...

«Os povos, diz Tocqueville, resentem-se eternamente da sua origem. As circumstancias que os acompanharam ao nascer e que os ajudaram a desenvolver-se influem sobre toda a sua existencia. Se fosse possivel a todas as nações remontar á origem da sua historia, ahi descobririam a causa primaria das prevenções, dos usos e paixões dominantes, — de tudo emfim, quanto se chama caracter nacional».

Porto Seguro recorda com enlevo esses conceitos do grande historiador francez. Mas a verdade delles vae hoje desmaiada na entrosagem das relações internacionaes niveladas e igualadas no mesmo matiz, pela doirada monotonia da civilização, pela rapidez das vias de comunicação, vertiginosas em nosso seculo. Por outro lado não devemos querer forçar a historia patria a fornecer-nos padrões de gloria para gozo de nossa vaidade.

Havemos de respeitar o dever sagrado do historiador, faiscador de verdades, investigador sereno, tambem obediente ao preceito physiologista de Claude Bernard: **Observez comme une bête**. Ao sociologo—o commentario e a philosophia da historia, ao romancista e ao poeta—a phantasia da imaginação.

Seja grato, ao menos, ao espirito-santense encontrar no limiar da historia patria a sua capitania contada entre as que conseguiram vencer. Lá está ella no formoso capitulo de Varnhagem: «chronica primitiva das seis capitancias cuja colonização vingou».

A personalidade do donatario, o vulto do heroico fidalgo soffredor que foi Vasco Coutinho, não chega a apresentar-se em traços bastante firmes a nossos olhos. Aprozada a caravella para a serra do Mestre-Alvaro, logo lhe começou a

odysseia de luctas pela fundação da capitania, guerreado pela ferocidade do gentio e dos seus proprios desmandados compatriotas. Não succumbiu porém sem vêr que deixava bem marcado o vestigio das suas actividades de lidador: a colonia que fundou, guardava entre sangue e destroços, a semente de uma civilização imperecivel. Pelo seu braço o Espírito Santo já pudéra colaborar com Duarte Coelho em prôl de reivindicações adiantadas e com Men de Sá na fundação do Rio de Janeiro.

A collocação geographica do nucleo espirito-santense, manteve-o afastado do movimento de penetração sertaneja, no povoamento e expansão do hinterland brasileiro, diante de cuja importancia se apagam os dramas do litoral.

A vivacidade das bandeiras vai partir de Piratininga, subindo o Tieté e se avolumando para oeste e para o norte, e sobre as suas arrancadas de guerra, surgem as lavouras, as povoações, os ouros e as pedrarias. Assim fala ainda Bilac ao bandeirante moribundo:

Quando do acampamento o bando peregrino
Sahia, ante-manhã ao sabôr do destino,
Em busca ao norte e ao sul de jazida melhor,
—No comoro de terra em que teu pé poisára,
Os colmados de palha aprumavam-se, e clara,
A luz de uma clareira espancava o arredor.

Nesse louco vagar, nessa marcha perdida,
Tu foste como o sol uma fonte de vida:
Cada passada tua era um caminho aberto!
Cada pouso mudado uma nova conquista!
E enquanto ias, sonhando o teu sonho egoista,
Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto.

Durante a época das minas, cujo vasto movimento já é intenso na primeira metade do século dezoito, o Espirito Santo recebe, através do Rio Dôce, accentuados reflexos daquella febril actividade, alimentada na mineração do ouro e do diamante.

Descendo os afluentes do grande caudal, aportam conquistadores e bandeirantes á villa de Victoria. Antonio Rodrigues Arzão, companheiro de Borba Gato, ganhando o Rio Dôce, aqui chega e se apresenta ao governador, dando conta de suas expedições. É o relato das suas viagens á cata de ouro povôa de lendas e tradições a pequena villa.

Ainda no começo do século XIX, “obter um livro em qualquer ponto da colonia, diz um chronista, era um grande problema; era preciso subtrahil-o á vigilancia da autoridade, ou então alcançar uma licença especial para recebê-lo da Europa”.

Mesmo assim, consegue aqui resoar a palavra de Voltaire, Rousseau e dos encyclopedicos, e a seu clamor se levantam ideias de emancipação, favorecendo agitações gloriosas como a revolução de 1817, em Pernambuco.

Ufana-se o Espirito Santo de contar com um filho seu entre os heroes-martyres do grande movimento libertador: Domingos José Martins liga para sempre o nome a essa epopéa, que é uma das mais fulgurantes paginas da Historia do Brasil. Apesar de ter durado apenas setenta e tres dias, acha Oliveira Lima que é esta a unica revolução digna deste nome. A actividade de Domingos Martins junto aos magnatas nas outras provincias e na Europa, o ardor com que estimulava incessantemente o animo dos companheiros, o heroismo e habilidade na guerra, a grande

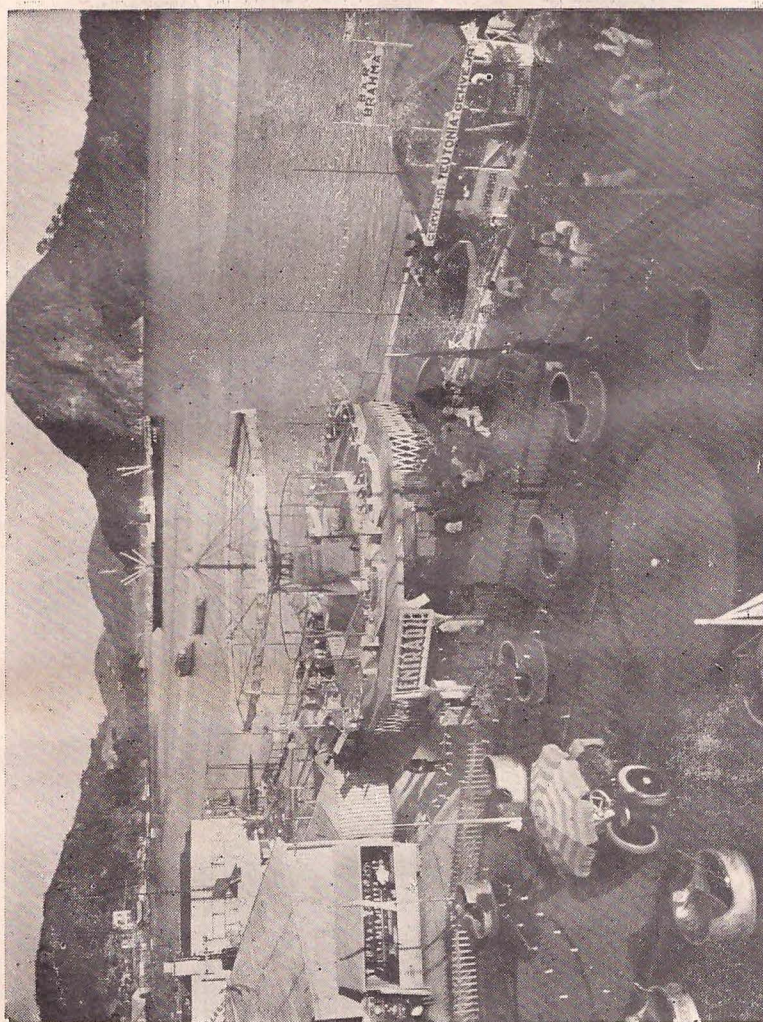
serenidade no martyrio, constituem das mais bellas passagens da revolução.

Quasi pela mesma época começa o torrão espirito-santense a receber as vistas dos grandes luminares da sciencia européa. Aqui vêm chegando Auguste de Saint-Hilaire, Wiedneu-Wied e Leopold Humboldt, e aqui se deixam ficar fascinados pelo estudo de nossa prodigiosa natureza, acampados em viagens de penetração pelo valle do Rio Dóce. Daqui levaram grandes contingentes preciosos com que enriqueceram os thesouros da sciencia. Do principe Wied-neu-Wied, principalmente, avultam no museu de Vienna as preciosidades que colheu, referiu e desenhou em sua longa permanencia pelas florestas capichabas: ali se encontram as grandes maravilhas da nossa flora e da nossa fauna; bastará dizer que só ao estudo e descripção da vida de uma especie de mutum consagrou o principe um livro inteiro.

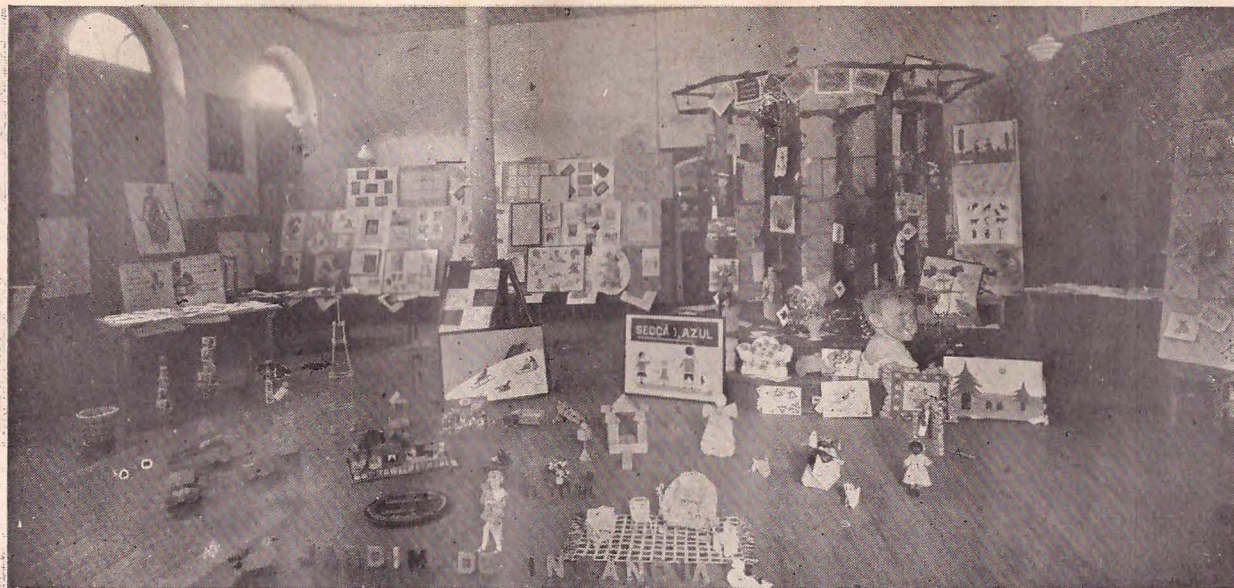
Todavia, só no seculo presente o Espirito Santo, como diversas outras unidades da federação, começa a sua perfeita integração na nacionalidade brasileira. E' o milagre do progresso das communicações, facilitando o intercambio das ideias e da economia. E' o milagre do avião e do radio.

Ao encetar este seculo, já alguns nomes conseguem romper as linhas fronteiriças e elevar o nosso conceito por todo paiz. Já despertam a attenção nacional, Muniz Freire e Graciano Neves. Da familia Monteiro surgem valores brilhantemente ligados á historia de nossa civilização, Jeronymo Monteiro, Bernardino Monteiro, Jeronymo Filho, Nelson e Oswaldo.

A Oswaldo Monteiro, sanitarista illustre e operoso, cuja actividade foi tão cedo desvaneci-



Vista do Parque de Diversões, que funcionou na 1.^a Feira d: Amostras de Victoria.



«Stand» Jardim da Infancia. Trabalhos infantis. Muita coisa linda e curiosa, que attrahiu a atenção dos visitantes da Feira.

da pela doença, devemos a modernização da nossa organização sanitaria, emprehendida em 1926.

Numerosos outros valores intellectuaes e sociaes proclamam o nosso avanço cultural.

No esplendor da civilização carioca distinguem-se para exemplos os Muniz Freire, Jeronymo Monteiro Filho, Jorge Kafuri, Mario Aristides Freire, Darcy e Lauro Monteiro.

Estes expoentes da cultura espirito-santense constituem os pontos de reparo, os brilhantes nucleos, em cujo derredor se hade escrever a verdadeira historia de nossa civilização. Cada um delles pode fazer suas as palavras do padre Coignard: "Contribuo para o thesouro dos conhecimentos acumulados pelos doutos e levo a minha pedra ao monumento da verdadeira historia que é a das sentenças e das opiniões e não a das guerras e dos tratados".

Com a revolução de Outubro de 30 inicia-se no Estado uma era de reactivação energica e meticulosa de todas as possibilidades, e o esplendor e a lanterna electrica percorrem os mais reconditos escaninhos da administração publica. Todos os ramos de actividade são estimulados por um sopro vivificador. Na esphera economica se notou logo um melhor criterio de arrecadação e um emprego rigorosamente exacto do numerario publico. As classes lavouristas e operarias beneficiaram-se por concessões especiaes. Os desvelos com assistencia social têm promovido a pratica de methodos das mais modernas organizações sanitarias.

Os problemas de educação, cheios de obstaculos, mesmo para as nações mais adiantadas, são objecto de dedicados esforços: augmento do numero de escolas, criação de novos institu-

tos normaes, melhoria e construcção de predios escolares, criação de cursos especiaes de educação physica e educação sanitaria escolar, desdobramento e inauguração de diversas cadeiras de ensino secundario, organização do cinema educativo e do radio, e outras innovações valiosas que seria longo considerar aqui e que tanto enriquecem o departamento do ensino.

Ao fechar o quarto centenario de civilização, a historia do Espirito Santo regista o nome de Punaro Bley, não accidentalmente apenas pelo seu cargo de governador, mas exalçando-o como administrador exemplar, energico sem desabrimiento, tolerante sem tibieza, honesto e trabalhador sem alarde. Este nome transbordará da lauda fria do livro para se inscrever no coração grande e agradecido do povo espirito-santense.

E finalmente, senhores, que mais irradiante chave de ouro para fechar o nosso quarto século de civilização do que o exemplo deste grande e valioso Instituto de Educação, donde agora vos dirijo a minha obscura palavra!

Producto ingente de esforços e sacrificios multiplicados pela juventude capichaba, o Saldanha deve mais facilmente alcançar toda a plenitude do seu desenvolvimento neste ambiente de agora, propicio á eclosão de todas as boas sementes.

Quantas vezes surpreendemos os proprios membros da directoria occupados no simples asseio e decoraçào de salões. Rudes trabalhos feitos alegremente, pela necessidade de maior rigor economico, para que em nada soffresse o financiamento dos famosos treinos, das brilhantes jornadas victoriosas.

Reviveis, como numa era de verdadeira renascença, os fastos olympicos da Héllade mara-

vilhosa. Mas a emphase vasia não me levará a comparar o vosso Instituto aos lyceus, gymnasios, palestras e kynosargues da divina Grecia. E' sem duvida encantadora a evocação daquelles tempos em que era uma religião a pratica dos exercicios physicos consagrados á robustez e á belleza. Quem melhor o dirá do que Annibal Theophilo nas estrophes *A um ephebo* :

E' porque a tua perfeição me obriga
Que a lyra empunho estatico de espanto,
E em nome da arte, da arte heroica e antiga,
Adolescente as tuas formas canto.

Ver-te é o passado ver que se desliga
Das vestes de hoje, e de purpureo manto
Ao hombro, o pé na alvissima caliga,
Ver-te, evidente todo o teu encanto.

Salve, moreno Adonis, esculptura
Que no meu sonho surges dentre vides,
Sublime bronze, mal pisando o solo !

Salve corpo onde uniu a formosura
A' rizeza dos musculos de Alcides
A deslumbrante perfeição de Apollo !

Embora a technica dos exercicios physicos tivesse attingido uma extraordinaria perfeição na antiga Grecia, é muito maior a efficiencia da vossa educação physica moderna medida pela exactidão scientifica, dirigida pelos nossos adiantados conhecimentos de physiologia e pathologia.

"A superioridade dos modernos sobre os antigos, diz Bolgey, não está na maior perfeição da technica esportiva pura. Luctava-se de certo ao menos tão bem como hoje nas palestras da Hellade, e os corredores de Olympia rivalizavam com

os nossos. Nossa superioridade está toda no facto de que, graças aos progressos da biologia, *interpretamos* es efeitos do exercicio sobre o organismo e somos capazes de dosar o melhor segundo as circumstancias e as constituições. É uma grande vantagem que aproveitamos e nos permite adestrar, suster, guiar com seguro critério as crianças, os adolescentes e os atletas”.

Illustrados medicos não faltam na corporação do Saldanha, sob cuja vigilancia a educação physica se exerce procurando seguir os canones da sciencia e da arte.

“O medico, ensina ainda Bolgey, apparece como o guia e o conselheiro indispensavel do educador. Aponta os excessos, assignala os erros e indica, em cada caso particular, o melhor methodo a preferir. Só debaixo do controle physiologico a educação physica se imporá a todas as classes de modo evidente. Os exercicios não intimidarão a mais ninguem quando se saiba proporcional-os á resistencia de cada um e quando pela pratica bem dosada façam surgir a saude florescente e o desenvolvimento corporal perfeito”.

Rememorando ligeiramente a folha corrida dos trinta e tres annos do Saldanha da Gama, os campeonatos brasileiros levantados em varios ramos esportivos, remo, natção, basket e tantos outros, as centenas de medalhas que marcam tantas datas gloriosas, avaliamos como se multiplicam, como se retemperam os esforços saldanhistas em pról da educação do povo espirito-santense. Por vosso pelejar entusiastico e infatigavel tendes contribuido ingentemente para que por todo o Brasil o nome do nosso Estado seja lembrado por entre aclamações pelos conhecedores da verdadeira pratica civica.

Não tem passado despercebida pelo actual

governo a vossa actuação no engrandecimento do torrão espirito-santense. Considerado de utilidade publica, o actual Governo tem aproveitado todas as oportunidades para prestigiar o grande Club, e conserva, de certo, o mais vivo empenho em amparar-lhe o provimento, em ampliar-lhe o dominio.

Largos credits que se destinem a soccorrer o vosso patrimonio, a enriquecel-o mesmo, não conseguem ter melhor applicação, pois assim se destinam a robustecer o mais productivo sector das nossas actividades—a educação do povo.

O vosso inextinguivel enthusiasmo communicativo, o exemplo de uma perseverança extraordinária atravez dos transes mais apertados em porfia de um dos maiores ideaes da civilização, são bastantes para testemunhar quatro seculos de consolidado progresso que só pode enaltecer o Espirito Santo, cotejado com as demais unidas da federação”.

NO TUMULO DE ANCHIETA

Discurso proferido, no tumulo de Anchieta, pelo sr. Macario de Lemos Picanço, membro da enbaixada academica da Falculdade de Direito de Nithe-roy e presidente da Academia de Letras dos Universitarios Fluminenses :

“Neste instante de tanta significação nos destinos desta terra fecunda e laboriosa, que dia a dia, reverdecendo-se e desabrochando se em sorrisos de amôr mais se approxima, sob a inspiração nobre dos seus filhos, da grande gloria que a contempla no destino nacional, caminhando sempre, com fito no porvir, por uma estrada coberta de rosas, como uma via-lactea coberta de estrellas; neste instante em que o presente, estendendo os seus braços, sauda com a mão direita, que é o symbolo da confiança e da fé, o futuro mysterioso e profundo e, com a esquerda, que é a mão da saudade, porque é a mão do coração, o passado cheio de luctas e de grandezas, em que o homem, abnegadamente, tombava ao solo como uma ave ferida em pleno vôo, nos meandros da floresta, pelo bem da, hoje grande patria brasileira, que é minha vida e minha alma na esperança que me impulsiona para a sua natureza luxuriante e rica — a divina poesia no esplendor do sól, — neste instante em que tudo volve, através do pensa-

mento, áquelles dias que já se foram na marcha incessante dos tempos e que dorme no somno da eternidade, no fundo frio e tenebroso de um sepulchro imaginoso, no cemiterio das cousas mortas, para dignificando-se e elevando uma homenagem justa e sincera, curvar-se ante o nome glorioso de Anchieta, a mocidade fluminense, que tem na sua alma a bondade que vive latente nos versos crystalinos de Casemiro de Abreu, o poeta da melancolia e da saudade, no cantar o desespero de uma paixão infeliz, que tem no seu cerebro o fogo do entusiasmo animador do genio grandioso de Lopes Trovão, que traz no espirito as convicções ardentes de Euclides da Cunha, descrevendo a epopéa da patria na historia dos sertões, que vibra com Nilo Peçanha, que se eleva com Alberto Torres, que se orgulha com Raul Pompéa e acima de tudo, que se anima com as grandezas do Brasil, esse Brasil que, á sombra dos Andes gigantescos e á margem do Atlantico infinito, é grande por ser Brasil, e que, por ser Brasil é a gloria da America e a esperança do mundo, quer se fazer ouvir tambem, procurando glorificar ainda mais o vulto do immortal jesuita, que, no dizer de alguem, foi a pedra preciosa desse anel de ouro — A Companhia de Jesus, cujos membros, tendo por couraça a fé, por arma a cruz, por guia o nome de Deus, numa época de atrocidades indigenas, aqui aportaram, procurando, desde logo, com a pureza dos seus sentimentos, fazer luz sobre as trevas que imperavam em pleno dia.

Na idade em que o moço volta o seu pensamento para as alegrias da vida, — são palavras que já escrevi ha tempos e que hoje volto a pronunciar, e em que a juventude, vendo o futuro com optimismo, se embala suavemente so-

bre as ondas puras da sua esperança; na idade em que o jovem, dominado pelo idealismo, se enche de entusiasmo ante as bellezas e as grandezas sacrosantas de sua patria e em que o poeta tange, nas vibrantes e metalicas cordas de uma lyra, a maviosidade de uma alma que, qual um botão ao transformar se em rosa, desabrocha risonhamente para o futuro, — Anchieta, encarando de frente a realidade que vive palpitando dentro do Universo, tomando por guia os bemdictos principios que Christo escreveu no grande livro do mundo com o seu proprio sangue, com a chama de fé a queimar-lhe o espirito e a bondade pululando dentro do seu coração generoso, chega ao Brasil trazendo a gloriosa missão de desfaldar na terra onde o Cruzeiro, como o symbolo sublime de uma raça e uma religião, se ostenta todo luminoso e scintilante no fundo azul de céu, a formosa bandeira da civilização.

Filho de “uma cesta de flores esquecida na na róta dos phenicios”, Anchieta tinha em sua alma todo o calor da atmosphaera africana; a sua intelligencia era tão impetuosa e fertil como as aguas violentas do Nilo; a sua voz, cheia de facilidade e convicção, ecoava na consciencia dos homens como o murmurio do zambéze no ambito escuro das furnas rhodesianas, onde a solidão entoia o canto lugubre dos negros no desdobrar infinito das noites; e, no seu espirito, o som orchestral de sua bondade bem se parecia com a symphonia maravilhosa que os passaros, nas florestas rumorosas e virgens do Congo, entoam em glorificação da natureza, que é a suprema elevação de Deus na gloria do Universo.

O sol, coberto pela poeira do seu proprio brilho, engalanado com o fogo de suas proprias entranhas, surgia no horizonte para illuminar o

mundo e Anchieta, com a alma repleta de ternura e o pensamento espargindo raios de santidade nos quadrantes da vida, apparecia nas praias indigenas do Brasil, para com a luz immortal da sua grande fé, clarear o caminho, caminho sem fim, porque uma patria "nunca morre", por onde a joven nação, que despontava para a raça lusitana como um thesouro inegalavel e sem par desde o seu céu innundado de estrellas até o seio bemdito da sua terra coberta de ouro, livre do barbarismo e enamorada das bellezas da civilização, haveria de caminhar, olhos fixos na imagem do porvir, em busca da grandeza, da felicidade e da paz.

A principio, contra elle os selvagens, perdidos na profundidade de sua inconsciencia cultural, se rebellavam; uns queriam trucidal-o, outros escravizal-o, mas o certo é que, e a verdade desponta como a notavel e unica realidade das cousas, dentro em pouco, todos, sorrindo ou chorando-cantando ou soffrendo, se curvavam ante a força moral daquelle homem, que, qual fria e marmorea estatua no meio da violenta tempestade, era insensivel a todas as ameaças e que afrontava todos os perigos com um sereno sorriso nos labios, uma doce expressão de santo nas faces, com o signal passivo dos genios estampado na fronte, com a cruz, com o symbolo da ternura no dominio do perdão preso entre os dedos e os raios longinquos da fé brilhando e rebrilhando, numa harmonia espectral de cores e scintilações, no fundo dos seus olhos negros, tão calmos como a viração dos ventos na melancolia triste das tardes de outomno, beijando a flor serena das aguas na mansidão dos lagos.

Praticava, então, o bem, "resuscitava os mortos afim de os batizar", reza a lenda, ensinava,

escrevia, recitava, levando, no manto da religião, o conforto á alma de todos os índios, os quaes eram tratados com ternura de irmão, com paciência de pae, e quando partia, novamente, em busca de outras regiões, quando se embrenhava em outras selvas, subindo outras montanhas, cortando outras campinas, marginando outros rios, atravessando outros campos, muitos eram os selvagens que, agradecidos, o acompanhavam na sublime jornada, enquanto outros, beijando-lhe as mãos, lhe asseguravam a immortalidade e eterna amizade da sua vida, cultuando o seu Deus, amando-lhe o seu nome, perpetuando-lhe a obra no dominio insondavel da historia, a mestra da vida, a mestra dos povos.

Tinha na alma o bem, no coração a virtude, no espirito a sinceridade, nos olhos presa a imagem do porvir e no pensamento os sagrados principios de Deus, que controla as forças do Universo no incessante e cosmico movimento dos astros.

Por onde passava deixava o luminoso rastro da civilização, indicando ás gerações a grande estrada do futuro; onde parava cantava as maravilhas do céu e onde repousava fincava o glorioso estandarte da religião de Christo, cuja grandeza, servindo-me de palavra de Ruy Barbosa, excede as do Universo e da razão: o espaço, o tempo, o infinito, acima dos quaes a tragedia espantosa parece maior que os vãos da metaphysica, as immensidades do calculo e as hypotheses do sonho.

A sua maior preocupação era dominar com a fé, mostrar a felicidade futura por meio da esperança, semear o bem com caridade, fazer a honra e a gloria dos altares com a humildade e com as orações, implantar o altruismo com a

virtude, a moral com a religião e a obediencia com a castidade.

O suor do seu corpo era a agua que regava as flores christãs, que, das sementes por elle proprio semeadas, iam surgindo, no sólo da vida, para a magnificencia artistica da terra.

Quando trabalhava, era a espontaneidade, a caridade, a sinceridade em plena acção.

Elle se tornou glorioso sem jamais ter pelejado em guerras, sem jamais ter se assentado no throno prateado dos reis, e com a humildade e a fé subiu á altura onde nunca os imperadores poderosos conseguiram e nem conseguirão chegar pela força de suas armas.

Praticando o bem e a caridade, rezando e ensinando, vencendo a hypocrisia e derrotando o orgulho, pregando o altruismo e combatendo o egoismo, foi elle vivendo até que, já velho e cansado de tantas luctas, nesta terra formosa e amiga onde o Rio Doce, como já tive occasião de dizer, descendo lá do alto das azuladas montanhas mineiras, atravessa os campos atapetados de flores, corta as campinas, cae em cachoeiras retumbantes, passa por entre estreitos e longos valles, para numa fraternal amizade, se perder no seio profundo e verdejante do Atlantico, que canta a epopéa das aguas no movimento "perpetuo e perenne de sua vibração", viu apagar-se, como os raios das estrellas que mergulham, nas noites tempestuosas, na escuridão das nuvens ou no profundo concavo das ondas, a luz que illuminava a sua vida e, na sua alma, que foi o "murmuroso ninho" de uma "eterna poesia", murchar, perdendo todo o seu perfume toda a sua belleza, toda a sua maviosidade, a ultima flôr da sua esperanza.

O seu corpo ia repousar para sempre na

terra santa e dadivosa do Brasil, que elle tanto amava, queria e considerava como sendo a sua verdadeira patria, emquanto o seu espirito, sob o cantico sonoro da natureza, que vibra no meio das cousas, e a serenata maviosa dos anjos, entrava na mansão de Deus, ahi encontrando a sua paz eterna e o eterno throno da sua immortalidade.

Nasceu como um humilde, viveu como um martir e morreu como um santo, eis o resumo de toda a sua historia, que é um rosario de santidade na belleza dos céos irradiando luzes através do azul.

Anchieta foi "o pobre e humilde José" que o Brasil inteiro ama, admira e venera, e cuja gloria nos altares, ao repicar festivo dos sinos, que levarão na sua voz de bronze a perpetuidade dos seus feitos a todas as partes, todos os brasileiros esperam com ansiedade, afim de que, como bem disse um illustre prelado, seja elle laureado com esta nova gloria, a maior de todas... para que sua virtude, ornada desta corôa celestial, brilhe de novo fulgor aos olhos do povo, e elle constituido pela autoridade da Igreja Padroeira da Nação Brasileira, lá do Céo proteja, consolide e defenda aquella fé que semeou com palavras, regou com os seus suores e fecundos com as suas orações.

Tu, Anchieta, que aqui repousas como um sol que fombou no horizonte da vida, mas deixando ainda por todos os seculos as irradiações luminosas do seu esplendor "a rasgar o ether em direcções", és a expansão santa da tua propria gloria na immensidão do Universo, que, perdido no seio ignorante do seu mechanismo, beija, por meio dos astros, o teu grande nome, como o céu cheio de saphiras beija o mar chelo de esmeral

das, ligando Deus e terra na harmonia bella dos homens !

Dorme, justo, dorme, “apostolo das selvas”, dorme, sentinella da bondade e sonha no paraizo santo da eternidade, porque, tu, paladino do amor e defensor da fé, não morreste:—tu vives, aureolado na tua gloria immarcessivel, no coração immenso da Patria, na memoria de todos os homens, na consagração da posteridade, descansando á sombra dos feraes cyprestes, que soluçam de saudade, na quietude dos cemiterios, onde as flôres murcham ao contacto negro da terra, perdendo o seu brilho e a sua côr no reino da morte, como o mar perde o seu verde no seio profundo da noite !

A mocidade fluminense aqui vem com o pensamento desfeito em flôres e a alma repleta de esperanças, derramar sobre o sepulcro onde sonhas, oh ! divino Anchieta, as rosas do seu louvor e o perfume destas rosas ha de, nas azas inviziveis dos ventos que sopram em todos os cantos e recantos do mundo, percorrer campos, montanhas, valles, cidades, rios e florestas, glorificando a tua obra, consolidando a tua gloria, bendizendo a tua vida, pregando os teus principios, enaltecendo os teus feitos, pela honra da patria, pelo amor da humanidade, pela grandeza de Deus, pela paz do Universo !

Saudação ao Espirito Santo

Por Macario de Lemos Picanço,
da embaixada academica da Faculdade
de Direito de Nictheroy, por occasião
do nosso 4.º Centenario de Civilização.

Oh! Espirito Santo, terra fecunda, terra da luz e do amor, ao desabrochar, neste instante de sorrisos e de festas, em que commemoras o teu quarto centenario, das consciencias para o esplendor da vida, como as flores, nos teus campos infinitos, que se reverdecem sempre, cobrindo-se, na symphonia das almas, com o manto verde da esperanza divina, desabrocham para o esplendor do sol, eu te saúdo, pela profundidade do teu céu de saphira, pela poesia ridente dos teus mares de esmeralda, onde as estrellas, no baile dos astros, mergulham no somno das ondas, pelos gigantescos dos teus montes, que se atiram para o alto como a força suprema que se eleva do sólo na ansia eterna de dominar o espaço, pela magnificencia gothica das tuas cathedraes, em cujas torres, como symbolo da fé, surgem as cruzes luminosas, que synthetisam a belleza da «da verdade e da justiça» no culto do perdão, pela cultura dos teus filhos, pela bondade que vive latente no grande coração da tua gente, pela pureza que dorme tranquilla no espirito dos que vivem sob a tua guarda, pelo patriotismo inabalavel do teu povo, que, estou certo, trabalhando na offi-

cina, ou na escola, ou no lar, luta sempre sem desfalecimentos, pelo bem da grande patria, que nos acaricia com os seus beijos, que nos orgulha com a sua tradição, perpetuando o seu nome na memoria dos homens, glorificando a sua raça na consagração da posteridade e consolidando a sua gloria na epopéa dos povos!

Tu, Espírito Santo, és bem digno da nossa admiração, porque o teu progresso, que honra o teu passado, deslumbra os nossos olhos como a tua natureza, toda engalanada e florida deslumbra a nossa alma!

Oh! Coutinho! oh! tu que dormes, embalado nos braços tetricos da morte, á sombra dos cyprestes rumorosos, que guardam no amarellecido de suas folhas os soluços agonizantes da saudade, e no fundo frio e marmoreo de um sepulchro, levanta-te, porque tu és immortal, e contempla a grandeza da tua obra, que é um sonho de gigante e a expansão da tua gloria!

Oh! goytacazes! Oh! aymorés, que já não mais correis á beira destes mares bravios e sobre a areia alvinitente destas praias ou através as campinas immensas, que se perdem na dobra do infinito, como um oceano que desaparece na quêda longinqua do horizonte, levanta-te do esquecimento em que vives e celebra, com teus irmãos, a grandeza deste sólo que tanto amaste na defeza contra os filhos de outras patrias!

Oh! heróe, que repousas a cabeça no travesseiro do passado e que tens os teus nobres feitos no coração dos homens, empunha os trophéos de tuas victorias e commemora connosco, na arena da vida, o triumpho desta terra que é um manto atapetado de estrellas!

Oh! filho das regiões do Rio Doce, rio que, descendo das alcantilladas montanhas mineiras,

atravessa, qual uma serpente, valles, florestas, cidades, para lançar-se, por fim, no seio mysterioso do Atlantico, confundindo as lagrimas do oceano, canta a tua justa alegria ante a maravilha da tua terra!

Oh! moço capichaba, oh! tu que tens a alma alegre como o cantar dos passaros ao raiar luzente da alvorada, lança as rosas dos teus sorrisos aos pés deste monumento de ouro e rubim que é o Espirito Santo, que, na harmonia scintillante das suas aspirações, desafiando o tempo e o espaço, penetra pelo futuro a dentro, illuminado pelo passado e honrado nos seus destinos gloriosos!

Eu te saúdo, Espirito Santo, bemdita terra capichaba e, digo com Ruy Barbosa, assim como tu te miras no espelho das aguas serenas, nós mergulhamos nossas tristezas no cristal das tuas tradições, pedimos ao mar que nos conte as lendas da tua bravura e abrimos a vela á esperança no dorso azul das tuas ondas!



Entrega de medalhas aos campeões do Club de Regatas «Saldanha da Gama», que tomaram parte na prova EE. UU. do Brasil. O exmo. sr. Governador do Estado, cap. Punaro Bley, effectua uma condecoração.



Outro flagrante da entrega das medalhas conquistadas pelos atletas saldanhistas. Vê-se, no *clichê*,
Madame Punaro Bley, condecorando os heroicos remadores do club do Forte de S. João,
em presença das altas autoridades do Es'ado.

Homenagem da U.A.G.E.S. ao Instituto Historico

Discurso pronunciado pelo professor Almeida Cousin, no Instituto Historico e Geographico, por occasião da solemnidade da entrega da flamula da U. A. G. E. S., nas festas do centenario.

Exmo. sr. Governador do Estado; exmo. sr. Presidente do Instituto Historico e Geographico; exmas. senhoras; altas autoridades presentes; meus; senhores *uages* e mocidade escolar.

Si ha alguma voz que seja, para mim, imperativa; si algum mandato existe, que me faça surdir da penumbra modesta a que me recolho, não por sentimento misantropico, mas por sensibilidade morbida de um temperamento excessivo—esta voz e este imperativo são os vossos, Mocidade.

Poderei resistir a solicitações de amigos; esquivar-me até ao cumprimento de deveres de cortezia social, jamais, porém, fechar a minha porta e cerrar os meus ouvidos a vós outros.

Representaes a minha fé; representaes a minha crença no futuro; representaes a sublimação da minha affectividade, que não encontrou familia para exercer-se, mas que se expandiu, que se fez grande como deve ser na alma do educador, abraçando com seu amplexo enorme a mocidade toda de minha terra.

E' em nome desta affectividade que vêdes me aqui e—ó altas autoridades—que fallo em nome desta gente moça.

Viestes, estudantes, e a porta estava aberta; Pedistes—e eu, vosso professor, cumpro com as vossas ordens...

Um resto de poesia, que, talvez, me illuminou a fronte em annos sonhadores, ainda doura o meu crepusculo e eu—sol de outomno—ainda sonho, em vós, o levantar de auroras. Assim Osiris, na velha religião do Egypto, morrendo no occidente, sabe de Horus, que virá depois, trazendo á terra um dia mais luminoso e lindo...

Osiris somos nós outros, que passamos, mesmo deixando porventura algum vestigio na memoria dos nossos feitos e nomes, indo a figurar em breve na região sombria dos mortos, dentro dos tumulos ou da grande noite encantada da Historia.

Osiris, o Sol morto, os deuses do reino escuro, seria—no sentido deste symbolismo de que estou abusando como poeta e que jámais foi o da theologia do sacerdocio egypcio—Osiris seria a humanidade toda, em seu passado: o homem que escapou ás fêras; o que dominou o fogo; e o que fez o machado de pedra; e o que conquistou a caverna; e o que povoou os rebanhos e cultivou as margens dos grandes rios; e o que fundiu os metaes; e o que fez as cidades e o que inventou a roda; e o que fizeram as machinas e grandes monstros mechanicos; e os que domaram e escravizaram a cavallaria branca das grandes cachoeiras atroantes; e os que dominaram o raio, a electricidade e encheram o espaço de musica, de rumores, de vozes, de fulgurações e dos zuni-dos trepidantes das helices dos zeppelins e dos aeroplanos...

A humanidade que passou é bella! Reverenciae-a, moços, e erguei os vossos corações num *Benedicite*!

Ella tem quatrocentos annos no Espirito Santo, sem fallar do periodo obscuro da floresta, onde se extinguiram os nossos irmãos americanos—ingenuos e nós—diante da raça nova, avassaladora, do conquistador europeu.

Não me cabe trilhar convosco esse periodo longo. Outros oradores já se têm occupado e occuparão, com maior proficiencia, destes assumptos, no decorrer destes festejos do Quarto Centenario.

Ella é, porém—ella, essa humanidade que passou—é Vasco Fernandes Coutinho, chegando á enseada azul de Villa Velha, com a grande cruz luzitana, rubra, aberta nas vellas redondas e brancas; são os missionarios da cruz e os conquistadores da espada; as “entradas” que subiram e desceram o Rio Doce e os nossos grandes rios; os nacionaes, os negros e os immigrants que penetraram as mattas, abriram roças e plantaram cidades que defenderam e engrandeceram essa terra linda e os que a governaram e amaram, ou menos lembrados ou deixando na alma do povo recordações impereciveis, como esses Jeronymo Monteiro, esclarecidamente dedicados, até chegar a este minuto em que vos fallo, a representar se no Capitão João Punaro Bley, acabando de realizar, ainda hoje, obra meritoria, do maior alcance social, inaugurando o Leprosario de Itanhenga.

Vindes trazer, moços, a flammula de UAGES, a flamula da vossa sociedadesinha, esportiva, ao collendissimo Instituto Historico e Geographico do Estado do Espirito Santo. E’ o futuro que se

solidariza com o passado! o *amanhã*, que abraça o *hontem*, atravez do minuto de hoje.

O Instituto ha de acceitá-la como homenagem vossa e penhor de que continuareis a servir e amar a vossa terra, como a serviram e amaram os que reverenciamos no seu luminoso tumulo historico.

Servi-la-heis mas sem bairrismo de horizontes estreito; amála eis, defendê-la-eis denodadamente contra abutres e vampiros de imperialismos silenciosos que, mesmo em plena paz, venham sugar-lhe o sangue e devorar-lhe os musculos de vitaes energias; tereis, sim, moços, esse sagrado e são patriotismo, que não é aggressivo nem romantico; que não quer predominar sobre os outros povos; que não quer um palmo de terra do visinho; que não significa hegemonia e dominio, em favor de conquistas de mercados e interesses argentarios—mas que é amor e dedicação á prosperidade da terra e povo de que surgimos, dentro do sentimento de fraternidade ampla, que pode abrigar no seu seio a todos aquelles que são, como nós, trabalhadores humanos.

O Instituto receberá a vossa flammula e o passado a vossa promessa. Osiris, o Sol que passou, espera que o continuareis mais brilhante, vós, que representaes um minuto de Horus, o Sol ressuscitado, vós, que sois a mocidade, que sois um raio da aurora de amanhã, que sois cordas da grande harpa em que o Espirito Santo, o Brasil, a humanidade podem cantar o hymno das suas esperanças...

Discurso proferido pelo dr. Archimimo Martins de Mattos, em nome do Instituto Historico do Estado, agradecendo á mocidade do Gymnasio do Espirito Santo a offerta da flamula da sua organização athletica denominada "U. A. G. E. S." na tarde de 22 de maio ultimo, por occasião das magnas comemorações do Centenario.

Neste momento historico que atravessamos em que o E. do E. Santo festeja, na mais confortadora união de todas as clases, o 4º centenario de seu povoamento, importantissimo se torna registrar a cooperação intelligente da mocidade de nossa terra, aqui nobremente representada pelos gimnasianos que se irmanam connosco, no mesmo pensamento civico, de cultuarmos os nomes dos nossos primeiros povoadores.

E' por isso que me manda o Instituto Historico e Geographico do E. Santo significar vos a sua sастisfação mais calorosa pela vossa presença e, sobretudo, pela carinhosa manifestação que de vossos corações parte directa á alma dos constituintes da Casa do E. Santo, na pessoa de seu dedicado Presidente actual, em cujo nome falo nesta hora de justificadas alegrias para os servidores da nossa terra bemdita.

"Nos olhos da creança creamos na innocencia e nos cabellos brancos da velhice saudemos a virtude" — disse-o, talvez por outras palavras, mavioso poeta da nossa raça, como estabelecendo

estreito liame entre a mocidade e a velhice; como para exaltar a ligação entre polos oppos-tos, unidos embora pela incoercibilidade de leis biologicas.

Nos vossos arroubos de moços não vos olvi-dastes dos velhos servidores da causa publica espirito santense que, nesta casa de modestas mas honrosas tradições, vão mantendo o fogo sagra-do do culto ao passado glorioso dos nossos maiores. Na vossa triumphante mocidade não vos deslembastes de trazer aos representantes do pensamento capichaba o conforto do vosso en-thusiásmo, o calor ardente do vosso applauso, o carinho commovedor da vossa affeição.

Quando a ampulheta do tempo marca mais uma etapa vencida na ascensão civilizadora do nosso povo, opportunissimo rendermos o culto da nossa veneração aos que antes de nós trabalha-ram pelo progresso e bem estar da terra commum.

Numa impressionante visão caleidoscopica desfila diante do nosso pensamento, tornado ao passado de 4 seculos, o que foi o enormissimo dispende de energias masculas para trazer ao seio da matta inhospita e aggressiva, o braço civili-zador, na fundação de novos moldes de activi-dade productiva no meio barbaro de então.

A historia ali está na consignação teste-munhal da titanica e heroica investida da men-talidade que procurava se estabelecer com pos-tulados novos contra a resistencia por egual heroica dos primitivos senhores da terra, os in-cultos ancestraes desse povo que vive feliz e victorioso das margens do Mucury ás rumorosas aguas do Itabapoana.

Desde esses recuados tempos oppostas for-

ças se defrontam na defeza de ideaes que aca-
lentam.

Emquanto colonos invasores, na mais sin-
cera das convicções, procuram implantar princi-
pios de que se fiseram pregoeiros, os nativos
defendem ardorosamente o rincão que lhes foi
berço, opondo o melhor de suas resistencias.

Do embate dessas forças antagonicas, como
do choque de corpos em sentido contrario, ou
do attricto de metaes diversamente impulsiona-
dos, brota a fиска que illumina, produzindo luz e
força; assim do entrechoque de duas raças com
differentes ideologias, marcando dois diversos
estagios de civilização, nasce o colono brasi-
leiro e, com elle, o trabalho construtivo, o dyna-
mismo fecundo no desdobramento das activida-
des creadoras, frutificando em energias novas e
creando riquezas que se vão desenvolvendo para
orgulho dos nossos maiores, sастisficação dos
nossos actuaes e gaudio dos nossos porvin-
douros.

Um vasto capítulo da historia espirito san-
tense está por ser escripto, celebrando os esfor-
ços dos que se foram, authenticos bandeirantes
do nosso povoamento, os valentes desbravado-
res da *selva selvagia* de nossa terra estreme-
cida.

Do periodo embryonario do nosso povoa-
mento, com escalas pela exploração do braço es-
cravo, caminhamos com o inolvidavel Costa Pe-
reira para a implantação do braço livre na con-
quista das riquezas que hoje orgulhosamente
desfrutamos.

Dessa época colonial aos poucos foi emergindo a officina de labores de que resultaria tempos após a provincia do E. Santo.

Annos transeorridos, começamos a receber o influxo de massas populares que espontaneamente vinham partilhar connosco o pão amassado na lucta pela vida, que despontava já em robustas affirmações de energia.

Dos poucos documentos que possuímos relativos ao nosso povoamento, em pouco afastadas eras, mínimo é o que se refere aos novos moradores que passam quasi desconhecidos ou ignorados, em virtude de nossa hypermetropia historica, já referida por festejado publicista ao criticar o máu vazo de procurarmos conhecer os factos mais recuados da vida de outros povos, desconhecendo os mais intimamente ligados ao immediatismo de nossos interesses, para a pratica da nossa educação de povo ainda envolto nas faixas de sua primeira infancia.

Aqui conclamando-vos para attentardes para o nosso passado, ingratidão não pequena commetteria se não rendesse de publico o culto da mais calorosa admiração aos gigantes pioneiros da nossa civilização.

A passos lentos marchavamos na senda da vida, quando começamos a attrahir as atenções dos nossos visinhos, já então desejosos de dar maiores expansões á sua actividade creadora.

Para o E. Santo encaminha-se, por isso, activa corrente immigratoria, recebendo o nosso hinterland a invasão de novos braços para aqui orientados, de proveniencia bahiana, mineira e fluminense.

Nas paginas da nossa historia ainda ha por se inscrever os traços referentes aos masculos vul



Aspecto da parada atletica do
Gymnasio do Espirito Santo.



Nos dois primeiros quadros, as autoridades assistindo á
parada de 23 de Maio. — Em baixo : um aspecto da
grandiosa parada escolar na praça João Climaco.

tos que para aqui transportaram suas familias, seus haveres, escravos, corpo e alma na obra ingente de fecundar a terra virgem.

Possivelmente muitos dos moços que me ouvem descendam desses titanicos varões cujos exemplos de incessante labor, luctas asperas, tenacidade invejavel, devem fazer o orgulho assaz justificado de muitos aqui presentes.

Permittido me seja, por isse mesmo, aqui recordar o nome do primeiro iniciador civilizado das margens impressionantes do S. Matheus — o portuguez Domingos Antunes, logo seguido pela primeira expedição organizada com 8 pessoas livres e um escravo.

Desse primeiro nucleo fundado em virtude do bando de 3 de outubro de 1722, resultou um dos maiores centros agricolas com os SANTOS NEVES, SODRÉS e outros, perpetuados em numerosa e digna descendencia.

Dos DU PIN CALMON dos tempos coloniaes, o ramo fixado no valle do rio Doce, foi o possante desbravador d'aquellas inhospitas regiões, e muitos dos que delles descendem ainda hoje alli vivem irmanados aos destinos da terra que lhes foi berço, tornada fecunda pelo amplexo generoso do trabalho humano; como mais adiante, inspirados pelas bellezas do valle do Guandu, alli se estabeleceram os agricultores fluminenses de Vasssouras, JOSE VIEIRA de CARVALHO e FRANCISCO VIEIRA de CARVALHO MILAGRES, cuja operosidade se patenteia ainda agora nas propriedades agricolas que lá se ostentam.

Longo seria, amigos meus, se pretendesse vos minudenciar o que foi a bravura dos nossos maiores investindo contra a aggressividade da natureza virgem.

Vencedores porém, dos obstaculos oppostos,

se tornaram triumphantes no baixo Itapemirim os ALVES, PINHEIROS, MOREIRRS e LIMAS, creando o maior centro agricola, entre nós, florescente até meados da 1.^a Republica; como na direcção das aguas do Castello e Rio Pardo se estabeleceram audaciosamente os VIEIRAS, MACHADOS, CUNHAS, FRAGAS, AMORIAS, provindos das zonas de Vassouras e Valença no E. do Rio de Janeiro, dando-nos os entrelaçamentos familiares por ahi hoje encontrados.

Por todo o valle do Norte Esquerdo e do Itabapoana, se radicaram os PAIVAS, PENNAS, FERREIRAS, Nogueiras e outros, oriundos do Sul de Minas, assenhoreando-se por direito de conquista e de herança de vastos tractos de terras nos municipios de Alegre, Itabapoana etc.

Volvendo-nos para esses tempos, como nos inundamos de gratissima consolação, passando em revista essa indomita coragem em avançar para o desconhecido, na ancia incontida de nos transmitir as riquezas que hoje confortadoramente desfructamos sem percebermos bem a somma dos sacrificios outr'ora dispendidos.

Emquanto invadiam a floresta altaneira, com o mosquete de continuo engatilhado para a defesa contra o felino traçoeiro, e transportavam o machado, a foice e a enxada, para, na arrancada do ubere potente da mãe commum, retirar o producto de seus esforços, não olvidavam proteger o peito valoroso com o symbolo da fé ha 20 seculos implantado gloriosamente no pincaro do Calvario.

Na truculencia da luta porfiada encontramos, porém, o espirito poetico da aventura, hoje registado em significativas denominações denotadoras do estado de espirito que as inspirou.

Velho bandeirante de quem descende em linha recta quem neste momento tem o prazer immenso de vos dirigir a palavra, vadeando-os, transpondo montes, encontrou alfim propicio local ao seu primeiro estabelecimento e, estaqueando o seu abarracamento de beduino de nova estirpe, encantado pela maravilhosa visão que se lhe depara, denomina-o—MONTE ALEGRE.

Um Vieira Machado afundando-se no mais espesso da matta, na ultima etapa de sua possante invasão, localisa-se no FIM DO MUNDO como para patentear a braveza da gleba conquistada, além da qual seria a incognita apavorante.

Outro porém, mais audaz, invade novos rincões, conquista adeante outro pouso e, ironicamente, o apellida de MUNDO NOVO.

Alargado deste modo o patrimonio da terra capichaba, teve ella o seu maximo esplendor na constituição de uma authentica fidalguia rural, fundadora dos novos nucleos de progresso continuamente operante.

Conforme o padre Ayres do Casal, não haverá documentos veridicos sobre a precisa epocha da colonisação européa no E. Santo.

“O acto a este respeito mais antigo é a ordem do governo central ao Presidente Gabriel Getulio Monteiro de Mendonça, em 26 de Abril de 1830, para que destinasse terras de agricultura a 400 colonos de Breien”.

Em 1813, o Intendente Geral de Policia—Paulo Fernandes Vianna, no governo de Francisco Alberto Rubim, dava inicio a uma colonia de Ilhéos dos Açores e em 1816 o Comendador Monjardim “entregou as Cartas de sesmarias dos terrenos em que se estabeleceram 50 casaes de Ilhéos”.

Fundou-se, desse modo, a Villa de Vianna, donde se irradiariam posteriormente—os trabalhos de colonisação de S. Izabel, Alfredo Chaves, Rio Novo, Castello etc. dirigidos pelo espirito constructor de Joaquim Pinto Pacca; e, pelo rio S. Maria acima os de S. Leopoldina, Timbuihy e S. Thereza que tanto impressionaram a grande alma de Graça Aranha.

Numa synthese dos acontecimentos do nosso passado referentes ás commemorações desta Semana, vos dou aqui em largos traços o quadro do que fomos e de onde viemos.

Delle não teremos de nos envergonhar; contrariamente, com a alma em festas, podemos re-memorar os nossos antepassados dignificando-se pelo trabalho honrado, pelo esforço util, pelo espirito de sacrificio em prol da grandeza e prosperidade patrias.

A familia espirito santense no presente é o producto de seu proprio esforço pelo acendrado amor á terra, no exemplo a imitar, daquelles cujos nomes lembramos cheios da mais tocante unção, invadidos do enorme respeito que lhes devemos.

Relembrar aqui a todos elles, embora nas linhas geraes que propositadamente deslizei ante vossos olhos de moços, é sacratissimo e imperioso dever nosso, como beneficiarios da honra e bravura, cujo olvido seria crime de lesa patriotismo.

Não deveríamos, porém, encerrar as nossas modestas considerações se aqui não proclamássemos bem alto as glorias do vulto gigantesco de capichaba illustre, de cuja dedicada operosidade resultou a fortuna actual do E. Santo, daquelle incomparavel compatricio que teve sempre os olhos voltados para a terra em que nasceu, dando-lhe amor, trabalho, carinho, esforços

de que colhemos hoje os fructos opimos de 'que nos alimentamos.

Não fôra elle e a estas horas estaríamos ainda no periodo embryonario de nossa economia, não fôra elle e a derrocada economica resultante da libertação do braço escravo, ter-nos-ia arremessado na mais terrivel das penurias.

Refiro-me, snrs. ao eminente e inolvidavel Conselheiro Costa Pereira para quem todos os nossos louvores serão poucos.

Eis porque, jovens estudantes capichabas, o Instituto Historico e Geographico do E. Santo, abrindo deante de vós o grande livro do nosso passado, insculpe em suas paginas d'ouro o nome de Costa Pereira.

São os velhos desta casa que commungando com os moços de minha terra no mesmo altar de contemplação pelo nosso passado, rendem aos pioneiros do nosso progresso, o culto de sua imorredoura veneração.

Eis porque, companheiros e amigos, vos agradecemos com o coração transbordante do mais justificado orgulho, a vossa solidariedade aos impressionantes festejos que effectuamos nestes dias de intensas alegrias para todos nós.

São vossos os nossos corações enternecidos pelo vosso civismo como promissores mystagogos do porvir grandioso que vos aguarda.

Em nome do Instituto Historico e Geographico do E. Santo, um grande, enorme e comovido abraço á mocidade estudiosa das terras bemdictas do E. Santo.

A SESSÃO SOLEMNE DO INSTITUTO HISTORICO

Discurso proferido pelo dr. Antonio Francisco de Athayde, presidente da Casa do Espirito Santo, na noite de 23 de maio de 1935:

“Ha quatro seculos, na data de hoje, o benemerito fidalgo Capitão e Governador Vasco Fernandes Coutinho, com sua familia e mais 60 povoadores, aportava na bella enseada de Piratininga, em sua caravella — **Gloria** — trazendo os rebentos de nossa civilização.

Quando hoje, pela manhã, as salvas atrovavam de diversos pontos da cidade, saudando com galhardia, o alvorecer da data magna do nosso povoamento colonial, recordava, que, da amurada da caravella mensageira, tambem Vasco Coutinho fez saudar a nova terra e a nova gente, accordando a natureza virgem que dormia seguramente ha mil annos, para iniciar o trabalho promissor da felicidade humana.

Despertadas, assim, as hostes bravias dos Goytacazes e dos Aymorés, deu se fatalmente o encontro ou o choque renhido e tenaz do selvagem contra o civilizado.

No emtanto, Vasco Fernandes Coutinho procurou inteligentemente, com rara habilidade, vencer as hostilidades do meio e aproximar-se do indio. Fez-se estimado na tribu, fomentando

elle mesmo a catechese leiga, na falta da religiosa, pois os jesuitas Affonso Braz e Pedro Palacios, ainda não tinham começado methodicamente a santa missão. Todos os serviços ruraes caminhavam regularmente, desde que as tribus assás satisfeitas, estavam mais ou menos pacificadas e os colonos bem installados em suas geiras.

Animado e confortado do relativo progresso de sua Capitania, resolveu Vasco Coutinho partir para Lisbôa, em 1552, afim de trazer novos colonos e conseguir mais elementos de prosperidade, deixando a testa do serviço administrativo D. Jorge de Menezes, seu companheiro de viagem e de governo, com recommendação especial de não serem perturbadas suas ordens nessa interinidade.

Triste revês da sorte!... Fez-se de vilão o seu substituto!...

Na sua auzencia, as hostes se rebelam. Travam-se successivos combates. Os indios são escravizados, açoutados, maltratados e vendidos. Jorge de Menezes, o responsavel por toda essa villania, bem assim, Castello Branco, Manoel Ramalho e Bernardo Pimenta não souberam prudentemente corresponder á confiança do Governador. São trucidados.

Todos os serviços agricolas se desorganizam, completamente. Os colonos fogem espavoridos para diversos pontos da Capitania.

Verdadeira catastrophe!...

Nesse momento de tão profunda desolação, chega, de volta, o donatario á sua Capitania — encontrando-a reduzida a miseria!... Cômto, elle não succumbiu á hecatombe. Tentou ainda salvá-la. Appella para o Governador e Capitão Ge-

neral do Estado, Mem de Sá, que se achava na Bahia.

Este, attendendo o pedido de soccorro, mandou immediatamente o seu filho Fernão de Sá, com uma regular expedição, para combater os indios rebellados, e morre, infelizmente, em combate, á margem do Cricaré — rio S. Matheus, em abril de 1558.

Triste fatalidade! Vasco Coutinho, comtudo, poudé ainda enfrentar ás difficuldades e melhorar a situação dos seus colonos; porém o seu abalo moral era tão violento e profundo, a sua saúde tão comprometida que só teve tempo de voltar, para Lisboa, entre os seus, em 1561, exaurido de todos os recursos e completamente pobre!

Assim desapareceu do scenario da vida, meus senhores, o benemerito fundador da nossa civilização! Se é certo que quem administra é sempre victima de graves injustiças, evidentemente, não faltaram pois ingratições e injurias para tecerem as urdiduras á corôa do martyrio do nosso donatario, tendo Varnhagem na Historia do Brasil T. 1º, pag. 152, feito juizo temerario sobre a sua personalidade, dando éco á maledicencia dos desafectos do seu governo.

Entretanto, Damasceno Vieira, Cezar Marques, Rocha Pombo e outros, consideram Vasco Coutinho o donatario que melhor comprehendeu a responsabilidade do seu encargo, esforçando-se sempre pela prosperidade da sua fértil e reputada capitania.

Ja muito doente, fez communicar ao Governador Geral Mem de Sá sua partida do Espírito Santo.

Em Lisboa, fez seu pedido de renuncia ao Rei, de sua capitania.

Mem de Sá manda eleger provisoriamente

governador do Espirito Santo, o capitão-mór Belchior de Azevedo, provedor da Fazenda Real, com a notada recommendação de — **se apparecer algum herdeiro de Vasco Coutinho lhe entregar immediatamente o governo.**

Foi convidado em Lisboa o seu filho Jorge de Mello que não quiz aceitar-a. Coube então a capitania ao seu filho natural Vasco Fernandes Coutinho, casado com a nobre dama de Pizza, D. Luiza Grimaldi.

Fallecendo este 2º donatario no Espirito Santo, succedeu-lhe, na governança da Capitania, a sua eminente esposa, cuja administração foi efficientemente pacifica e prospera. Desenvolveu-se, logo, a catechese dos tres insignes Jesuitas — Affonso Braz, o pacificador das tribus capichabas e fundador de collegio São Thiago; Anchieta, o famoso apostolo do Brasil, o celebre cathechista de Reritibá, e Pedro Palacios, o fundador do maravilhoso e deslumbrante Convento da Penha, cujo terreno foi doado pela respectiva governadora Luiza Grimaldi.

Reivindicuemos as glorias de Vasco Coutinho, carissimos confrades. Vós bem o sabeis. O sublime ideal do Instituto é zelar com amor o que é nosso, defendendo o patrimonio material, intellectual, social e moral do Estado, que é tambem o da Patria. Sem autonomia estadual definida, a Federação não póde existir.

Façamos aqui o culto civico ao Passado; pois, se sabemos e valemos alguma cousa, perante a civilização, devemos a elle, sómente. Consagremos, pois, a nossa grande veneração ao saber e á experiencia dos nossos antepassados, que á semelhança dos velhos troncos de velhas arvores, souberam vencer idades e procellas pela nossa actual felicidade.

O culto civico que hoje prestamos á memoria de Vasco Coutinho, constitue um serviço relevantissimo que beneficia a communhão espirito-santense, desenvolvendo respeitosamente a educação moral do povo, em homenagem ao Passado—que é o nosso mestre.

Defendamos, integralmente, com patriotismo as nossas fronteiras, as nossas tradições, os nossos heróes, as nossas magnificencias, as nossas glorias, as nossas reliquias tumulares, pois assim honramos e dignificamos a nossa terra e a nossa raça.

Evoquemos neste instante a memoria de todos os martyres que argamassaram com o seu sangue, a civilização do novo Espirito Santo.

Paraphraseando as estrophes evocativas do poeta Natividade Saldanha, digamos :

Os Jovens capichabas,
Descendentes de heróes, heróes vós mesmos,
Pois a raça de heróes não degenera.

.....

Vasco Fernandes Coutinho é o glorioso fundador do Povo Capichaba !

Salve ! O benemerito donatario da Capitania do Espirito Santo”.

Damos espaço, agora, á notavel peça oratoria, eloquente e solida de argumentos e conclusões consideraveis, que foi a conferencia do dr. Mario Aristides Freire, expoente da mais apurada cultura intellectual espirito-santense:

O progresso do Estado do Espirito Santo nos quatro seculos decorridos desde o inicio do seu povoamento, commemorado hoje festivamente, demonstra a riqueza e notavel fertilidade de seu solo, bem como a grande tenacidade dos que aqui têm vivido e trabalhado.

Ha precisamente quatrocentos annos, os primeiros colonos portuguezes saltavam, maravilhados, em um rustico recanto, á entrada da encantadora bahia de Victoria.

Pela Carta Régia de 1 de Junho de 1534, Vasco Fernandes Coutinho fôra contemplado com 50 leguas de terra, na costa, do sul das que haviam sido concedidas a Pedro de Campos Tourinho. Bravo fidalgo, já citado nas chronicas militares das conquistas na Asia, o Donatario vendêra tudo quanto possuia em Portugal, empolgado pelo desejo de tornar logo realidade o seu grande sonho patriotico: trazer a fé e a crença catholica, o que valia dizer naquelle tempo—trazer a civilização, a um largo trecho do Novo Mundo.

Daria expansão, assim, ao espirito aventureiro de mais um bando heroico de Portuguezes; mostraria de quanto ainda eram capazes os de-

nodados luzitanos, descendentes proximos daquelles desprendidos e temerarios navegadores do famoso periplo africano, audazes descobridores de terras "por mares nunca dantes navegados".

A Historia poderá maldizer o regime, os processos administrativos, que depois, determinaram o enfraquecimento desse povo, provocado, talvez, pelo fausto facil, proporcionado pela exploração da rica e fertilissima colonia. Nós celebramos hoje a epopéa daquelles que desprezaram commodidades palacianas ou trocaram altas honorarias e posições herdadas ou conquistadas, direitos adquiridos a tenças e propinas—por uma pequena e modesta caravella, para a obra humanitaria da Civilização.

Assim fez Vasco Fernandes Coutinho.

Podemos, por isso, repetir com Alberto Torres que—"a ascendencia portugueza é uma honra para o Brasil".

Quando o nosso respeito, a nossa veneração, busca hoje um monumento daquella época, para cultuar nelle a memoria de tão nobres heróes, não ha como deixar de curvarmo-nos deante do berço distante de tantos navegadores arrojados e repetir com o Poeta, a saudação inspirada a Portugal:

"Patria! filha do sol das prlmaveras.
rica dona de messes e pomares,
recorda ao mundo ingrato as priscas eras
em que lhe ensinaste a erguer altares!
Mostra-lhes os esqueletos das galeras
que foram descobrir mundos e mares!"

Quando o nobre Donatario deixou, na pequena enseada de Villa Velha a caravella na qual viera com sessenta ardorosos companheiros, o

seu primeiro pensamento voltava-se para Deus que o haviam ensinado a amar, invocado pelo proprio Soberano nas primeiras linhas da Carta Régia de doação. E' no calendario christão que, ao pisar em terra, vae buscar o nome de sua nova conquista--a Capitania do Espirito Santo: aqui chegára no domingo feliz em que, naquelle anno, a Igreja commemorava o cumprimento da doce promessa de Jesus, a suavissima e consoladora visita do Espirito inspirador da obra apostolica do Christianismo.

Homens de outros hemispherios, nascidos em zonas bem diversas contemplam a pujança da natureza agreste que os cerca, pontilhada das figuras desconfiadas e arredias dos naturaes da região, e todos anteveem logo os arduos trabalhos que os esperam naquella terra inculta, com um clima desfavoravel e dominada por elementos temiveis.

Varnhagen, confrontando a obra asperrima dos colonizadores do Brasil, com o que, salvo pequenas excepções, occorreu ás margens do Prata, em Nova Granada. Mexico e America do Norte, observa como—"podemos ter uma idéa do muito que a este respeito soffreriam os colonos, tanto senhores como escravos africanos, lembrando-nos de como varios dos proprios grandes donatarios, tão bem aquinhoados, preferiram abrir mão da empreza de cultivar e beneficiar os seus grandes senhorios ou verdadeiros estados, dando-se por felizes de haverem podido voltar com vida, ao proprio lar".

Esse ultimo consolo não teve, porém, Vasco Fernandes Coutinho, que tudo, de si, déra por seu Rei e por seu Sonho: não podendo voltar ao Reino; sem ter mais um lar proprio ao qual se pudesse reco-

lher, deixa-se morrer nos braços da Caridade, na propria Capitania que fundára.

No I volume da obra de grande erudição "A Terra Goytacá", Alberto Lamago reproduz uma informação ou attestado, cujo original elle possui, do Provedor da Fazenda, na Capitania do Espirito Santo, sobre os serviços que aqui prestou o donatario Francisco Gil. Depois de descrever o que no ultimo quartel do seculo XVII essa autoridade fizera nas villas de Victoria e do Espirito Santo, afirma o referido Provedor:

"A casa de Misericordia, que não se viam mais que os vestigios, mandou V.S. levantar ficando perfeitissima, aqui mandou V. S. dar sepultura decente aos ossos do primeiro Donatario Vasco Coutinho, que soterrados em hua arca ainda se conservam reliquias delles".

Não preciso dizer a essa assistencia onde ficava, em Victoria, a igreja da Santa Casa de Misericordia, como ainda em 1816 consta denominada na memoria escripta pelo Governador Rubim: chegou até nossos dias, com um pequeno cemiterio annexo, que já conhecemos interdictado. A obra de nossa nova Constituição está sendo estudada e discutida no mesmo lugar onde foram recolhidos os restos venerandos do Fundador.

A Vasco F. Coutinho podiam parecer escasos e mesquinhos os resultados que, de seus esforços, poude contemplar. Avultam, entretanto, hoje, quando vemos Capistrano de Abreu—"lembrar que dos Donatarios procedem Itamaracá, Olinda, Ilheus, Porto Seguro, Santa Cruz, Espirito Santo, S. Vicente, Santo André, para reconhecer que a sua influencia foi fecunda e que a elles deve muito o povo brasileiro".

Escassos pareceriam porque muito grandes deviam ter sido, em verdade, os sonhos do Donatario esperançoso. Por maiores que fossem, porém, estariam, ainda assim, muito longe de permittir antever a grandeza que o trabalho fecundo dos quatro seculos decorridos a todos revela e patenteia.

Coutinho obtivera uma faixa de 50 leguas de terra até onde chegasse o dominio portuguez; vale dizer:—até a linha de demarcação, modificada em 1494, pelo tratado de Tordesilhas. Estavamos na época em que Francisco I dizia com o vivo brilho do espirito gaulez:—“je voudrais bien qu'on me montrat l'article du testament d'Adam qui partage le Nouveau Monde entre mes frères l'empereur Charles-Quint et le roi de Portugal, en m'excluant de la succession”.

A criação, no principio do seculo XVIII, da nova Capitania de São Paulo e Minas Geraes, e a separação do territorio de Minas Geraes para construir uma Capitania independente, nos termos do alvará de 2 de dezembro de 1720, reduziram o largo trecho da donataria de Coutinho ao acanhado quadrilatero dos modernos mappas.

Os filhos dedicados desta antiga Capitania haviam herdado, porém, a coragem, o destemor de seu primeiro Donatario. E foi, por ultimo, neste apertado trecho do territorio brasileiro, que os espirito-santenses, recordando a tenacidade de Vasco Fernandes Coutinho, moveram-se, agitaram-se nesses dois ultimos seculos, trabalhando irmanados com quantos nos vieram dedicadamente secundar, como a nova cohorte dos operosos e intelligentes immigrants, atrahidos ou trazidos para esta nova Chanaan fecunda e sempre promissora.

Brasileiro que ainda conheceu, em nossa ter-

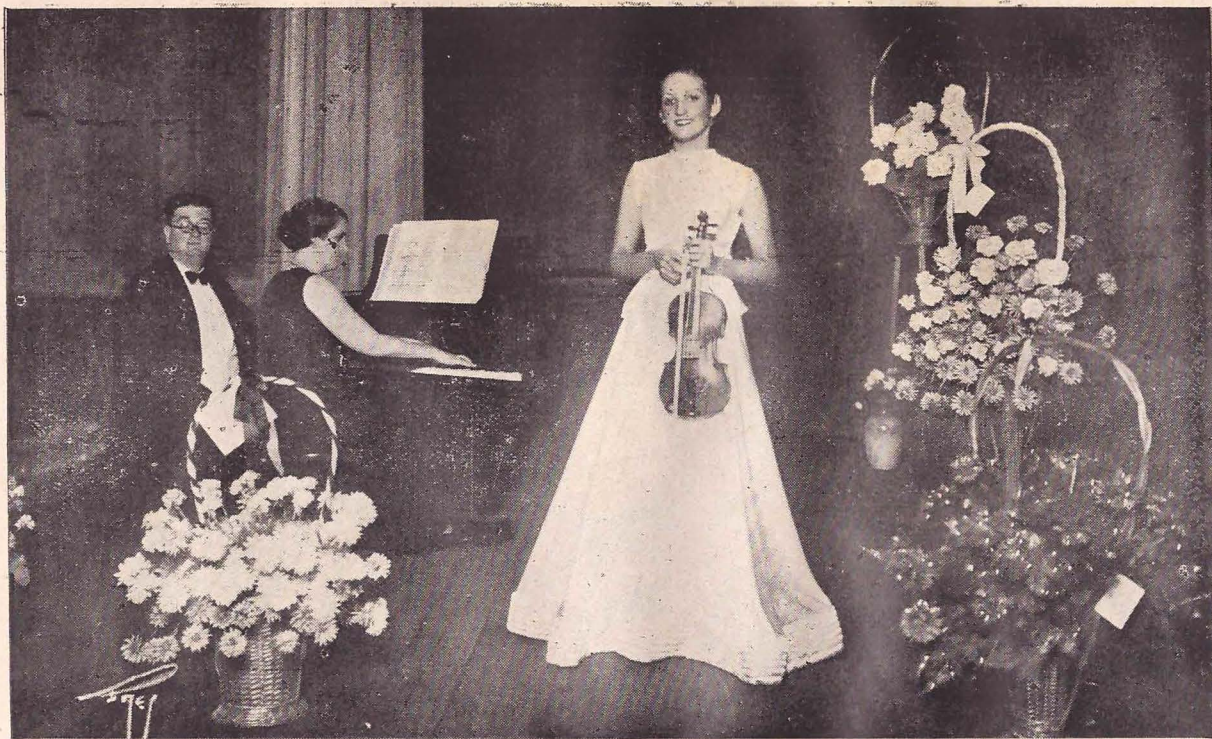
ra, o carinho, a meiguice daquellas antigas sombras familiares, celebradas ou poetisadas hoje na figura, na concepção artistica da *Mãe Negra*, concentro-me docemente emocionado e, num instante de grande veneração e respeito, evoco esse outro inolvidavel factor de nossa grandeza:— o Escravo!

Irmanados com os primeiros, e, até a Republica, secundados por este, pudemos, a principio, cobrir as nossas fertilissimas baixadas de cannaviaes e engenhos; logrâmos subir, depois os nossos morros e montes, com a semente enriquecedora desse café, que é o nosso orgulho.

Em certo momento, adoptámos mesmo um arrojado plano administrativo para introduzir e explorar innumeradas industrias em nosso solo, aproveitando as possantes cachoeiras que temos.

Vamos agora espalhando, em algumas de nossas planicies, a nova promessa do cacau, e cobrindo alguns de nossos vales, com a verdura, tambem propicia, dos modernos laranjaes.

Temos, final, a ventura de, entre os mais prosperos irmãos federados nesta expressiva figura politica que é a dos Estados Unidos do Brasil, mostrar assim, como um dos menores em expressão territorial, constituido de baixadas, que desafiam a resistencia do homem ou de valles apertados sob a hostilidade de tantas montanhas, só pelo esforço dos que o amam, dos que aqui viveram, dos que aqui labutam sonhando com uma grande Patria ainda melhor—pôde, com o producto exclusivo do seu sólo fecundo, conter e alimentar, dentro da pequenez de sua expressão geographica, a grandeza do terceiro porto exportador do Brasil:—Victoria!



Senhorita Alda Sá, no palco do Theatro Gloria, com o seu cicerone artistico, o maestro Strobach, e a pianista brasileira Madame Elza Hauschild, quando do seu primeiro e grande concerto, offerecido ao Exmo. sr. Cap. Punaro Bley, Governador do Estado e em homenagem ás commemorações do IVº Centenario da nossa Colonização.



Sessão solenne do Instituto Historico e Geographico do Espirito Santo, no Theatro Gloria.
Veem-se, á mesa, dr. Antonio Athay e, presidente do Insti uto, Cap. Punaro Bley, Governador do Estado,
D. Luiz Scortegagna, Chefe da Igreja Catholica no Estado e outras altas personalidades officiaes
e socios do Instituto.

A brilhante oração do professor Jorge Kafuri, illustre Secretario da Agricultura, em nome do Governo do Estado, na sessão magna do Instituto Historico e Geographico, em commemoração ao 4º Centenario de Civilização do Espirito Santo.

Minhas senhoras.

Meus senhores.

Quando Vasco Fernandes Coutinho aqui aportava com sua comitiva, manifestou-se, mais uma vez, na historia da humanidade, «aquelle immenso appetite de territorios, tão velho e tão antigo quando o mundo e a especie «humana». A minuscula enseada de Villa Velha foi o ponto de partida da conquista que haveria de empolgar, pelos seculos em fóra, gerações sucessivas de desbravadores de terra virgens, de domadores dos brancos que, com as mattas em mysterio e os pincaros em barreira, no sussurro do imprevisto e do desconhecido, no murmurio dos tropicos de riqueza de luxo, de verde e de luxuria, formavam o mundo gigantesco de uma natureza nova. Os pioneiros colonizadores de regiões encantadas e que mais o eram por atavismo de sangue heroico e de feitos bravos do que mesmo por consciencia plena dos factos sociaes em que se envolviam, pizaram o solo do divino Espirito Santo em missão não muito precisa. Para elles o tempo era o das grandes conquistas, e emquan-

to não se apercebiam de que se operava no mundo gigantesca transformação orientada do politicismo que dominava as primitivas civilizações para o economismo das nações modernas, vinham impregnados do ambiente das metropoles europeas em que apenas e só se respirava e se vivia o sonho antigo dos grandes imperios.

Com a sciencia ou sem ella, pouco importa, do curso historico dos acontecimentos, situando-se com força logica no ponto exacto do desenvolvimento da dialectica sociologica, emquanto abriam os porticos das terras novas á luz irresistivel da civilização, encerravam para a raça que aqui vivia, fracção da natureza, halito da sua vida, a sua era feliz.

* * *

Abriu-se, assim, para esse torrão, o livro da Historia.

E a Historia é a lucta da Razão contra o acaso; é a lucta pela eliminação de tudo quanto é fortuito; é a luz da intelligencia contra as forças naturaes; é a lucta do Instincto contra a Razão.

Nessa lucta aberta entre as forças do Instincto e as forças da Razão, ora vencem umas, ora vencem outras, num escandeamenio de factos que trazem simultaneamente a marca do Acaso e do desconhecido, e os signaes da Vontade e da Intelligencia humanas.

Os historiographos, que elles aqui o existem, neste veneravel Instituto, illustres entre os mais illustres, já fizeram com justeza e rigor a descripção e o commentario do ingente drama da nossa colonização a que não faltaram as figuras heroicas de destemidos homens, os lances empolgantes de feitos arrojados e o proprio derrame

do sangue generoso que só elle fecunda o mundo e sensibiliza os homens pela imagem da dor que lhe é immanente. E nessa descripção vistes que, a pouco e pouco, a civilização foi-se affirmando sobre a barbaria, o progresso sobre o ritmo natural e a intelligencia sobre o chãos da agitação tumultuaria e desprendida da vida. Tivestes, com mestria incomparavel, atirados aos vossos sentimentos de orgulhosos patriotas, todo o esforço de desbravamento e de penetração desta terra sublime, toda a epopéia surprehendente da obra colonizadora.

* * *

Os resultados objetivos dessa obra vós os tereis, entretanto, numa perquirição aos indices demo-economicos do momento actual da nossa vida collectiva. Entre elles avulta em importancia a densidade demographica. E esta é de 17 habitantes por kilometro quadrado. Quatrocentos annos de vida, de gigantescos esforços, de luta heroica e intransigente nos deram 17 habitantes, significando isto, pelas mais modernas theses da economia, que o homem espirito — santense está apenas e apenas no inicio do seu cyclo agrario. E por ellas sabereis que, nesse todo fertil e invejavel, o cyclo do desenvolvimento agrario deve attingir a sua saturação com o indice demographico de 80. Isto significa e emphaticamente exprime que, em 400 annos de civilização, o Espirito Santo, solto ao seu proprio destino, caminhou 17 pontos em sua vida economica, restando-lhe ainda 63 pontos, isto é, 4 vezes mais, para attingir á pujança do seu poderio agrario.

Assim, minhas senhoras e meus senhores, podeis, objectivamente, medir e avaliar o que foi

a resistencia opposta aos esforços colonizadores dos avoengos, e podeis calcular e prever tudo quanto ainda está reservado em tenacidade e persistencia a nós que vivemos a hora fugaz do presente, e aos vindouros que, espero, saberão honrar tradições tão penosamente acumuladas.

A nós do presente cabe meditar sobre este ritmo que tem marcado o desenvolvimento do nosso progresso e meditar e pensar que, guardado esse ritmo e vencida mais uma etapa de 500 annos, o Espírito Santo se encontrará ainda a meio caminho da sua grandeza agraria, muito aquem da sua capacidade util.

*
* *

Minhas senhoras.

Meus senhores.

Fallando nesta solemnidade em nome do Governo do Estado, não posso deixar de ferir este ponto em que deixamos bem claro que existe segura a consciencia da reponsabilidade governamental no grande problema da nossa colonização.

O Espírito Santo attingirá o maximum do seu poderio, sabemol-o todos nós, mas é indispensavel que o faça dentro do menor lapso de tempo possivel.

E só a technica poderá accelerar este ritmo, aquella mesma technica que, no progresso da humanidade, empolgando o homem na sua lucta contra as energias physicas, reagiu sobre elle proprio e, «ex-analogia universi», seduziu-o, transformou-o em sua sentimentalidade e seu entusiasmo; bateu-lhe o fundo do alma; solapou-a e, a pouco a pouco desgastando-a, transformou o Homem entusiasmo, o Homem-emoção, o Homem-

poeta, no Homem-machina que erige hoje, no lugar dos primitivos altares, um templo ao rendimento.

Na hora angustiada do presente em que, o mundo sofre intenso trabalho de transformação para uma ordem nova, é exactamente o guante da technica que, com seu dedos de aço, procura torcer e retorcer as forças cosmicas e sociaes afim de convergil-as para esse objectivo supremo de libertação do homem, para, retirando o de vez do fundo de sua animalidade, transformal-o no estheta de si mesmo e do mundo, num grande ideal de Perfeição.

E assim dando á mostra a consciencia da responsabilidade do governo, podemos affirmar, irmanado no mesmo ideal scientifico, que só é possivel accelerar o rithmo do nosso desenvolvimento e completar a obra colonizadora pela definitiva introdução da Technica na administração. O problema rural, formando o presupposto de qualquer outro problema, é a alma dessa obra colonizadora e de tal forma que só uma perspectiva se pôde abrir:—povoar fazendo com que os dedos de aço rasguem o seio generoso da terra, penetrem-na tocando os tesouros da sua fertilidade e das suas riquezas, ganhando tempo sobre o futuro para a mais pujante manifestação do vigor das nossas energias e da vitalidade da nossa gente.

*
* *

Minhas senhoras.

Meus senhores.

O Espirito Santo atingirá o maximo do seu poderio.

Mas é indispensavel que o faça num crescendo calculado e systematico.

Este é o grande problema do Governo, na continuidade da obra colonizadora em que tanto sangue, tanto esforço, tanta dôr, tanto ideal se empenharam.

Problema que apaixona e que seduz porque é o da conquista e o da emancipação da terra que nos viu nascer, que modulou nossa existencia e constitue o objetivo supremo da nossa cogitação.

Os fados permittam a cada um de nós que, na hora terrivel da definitiva transição da nossa vida, possamos exclamar, pela voz de Varella, com Anchieta, o illuminado thaumaturgo e apóstolo da nossa colonização.

«Patria querida, patria gloriosa:
Continua fitando os horizontes

.....
As primicias te dei da mocidade,
Os labores do estudo, as flores d'alma,
O sentimento e a vida! Abre-me o seio
Tu que foste a visão do meu futuro!

Discurso pronunciado pelo prof.
Elpidio Pimentel, desenvolvendo o thê-
ma:— “O factor negro na Civilização
do Espirito Santo”—na sessão do Ins-
tituto Historico e Geographico.

Uma vez, senhores, o laureado tribuno por-
tuguez Vieira de Castro veiu ao Brasil, onde cor-
ria retumbante a fama de sua extraordinaria elo-
quencia.

Annunciada num dos melhores e grandes
theatros da velha Côte—que assim se chamava
então o Rio de Janeiro, a “cidade maravilhosa”
dos nossos dias—uma conferencia daquelle lumi-
nâr da oratoria lusitana, o recinto ficou inteira-
mente á cunha, porque todos queriam conhecer e
ouvir o insigne e angustiado amigo de Camillo
Castello Branco. Na hora marcada, eil-o que sur-
ge junto da tribuna, em scena aberta, sob um
delirio vibrantissimo de applausos.

E quando todos, na tensão nervosa de cu-
riosidade, num silencio de enthusiasmos recalca-
dos, com os olhos nos labios magicos daquelle
feiticeiro de palavras, esperavam que elles se
descerrassem na opulencia estonteante do seu
verbo creador, multiplicando-se em apostrophes
empolgantes, em rutilas pedrarias de estylo, em
milagres surprehendentes de imaginação—eil-o
que, apenas dominando com o olhar imperativo
e o gesto sobranceiro a inquietação nervosa do
neditorio, lhe brada:

“O meu discurso está feito ! Sois vós ! E’ a vossa presença nesta casa !”

Meus senhores e exmas. senhoras, guardadas as proporções, que distanciam as aguias dos pequenos passaros de vôo curto e rasteiro, posso valer-me daquelle mesmo recurso e dizer-vos que o meu discurso está concluido. Porque, mais do que a minha palavra, a vossa augusta presença nesta cerimonia, evocativa das glorias do nosso Passado, e, sobretudo, a nitida comprehensão das vossas responsabilidades em face das commemorações, que se vão realizando, exprimem, eloquentissimamente, o mais alto gráo do apuramento de toda a nossa exaltação civica, rendendo ao Espirito Santo, com as nossas ovações frementes, a certeza confortadora de que a vossa consciencia está sempre illuminada quer na rememoração dos seus feitos nobilitantes e inesqueciveis, pelos seus esplendores, quer na alegria das conquistas riosas do seu presente, ou ainda nas esperanças risonhas do seu porvir !

Não quero, porém, perder a oportunidade desta hora tão cheia de evocações para o meu espirito, embora não lhes possa dar, unindo-as e coordenando-as, a evidencia e o relevo que inutilmente reclamam—para tributar o meu reconhecimento a um dos factores preponderantes, embora modesto e anonymo, de nossa grandeza actual.

Povoamento do sólo, colonização portugueza, formação politica de nossa terra—todas essas denominações se ajustam ao feito historico de Vasco Fernandès Coutinho, apossando-se com os seus intrepidós companheiros, da capitania em que se desenvolveu e fixou o nosso querido Espirito Santo.

Antes havia—é verdade—no sólo alpestre

as populações errantes dos indígenas, senhores das majestosas terras americanas. Mas aquellas tribus guerreiras e nomades, entredevorando-se nas lutas mais ferozes, não podem ser indicadas como primórdios do nosso povoamento ou colonização.

Faltava-lhes a Justiça nas consciencias e Deus nos corações. Foram, pois, os caravelleiros de Coutinho, plantando pelourinhos e alçando cruces, que nos abriram os horizontes da Civilização. Sem lei e sem religião, sem a toga dos juizes e sem a estamenha dos jesuitas, estaríamos, ainda, perdidos na inconsciencia da barbaria, brandindo tacapes e enrolando mussuranas e desferindo flexas, vaidosas dos nossos kanitares e enduapes multicôres, na polichromia das pennas com que se enfeitavam, como os milhares de selvicolas daquela época, praticando actos, que os rebaixaram ás condições de irracionais, no mesmo seculo magnifico em que toda a Europa fulgurava nos clarões immorredouros da Renascença. Portugal, então, agigantava-se na epopéa de Camões, ao passo que o Brasil, synchronicamente, se ufanava da gula e da ira dos seus caciques temidos, através das façanhas antropophagicas de Cunhambébe.

Portanto, renovo e mantenho a conclusão do meu argumento: Vasco Fernandes Coutinho colonizou, povoou, civilizou a terra a que christamente, por inspiração luminosa dos céus, denominou do Espírito Santo, baptisando-lhe de Victoria a cidade capitular, onde Aymorés incendiarios e Goytacazes corredores tiveram o o castigo, que a sua audacia lhes proporcionou.

Mas, prezados ouvintes, não foi só o esforço portuguez que construiu o alicerce da prosperidade, de que hoje nos ufanamos.

Si Anchieta e Pedro Palacios são nomes immortaes na nossa veneração e no nosso reconhecimento, si á collaboração feminina, já naquelles tempos recuados, pelo heroismo legendario de Maria Ortiz, devemos um preito de admiração; si os arcos dos flexeiros de Ararigboia, de Piraogibe e de Maraiáguassú nos ajudaram a evitar que corsarios inglezes, flamengos e francezes nos espoliassem; si os fructos abençoados da catechese christã rebentaram nos nucleos florescentes e matrizes do nosso engrandecimento — as povoações jesuiticas de Benevente, de Santa Cruz, de Nova Almeida e de Conceição da Serra — ha, tão importante e fundamental como estes, um collaborador, que precisa ser lembrado e reverenciado nas homenagens do dia, que está passando.

Refiro me, senhores, aos homens pacientes e soffredores, que tudo davam e nada tinham; que trabalhavam e soffriam; que gemiam e resavam; que amanheciam e anoiteciam nos eitos e nas coivaras, nãs derribadas e nas caborocas, nas sementeiras e nas colheitas, nos cabeçalhos dos carros e nas almanjarras dos engenhos, na faina torturante das moendas e no calor sem treguas das taxas e dos alguidares, na ginga primitiva das canôas velozes e no couce das tropas viajeiras, descendo e subindo rios desconhecidos ou abrindo trilhos, como atalaias remotas e anonymas da Civilização branca, no deslumbramento panoramico e na exuberancia inesgotavel de nossas florestas, immensas e impervias.

Porque não comprehendendo que tanto se fale de colonização espirito santense sem se destacar a contribuição enorme do escravo africano, do negro das senzalas, dos pretos velhos e das

mucamas lépidas, que, com o seu suôr e o seu sangue, a sua libido e o seu leite, se constituiram em elemento essencial e basilar da actual collectividade capichaba.

Hoje, deslumbrados pelo engenho maravilhoso da intelligencia humana, que não se fatiga de prodigios nos dominios da electricidade e da mecanica, com a realidade assombrosa dos aeroplanos, dos automoveis, dos radios, dos telephones e das vias ferreas — tudo isso que pouco mais de 50 annos de existencia significa — é preciso desembaraçar-nos dessa admiração pelas proezas do Homem contemporaneo e volver nossas recordações para aquelles primordios, até quando já constituida em nacionalidade, nossa Patria expungiu de seu nome o vilipendio da escravidão, para que bem possamos avaliar o que foi, na compridão exhaustiva das tarefas e nos sonhos mal definidos de noites sem auroras, o martyrio do trabalho com que as mãos dadi-vosas dos africanos semearam e colheram as primeiras moedas, em ouro de lei, que constituiram o primeiro lastro patrimonial da nossa riqueza.

No fim do seculo XVI e durante o seculo XVII, quem o diz é o historiador patricio Helio Vianna — a capitania do Espirito Santo, dentro do Brasil, mantinha a supremacia do mercado assucareiro !

Os banguês cresciam e movimentavam-se, as taxadas de vinho de canna ferviam e espumejavam no processo elementar e moroso da sacharificação, os terreiros, cobertos de couro, amarelleciam de assucar humido para os efeitos da torreira solar. Era a fartura, a opulencia, o orgulho dos senhores de engenho, cujas grandezas e vaidades se enradicavam nos pobres

negros captivos, que lhes davam sedas, dinheiro e posição a troco de vergalho e de supplicios, cujos clâmore e protestos ficaram perdidos, porque sobre elles rolou o velario do tempo, em cujos dedos as gerações, com os seus odios e os seus amores, os seus erros e as suas lagrimas, se succedem e se pulverizam, sob a força incoercivel da lei do esquecimento.

Si estamos vivendo hoje uma Civilização cafeeira, cujo roteiro não sabemos bem aonde nos poderá levar; si os colonos europeus, que o patriotismo esclarecido de Costa Pereira encaminhou para o Espirito Santo e fizeram o esplendor das colonias, que são agora os municipios prosperos de Santa Thereza, de Collatina, de Pau Gigante, de Domingos Martins — ligando-nos indissolivelmente, pelas mesmas aspirações communs e por laços affectivos de sangue, a allemães, italianos e polonezes, não olvidemos, jamais que a prodigiosa feracidade das nossas terras teve a adubal-as através de decennios e decennios, o sangue, vivido e fecundo, de centenas de escravos, sobre cujos hombros — como imperterritos atlantes de ébano — nos alteámos tanto, que sômos hoje, no esplendor da Patria brasileira, um dos fôcos de mais constantes e rutilos clarões.

Peço, pois, como quem reclama uma divida de honra, que, nestes esbanjamentos de alegrias, nas festas empolgantes com que estamos commemorando a plenitude de nossa maioridade para as immediatas realizações da grandeza, a que vamos attingir, peço á mocidade escolar que me escuta — orgulho da raça e bastião da nacionalidade — aos bravos e garbosos athletas, que ainda ha pouco demonstraram, num desfile arrebatante, como estamos, numa lei de regres-

são historica, revivendo tempos espartanos, sem que os lampadarios athenienses se ofusquem — de todos, enfim, que me honram com a sua attenção — já não peço — exijo, em nome da gratidão, que é a moeda da posteridade, premiando benemerencias inesqueciveis, uma retumbante salva de palmas para os pretos mansos e bons, cujas lagrimas não vimos, cujos soluços não escutámos nos calvarios multiplicados a que subiram, — crucificando-se pela nossa felicidade mas cujos beneficios immensos estão ahi, como tributos remotos e olvidados, garantindo-nos a prosperidade e proporcionando-nos as venturas dos dias que vivemos.

Para aquelles heróes inconscientes que Castro Alves sublimou, Patrocínio ennobreceu e a princeza Izabel redimiu, toda a vibração mais calida e sincera dos vossos applausos!»

Discurso enviado ao presidente do
Instituto Historico, pelo dr. Araujo
Aguirre, para ser lido na sessão solemne,
commemorativa do nosso quarto Cen-
tenario.

Illmo. Sr. Presidente do Instituto Historico
do Estado do Espirito Santo.

Meus senhores e Senhoras.

Honrado com o convite do Instituto para com-
parecer a essa commemoração, impossibilitado de
fazel-o por motivo de força maior, nem assim nego
o meu concurso, quando pedem minhas fracas
luzes.

Antes, mando palmas e louros para os ho-
mens que alimentam esperanças immoredouras,
para os que promoveram taes manifestações dos
factos de real proveito para o Estado, lançando
um olhar á larga e ás vezes tragica epopéa de
sacrificios em pró da colonização.

Quanto a mim, repito os versos do poeta,
« Esta é a ditosa patria minha amada,
« Torne com esta empreza já acabada ».

A minha terminou; mesmo assim, tenho
forças para avaliar e reviver as alheias.

Nem todas, entretanto, tiveram o brilho
desejado: o primeiro passo que jaz sepultado no
archivo da nossa historia, foi sinistro, por isso
que retumbou o canhão e falou o arcabuz, antes
mesmo de pousar pé na sua Capitania Vasco
Fernandes Coutinho.

Assistiu impassivel o flagello, a essa cruel iniciativa de progresso vindo da Europa, o rochoso monte Moreno, e, ao vel-o, ninguem dirá que aquella atalaia vigilante dos seculos pudesse abrigar um donatario e seus colonos, apoiado apenas nas armas das caravellas.

Refeitos dos primeiros embates e ainda distantes dos beneficios esperados da terra opulenta e maravilhosa, em actividade as primeiras machinas, Vasco Coutinho soffreu novos revezes e sua donataria quasi morreu nas ancias de uma visão perdida.

Arrastou-se por mais de um seculo nas desventuras, apenas tomou alento e vida nova com o governo de Francisco Alberto Rubim, verdadeiro Mosqueteiro, cheio de lances, para agitar e governar de verdade um territorio cercado de florestas, ou sendo elle todo uma floresta.

Rompeu uma estrada para Minas Geraes e promoveu a colonização que improvisou, sendo a primeira imigração entre as demais Capitánias.

O ponto de partida foi o lugar onde está a Villa de Vianna, guarda avançada da colonização.

Rubim, o penultimo governador antes da independencia, sem nenhum favor, podemos considerar um homem de tensão, porque, possuindo qualidades moraes e força de commando, reunia actividade, sob real producção, que logo se manifestou no meio do abatimento, após revezes soffridos.

No deserto, traçou caminhos, rios primitivos alargados e esses trabalhos iam sendo executados por bandoleiros apanhados com armas nas mãos.

Fundou povoados, protegendo a lavoura e, portanto, a cultura das terras e remetteu para Portugal as primeiras amostras de linho e trigo colhidas no municipio.

Ao relembrar o estridor das pelejas debatidas pelo homem, cujos feitos, tanto mais remotos, tanto mais se ornaram de virtudes, o prodígio de construção que sua mentalidade creou, não encontramos melhor referência debaixo do ponto de vista social, a não ser a formação de «Vian-na», achando nos seus habitantes a força de coesão posta em equilíbrio até agora, lutando embora contra enormes libellos.

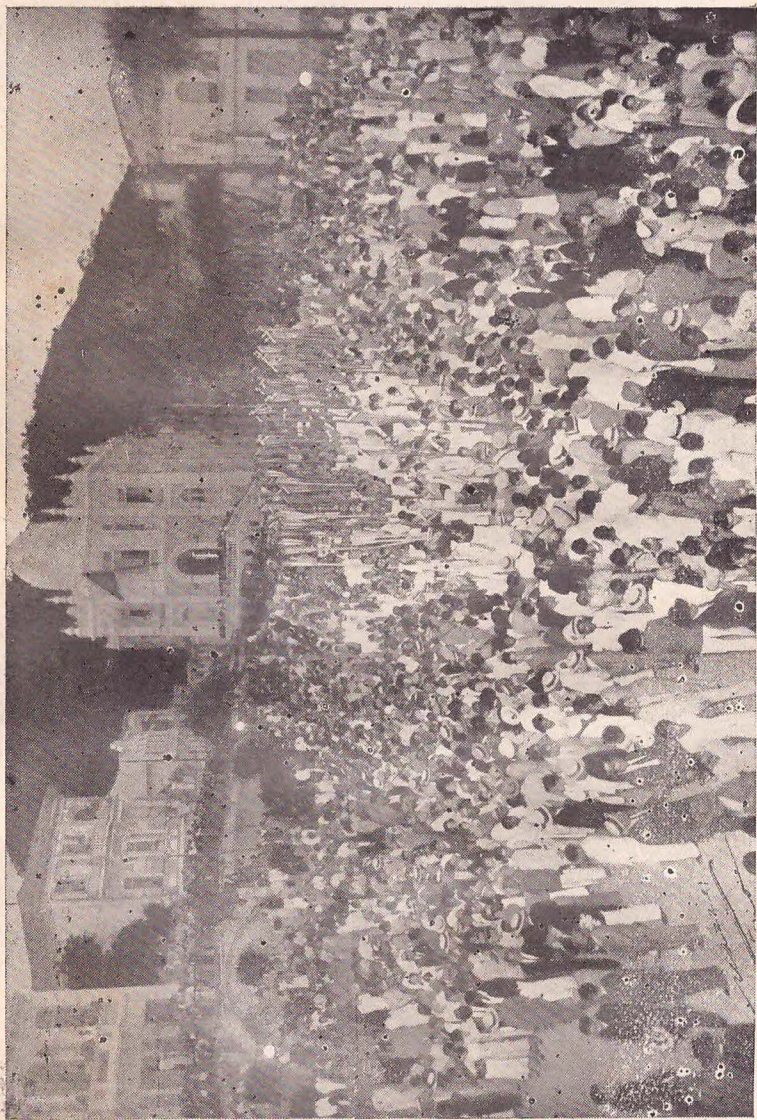
A colonização portugueza começando a sorrir de esperança e remançosa tranquillidade, teve a sorte das outras de annos após aquella, que procurou o Estado, atirada á luta e sem orientação, definhou no atrophamento malsão, até cahir vencida.

Decorrida a primeira etapa tão distante, não só pelo rolar do tempo, como pela diferença moral, resurge, da alliança com a nossa Pátria, o typo que mais não se confundiu, cada vez apurando-se no brasileirismo. Ninguém saberá seleccionar os habitantes, quando podiam, se não fundar um character distincto, ao menos conservar tradições, centralizando costumes importados das ilhas Açorianas, como têm feito outros colonos. Por ora não tratamos de confronto, do qual o portuguez levaria grande vantagem, na formação collectiva, a outro qualquer, apenas em, traços geraes, descobrimos a sementeira cultivada, procuramos mostrar como germinou, quaes foram as qualidades e quantidades de fructos colhidos.

Na capitania de Coutinho, bem como nas outras, muito embora a maioria dos historiadores tenha divergido, ella não constituiu se centro isolado, concentrando odios e fingindo amizade: ao contrario, firme, sempre, nos acompanhou nas arremettidas triumphantes da terra inexhaustivel



Festa realizada no Club de Regatas «Saldanha da Gama». [Vê-se, na presidencia da mesa, o sr. cap. Punaro Bley, Governador do Estado, tendo, á sua esquerda, o presidente do glorioso club do Forte, dr. José Pedro Fernandes Aboudib. Estão, ainda, presentes, outras autoridades de relevo no momento politico, social, religioso e scientifico do Estado.



Flagrante da Parada Sportiva, vendo-se os remadores do Saldanha.

ou nas desventuras, até ser absorvida sem resistencia.

A politica nacional é a que sempre adoptamos de abrir a porta e a todos deixar passar, bons ou máos, sinceros amigos ou disfarçados hypocritas; porem o nosso cosmopolitismo para o luzitano é diverso porque foi o maior auxiliar da nacionalidade, sendo hoje considerado o alicerce da ordem e do trabalho.

Pelos factos da nossa descoberta e formação, não nos constituimos devedores a ponto de abolirmos leis e tradições. A quase totalidade dos eminentes escriptores, contribue para a elucidação das remanescentes obscuridades da nossa historia, e nós, sem essa qualidade, sacudindo o pó dos archivos, delles arrancamos o portuguez Francisco Rubim, de existencia remota, mostrando seu real valor historico ligado ao Brasil pela colonização, sem convite dos patricios e menos ainda de elevados representantes seus.

As letras sabem melhor amarrar os povos que os tratados, consolidando os espiritos, pois que são centelhas creadas parallelamente a costumes, historia e sciencia, numa corrente de influxos poderosos de ideaes, de um numero de formas, tendo a permuta commercial a primazia.

Portugal, que parece viver ainda nos tempos aureos de Gil Vicente, Manoel Bernardes e Herculano, não dá valor ao intercambio á literatura nascida da mesma lingua e em sentido contrario, os livros portuguezes são procurados e lidos avidamente no Brasil.

*
* *

Não é por certo o interesse secundario que reclama e pede deveres novos, ente elles o da reciproca amisade, pois julgamos que perdemos

menos acompanhando a vida dos outros, estudando o que se passa alem do Atlantico.

Devemos admirar Rubim como precursor da colonização das terras capichabas.

Nesse povoamento, embora modesto, encoberto hoje pela irradiação do progresso, ha grandes clarões nos brejaes e nas campinas esmirradas, os mais luminosos raios da intelligencia de Rubim.

E' assim que o tempo, remodelando o trabalho, consagra sua memoria, que surge nesse prelio de expansiva actividade, para espriar-se entre «Itaquary» e «Santo Agostinho», demonstrados nos corroidos pilares das velhas fazendas «Pimenta», «Jacarandá» e «Pedra da Mulata».

A febril elaboração do pequeno nucleo, em confronto com outros fundados depois, devido a epocha e numero reduzido de familias installadas, foi um triumpho, desenvolveu o capital, cooperou para a formação collectiva e acabou enchendo os amplos vazios das terras occultas.

O outro bemfeitor desta terra, de alma impetuosa e apaixonada de guerreiro, ás vezes frieza, somente frieza, para agir em movimentos patrioticos, seria labor de longa exposição o querer coligir e commentar tanta soberania.

Na hora do desfile de idolos que devemos cultuar, de um tempo que passou, de um Brasil que existiu, apparecem as aureas figuras que promoveram a colonização, cujo 4º centenario este anno se celebra e nenhuma deve ser esquecida, muito menos José Fernandes da Costa Pereira Junior.

Ouvindo um tal nome muita gente poderá indagar: «Costa Pereira... Quem é este?»

Mestre de reflexão, foi todo elle um fremito vivo de trabalho, um espirito de flamma, que a

ex-Provincia do Espírito Santo sentiu emquanto elle passou pela terra. Aqui começou a carreira politica, nomeado Presidente por acto de 20 de Fevereiro de 1861, governando-a até Maio de 1863. Retemperou as forças da Provincia, preparando o terreno para receber os primeiros immigrants localizados na ex-colônia de S. Leopoldina, com a construcção da estrada de rodagem, ligando o Queimado ás primeiras cachoeiras do Rio S. Maria, melhoramento que tomou seu honrado nome.

Defensor das causas justas da nossa terra, não dormia ao seu serviço, sem que ella reclamasse luzes e actividade.

Quando Minas invadiu as Povoações do Veado e S. Pedro, na sua fallá apresentada á Assembléa Provincial, em 1862, analisara a demarcação da seguinte forma: «Não se tendo em tempo nenhum prolongado a linha divisoria, a partir daquelles pontos, fazendo-se uma demarcação regular e testemunhada por marcos, ou por montanhas, rios, ou outro qualquer accidente de terreno, que constitua divisa natural, suscitam-se questões entre as autoridades das duas provincias, mormente no logar denominado Veado, do Municipio de Itapemirim».

Por outra occasião, protestando contra a sabedoria de um engenheiro mineiro e provando a identidade da Povoação do Principe, Costa Pereira, em relatorio á Assembléa, allegava: «o engenheiro Ernesto Street, em Janeiro do corrente anno, dirigindo-se desta provincia para a de Minas Geraes, commissionedo pelo meu antecessor, o Exmo. Sr. Souza Carvalho, para estudar a questão de vias de communicacão entre as duas provincias, ali encontrou o marco a que me refiro, achando-se no chão a taboa

indicadora, onde se liam as palavras — Provincia do Espírito Santo e sendo por essa occasião de novo affixada no marco».

Não cruzou os braços em desalento como outros fizeram, na invasão armada transpondo o Rio José Pedro.

Não será defendendo os limites da Provincia que encontramos a directriz seguida na sua administração.

Quaesquer que sejam as opiniões relativas á colonização do Estado, ninguém poderá negar louvores a Costa Pereira e sempre effectivos, numa nação agricola como o Brasil.

Empenhado de corpo e alma pelo progresso do povoamento, salvou da ruina a colonia do Rio Novo, fundada por uma associação sem recursos, quando notou bem proximo o negro horizonte com a fuga dos colonos: chamou a cargo do governo os trabalhos começados e deu ao serviço regulamento, sem pensar um minuto no esforço, no sacrificio, no conjunto de actividades desprendidas para a realização da obra que até hoje perdura em franca prosperidade. O canal do "Pinto", ligando o Rio Novo ao Itapemirim, também foi obra da sua iniciativa e executado pela commissão a cargo da competencia colonizadora do Eng. Pinto Pacca.

No entusiasmo pela recordação dos primeiros dias de independencia, houve em Piuma uma sedição, e em relevo, devemos registrar a moderação com que elle a sufocou no nascedouro, graças ás energicas medidas tomadas e com moderação, sem uma só morte, sabendo encarar a responsabilidade do poder.

Ministro do gabinete de 7 de Março de 1891, prestou somma enorme de beneficios ao paiz em todos os ramos da publica administra-

ção, promovendo o progresso material, reformando a instrução, a justiça e por fim vibrando golpe mortal no elemento servil. O gabinete presidido pelo Visconde do Rio Branco foi o maior do regimen monarchico, pois durou 4 annos e 4 mezes, de forma que o conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior entrou para a historia do paiz e particular do nosso Estado, em bôa companhia e sua pasta da agricultura serviu-lhe de muito, para encher o territorio de imigrantes e fundar outros nucleos de população.

A historia politica do paiz affirma tambem essa verdade, nos annaes da Camara dos Deputados, quando elle compareceu para responder á interpelação feita por um deputado pela Bahia.

Annunciado o facto, á galeria da Camara affluu grande numero de estudantes, para saber do assumpto, como responderia o nosso representante. Guardo ainda a conclusão do interpretante, que proferiu as seguintes palavras: — *O nobre ministro da Agricultura quer mudar as arcas do Thesouro para a Provincia do Espírito Santo.* Tratava-se de uma subvenção de 30:000\$000 a um vapor para navegar no Rio Dôce.

Não chego, nem de leve, á apreciavel trajetoria de apresentar aqui o trabalho tenaz do homem publico, por um longo apostolado; quero apenas relembrar, como florão de louvores nas festas do 4º centenario da colonização, a circumstancia de ter sido emancipado o districto de Rio Novo, fundado o de Castello por sua influencia, cujas organizações economicas e assentes em bases solidas, eram tão firmes que em pouco tempo delles nasceram dois municipios.

Depois de ennumerar os principaes serviços prestados durante o dinamismo fulgurante da vida

de Costa Pereira, devo tambem reparar, meus senhores, a falta, a ingratidão dos moços, esquecendo seu nome, em qualquer movimento patriótico, em modesta manifestação de taboleta, tão commum nas ruas das cidades, recordação embora precaria. A que existia nesta capital foi tentada arrancar, sem motivo justo.

Emquanto era um logradouro mal cuidado, ornamentado de tosco chafariz, sem arte e sem agua, bordado pela sujeira que o «reguinho» trazia da «Fonte grande», acharam justa e digna a commemoração; feita a transformação, porém, foi banido o nome do grande Costa Pereira.

Triste fadario !

Os constructores não valiam como artistas o que demonstraram como vandalos, na ordem patriótica.

Praça da Independencia !

Independencia, por que ?

Que expressão tem esse nome e, qual a independencia conquistada pela Prefeitura da cidade ?

Uma independencia no seculo XX !!

Não ouvimos, na occasião, a voz dos puritanos, pelo menos para bradar, como fez o Dr. Antonio Athayde, nosso digno Presidente do Instituto, em uma sessão do Congresso, na legislatura de 1901, levantando justo protesto de indignação contra a mudança do nome da antiga cidade de Anchieta para Benevente, facto de tal irreverencia que elle julgou inconstitucional, attentatorio á evolução humana. Athayde, no vibrante discurso, chamara o testemunho do municipio de tradições gloriosas, considerando a mudança attentatoria á sagrada memoria do seu fundador.

Terminou o discurso apoiado por todos os deputados.

Foram-se os ultimos alentos e ninguém quer lutar; eu não cansei; ainda enquanto houver momento como esse — rogo, imploro, primeiramente ao governador da cidade, ao governador do Estado, Capitão Bley, fazendo coro com os consocios do Instituto, para que seja reparada a clamorosa injustiça á memoria de Costa Pereira.

Na solene cerimonia do Forum, perto do altar de Cesar, em Roma, o orador terminou sua oração nestes termos: «A nação nova e exuberante de vida e de esperança tira os seus auspícios das recordações e dos monumentos da sua gloria».

Si o Estado tem alguma gloria, deve a sua grande parte a Costa Pereira.

Senhores, si correremos os olhos pelo passado, pelo panorama desdobrado no territorio do Estado, em busca das realizações, das sementieras colhidas, achamos o epilogo fulgurante do movimento colonizador na passagem de uma geração, nessa obra que muito a recommenda.

Ha varias figuras bordando os quadros, outras figurando nas proprias telas, no desfile do movimento sagrado, que devemos a todos cultivar e purificar ainda mais seus nomes victoriosos.

Em 19 de Maio de 1935.

ARAUJO AGUIRRE

NOTA DA REDACÇÃO: Attendendo ás reclamações populares, a Prefeitura conservou o nome de Costa Pereira na Praça em questão.

HISTORIA DA POLICIA ESTADUAL NO ESPIRITO SANTO

Capitulo, lido nas sessões do Instituto Historico, por ocasião das reuniões, para a commemoração do IV centenario do povoamento do territorio Espirito-santense, pelo Dr. F. Eugenio de Assis, e tambem em commemoração ao 1º centenario da Policia Estadual.

SOLDADO

CAPITULO IV

O nome de soldado por si só nada exprime e teve varias significações, outr'ora até pejorativas.

O tempo, o povo, os factos servem, ás vezes, para a modificação de tudo, na fivoracidade das transformações.

Em 1900, ha trinta e quatro annos passados, o homem que ia ser soldado, no Espirito Santo, estava radicado da sociedade, e excluido como se fôra um crime o seu acto em accetando a farda. Essa referencia é especialmente feita aos serviços de policia estadual, pois com a lei de 1908 do sorteio militar, obrigatorio para todos, o regimen passou a soffrer as suas modificações favoraveis á classe.



Missa campal, celebrada em Villa Velha, pelo nosso amado Bispo. D. Luiz Scort-gagna, depois da chegada das caravellas, de que desembarcaram os colonizadores de nossa terra.



Chegada das Caravellas de Vasco Fernandes Coutinho,
em Villa Velha. — Assistencia á primeira missa em
territorio capichaba. Nessa occasião, aviões de
nosso exercito fizeram evoluções sobre a
Cidade, como se vê na parte supe-
rior do *cliché*.

E hoje o soldado é o homem que, para occupar um emprego, para exercer uma função, tem a imperiosa necessidade de ter sido primeiramente soldado, prestando o seu serviço á Patria.

A organização militar no Brasil data dos meados de 1521 a 1530, isto é, com a vinda dos primeiros soldados de Portugal, nas esquadras de Christovam Jacques e Martim Affonso de Souza, succedendo outra remessa, de 600 homens, em 29 de Março de 1549, com a vinda do primeiro Governador geral do Brasil, Thomé de Souza.

O Brasil estava habitado unicamente pelos indigenas, nascidos nesta vasta região, divididos em tribus, ou famílias, não usando nenhuma vestimenta, ou habitações, e não era possível que, desde o inicio do povoamento do Brasil, se adaptassem com perfeição aos serviços dos civilizados, integrando-se nas suas arduas missões de cultivo, defesa da Costa do Brasil, e também aos serviços militares — imperfeitos.

A Europa, por essa occasião, estava revolucionada, e Portugal, senhor das terras do Brasil, mais uma vez nos mandou a civilização Militar. Com a revolução e guerras Européas, estavam esses paizes cansados de ter os seus soldados, na paz e na guerra, e Portugal nos enviava os alvarás, ordens, regulamentos, leis, decretos, boletins, detalhes, cartas aos montes, afim de serem cumpridos, mas se esquecia da parte da civilização, e da do povoamento do immenso territorio.

O Francez e o Holandez começam a invadir o Brasil, estabelecendo-se aquelle no Rio de Janeiro, na ilha de Villegaignon; tornava-se necessaria a perseguição e expulsão, e por esta occasião o rei de França dizia «nunca ter lido o

testamento em que Adão legára o mundo aos Hespanhoes e aos Portuguezes» e carecia de se fazer o progresso dessa terra, que, por muitos annos, Portugal deixou abandonada.

Para este mister, seria necessario o soldado — e para tanto recorreram ao indio, com o auxilio dos abnegados jesuitas, que já haviam iniciado a catechese dos Indios, levando como guia, como arma, como linguistica a cruz do Senhor. A protecção á propriedade e ás pessoas se fazia necessaria e desse principio se organizou o exercito, de effectivos permanentes, para manter em estado que pudesse, de momento, repellir os ataques, que não se pudessem prever de antemão.

Na Europa, já havia os exercitos organizados e os exercitos permanentes; o Brasil, no seu exemplo de imitação, não podia prescindir de ter tambem o seu, e o soldado, o homem a este fim destinado, principalmente o de combater, de exercitar-se na arma, perdia o habito, si em actividade não estivesse permanente, e dahi surgiu o resultado inesperado de encarecer o exercicio, como a lembrança permanente do combate.

Dessas organizações surge o posto de hierarchia, e consequentemente o de commando, e este marcha na frente de seus exercitos, com a arma á mão, em busca de uma gloria, dedicado á sua Patria.

Surgem, dessa mesma organização, os Feudaes, com o fim de desenvolver uma das mais modernas criações — os «Cavaleiros», que passaram a pertencer a uma ordem legendaria.

Desapparecem os Cavalleiros andantes, por varias razões, e as posses de novas concessões são levadas a effeito, e são organizadas as companhias de tropas, armadas e postas á disposi-

ção dos Governos, e pagas pelos cofres publicos. Estas tropas se compunham de homens em armas e seu effectivo variava conforme as possibilidades dos thesouros. O serviço era voluntario, e de distincção para aquelle que fosse armado Cavalleiro»; passou depois a servir por tempo determinado, e surgiu a obrigatoriedade, que no Brasil, só foi levada a effeito em 1908.

Antes havia a Guarda Nacional, e havia tambem o recrutamento, e o progresso militar vem sempre seguindo parallelamente em todos os paizes, não havendo segredos para a parte pessoal.

O Soldado brasileiro é possuido de affeição, de sentimentos nobres de amor á Patria e quando vê o pavilhão «verde e amarello» desfraldar, ergue-se cheio de coragem; a historia brasileira registra os mais heroicos feitos em torno do Pavilhão Nacional, por soldados que, com as mãos decepadas, mesmo assim, só quando a morte chega é que soltam de seus braços mutilados a bandeira do Brasil. Nesta luta, a Patria, a familia, o bem, a propriedade estão em jogo e carecem de defesa.

O soldado brasileiro somente depois de 1560 é que começou a servir ao Paiz, e em numero muito reduzido, pois bem como os Indios domesticados, nenhum Indio, ainda civilizado, servira, apesar de ter sido empregado, desde o inicio, pelos Jesuitas, o ensino das letras aos mesmos. Portugal teve que enviar para o Brasil as suas remessas de soldados, e os Donatarios em as suas capitancias, para a defesa contra os indios e invasões estrangeiras, sem o auxilio do soldado organizado para essas lutas, tiveram que formar as suas tropas.

Vasco Fernandes Coutinho para aqui viera

com os 60 homens de bordo, que não eram soldados, e sim colonos que, na doce esperança de melhores dias, aportaram no Espírito Santo, esquecendo-se de que o Paiz estava habitado por Índios bravios, e possuía as suas intermináveis mattas. Até hoje ainda encontramos as de Itaunas, S. Matheus, Rio Doce, Villa do Itapemirim, Calçado e outras, que apesar das derrubadas criminosas e dos desperdícios, ainda temos madeiras por muito tempo.

O Índio não se entregava aos serviços de plantio, não se adaptava ao regimen do homem civilizado; ademais, o portuguez «tanto abusava delle, devido a sua simplicidade, fraqueza, bôa fé, que parecia que, ao passar a linha meridional, havia allijado ao mar as conveniencias, as consciencias, ao vir o invasor para o Brasil».

Não se sabe, ao certo, quando tivemos o primeiro soldado espirito-santense, e é até impossivel rever nos archivos daquela epocha, espalhados pelo Brasil, Portugal e Hollanda os nossos primeiros documentos sobre o regimen Militar da terra Capichaba. Estes tresentos annos, que são passados, já collocaram em cima as cinzas, o esquecimento, e deu-se o desaparecimento de tudo quanto podia existir.

E a historia do soldado, este homem idealizado, armado e pago pelos cofres publicos, prompto para ser lançado á mão, como defensor de um supposto direito, se perde nos annaes dos factos. A historia não teve principio e não terá fim, será a eterna consequencia dos factos. O soldado se perde na historia de sua criação, é uma instituição para a garantia do «direito», direito que vem com a «Força», para dar margem á «Força do Direito».

O Brasil, descoberto por Portuguezes, não

cogitou de saber dos direitos de seus gentios, e deixou esta terra em abandono por muitos annos, e estabelecendo um governo na Bahia, em 1535, entrou em seguida em desavença com os gentios, expulsando-os para o centro das mattas.

Vasco Fernandes Coutinho, no Espírito Santo, combate com os indigenas, cuja indole é pacifica e esta particularidade hereditaria vem até os nossos dias, sendo o povo brasileiro essencialmente pacifico.

A palavra santa de Rubim, Anchieta, André e outros missionarios jesuitas, conseguiu o grande feito de Arariboia, que seguiu para o Rio de Janeiro para a defesa de Villegaignon, para S. Vicente, na celebre Confederação dos tamoyos, para a Bahia, no ataque dos Hollandezes, e sempre acompanhado por mais de 500 indios.

Não podendo Portugal attender aos constantes reclamos do Brasil, resolveu o governador geral na Bahia desligar todas as capitancias do dominio militar, obrigando aos Donatarios promoverem as suas Forças e terem a vida militar independente; o Espírito Santo passou a ter nesta data a sua independencia, que não levou a effeito efficientemente.

Com essas series de luctas, e a difficuldade de conseguir o soldado, adotando o recrutamento, tornava-se necessario investir o soldado de certos direitos, como fosse o de lhe ceder certa quantidade de terras, facto que até 1896 se repetiu nesta Provincia, sem que entretanto fosse por todos acceito, pois muitos foram obrigados a renunciar essa dadiva, devido aos constantes ataques dos indios.

O Espírito-santense é sem nenhum interesse para os serviços militares estaduaes, e o dr. Orozimbo Lyrio, em 1908, fez semelhante refe-

rencia quando commandante da Força Publica Estadual. Ha razão para semelhante resultado, em face dos factos da iniciação da carreira militar espirito santense. O espirito regional é o de que o soldado deve ser um desviado da sociedade, e levado para a carreira militar, para a sua reforma. Os viciados no alcool, sem occupação conhecida, os desordeiros, eram presos pelos delegados de Policia no interior, até 1908, e enviados para o serviço militar da Força Publica, para regeneração. Nessa campanha ingloria ajudada com a do recrutamento, em 1879, vemos nesta cidade, nos jornaes da epocha, uma grande reclamação, á autoridade do chefe de Policia, porque no interior para effectuar o recrutamento para prehencher os claros, registrou-se, o facto de ser morto o capitão José Ribeiro da Silva Laranja e o corneteiro seu ordenança e outras praças por Filisminô Gonçalves Correia, quando estes cercavam a sua casa para o recrutarem, e conseguindo depois dessas mortes evadir-se. Na sessão da Camara, em 1880, é pedida a isenção de colonos vindos de outros paizes, dos serviços militares, allegando terem mãe velha e doente em sua companhia, e possuirem uma pequena situação, provando com documento e attestados de mais de 50 pessoas. Recebendo «Indeferimento» e seguindo para o Quartel, por 9 annos, ao regressar não encontraram sua familia, sua casa, tendo tudo desaparecido pelo abandono completo... Alem desses factos muitos outros poderíamos citar.

Finalmente, chegamos ao anno de 1908, epocha em que a Policia do Espirito Santo passou por uma radical reforma, desde o uniforme ao mais simples movimento com a supressão dos barbaros castigos, e estabelecendo que as

promoções seriam tambem dos proprios elementos da Força Publica!

De escala em escala sempre cescente, chegamos em 1930, quando o soldado do Espirito Santo já se encontrava integrado nas suas missões, e possuindo varias escolas e instructores especializados em varios grãos para o seu aperfeiçoamento.

E o soldado, hoje, é o homem cidadão, as leis garantem-lhe varias funcções, os seus regulamentos são claros, e os codigos penaes e organizações de leis atinentes a reformas, premios, tudo foi obra do movimento de revolução de trinta, e confirmádo pelo acto da Constituição, que reconheceu a sua qualidade de—militar—e reserva do Exercito Nacional, sendo a missão a mesma, em se tratando de forças armadas!

O momento fez o soldado brasileiro, o dever é a sua bandeira, o seu heroismo é a sua patria, e estes dois sentimentos o conduzem para a guerra, ou para onde o Governo carecer de seus serviços, para reprimir as offensas, em defeza da integridade da Patria e respeito ás leis do Paiz.

Ha no soldado o sentimento da Patria, da lei, da ordem, da disciplina, elementos preponderantes para a gloria dos commandos. Praza a Deus, que estes sentimentos nunca falhem nos nossos soldados, para a conservação do nosso Paiz unido, como o recebemos dos Portugueses, cheio de um passado de glorias, e principalmente o Espirito Santo, que foi sempre invejado pelos estados limitrophes, pois a supremacia desta Capitania já se estendeu até Campos, e seus indios, sua gente, actuaram nas defezas do Rio, S. Vicente, hoje (S. Paulo) Bahia, e os invasores

não puderam nunca conquistar por algum tempo as nossas terras.

O soldado do Espirito Santo rende aos seus antepassados, neste 1º seculo de policia organizada, as suas mais justas homenagens.

Contribuição Juridica ao Progressismo Capichaba

Oração proferida pelo Dr. Paes Barreto Filho, juiz de direito de Itaguassú por ocasião da 2a. sessão periodica do tribunal do jury daquela comarca, no mez de Junho de 1935.

Meus jurisdicionados :

Nesta hora febril em que todo o Espirito Santo se levantou para effectivar as festividades maximas do quadricentenário da colonização do seu sólo bemdito, eu que tive a grata honra de representar nellas o Estado do Amazonas, não posso deixar de vos dirigir a minha palavra de fé e de esperança nos destinos dessa gleba portentosa.

Balanceou-se o trabalho e as realizações esplendidas obtidas nesses quatro seculos, em varios departamentos de sua actividade social e politica.

Estudou-se a personalidade de Vasco Fernandes Coutinho e o sacrificio com que defendeu a terra; exaltou-se a figura gloriosa de Anchieta, o santo evangelizador da Companhia de Jesus; focalizou-se a heroicidade de Domingos Martins; cantou-se o gesto heroico de Maria Ortiz; estereotypou-se a bravura de Ararigboia, o indio a serviço da patria; sublimou-se, finalmen

te, politicos, estadistas e pro-homens que sobresahiram na vida politica do Estado.

Não se fixou, porém, devidamente, a actualiação da Familia Juridica Capichaba, que tem innegavelmente tido funcção agigantada para plasmação do nosso homem independente e cioso dos seus direitos como nenhum outro.

Despindo-se da rouparia velha dos formalismos archaicos e das conveniencias da politica interesseira, a Côte Judiciaria tem dado mostras sobejas da enfibratura dos seus juizes que applicam a lei humanamente, numa comprehensão moderna do seu papel.

E' preciso saber conciliar o dispositivo della com a exigencia das realidades e, por isso, Plinio Barreto escrevia que o juiz sem habilitade para abafar a revolta dos factos contra o codigo já não está mais na altura de sua missão social. E' um retardatario. E' um fossil.

Nenhum juiz moderno poderá continuar a ser um executor mecanico dos dispositivos legaes, sem outro trabalho que o de applicar, cégamente, as comminações que elles estabelecerem.

"A sua funcção julgadora ha de elle exercer-a, hoje, com um senso apurado das conveniencias collectivas e um largo espirito de humanidade".

Para isso actualizou-se a lei pelo systema interpretativo, preconisado por Geny e outros escriptores.

Ao juiz cabe, na lição de Florian, Belling e Asúa o poder de interpretação dos factos para verificar se os mesmos estão ou não comprehendidos na disposição legal, sem o apêgo doentio á letra fria do inciso escripto, muita vez ha decenios, ha seculos, quando outras eram as con-

dições da existencia social que se visou disciplinar.

Os magistrados—disse Marcel Nast—hoje não vivem como outr'óra, em um templo erguido em alta Acropole, tão somente em contemplação á Deusa-Lei.

Elles sentiram a estreiteza do recinto onde pontificavam, o transcorrer dos tempos fez abater os muros desse reducto sagrado, e esses sacerdotes desceram até entre os homens para melhor lhes sentir a justa e humana applicação da lei.

Por imperativos da vida actual, o judicante não póde deixar de ser um renovador incessante do direito, um creador permanente da justiça.

Elle não é um méro instrumento de subjunção. Cabe-lhe, não raro, o papel de **legislador supplente** e attribuições de verdadeiro **governo** no meio social, como ensina Pontes de Miranda.

E' que o mundo corre vertiginosamente. Os factos sociaes se precipitam desintercalladamente uns sobre os outros. A evolução salpica o seu caldo sobre tudo, Cahem regimens, substituem se formas de governo, surgem doutrinas novas, em choques umas com as outras. Já não ha mais, como assignala Strowski, a natureza e o homem, mas "elle e uma serva que o obedece".

Fixe-se a visão exacta do prof. Gordilho de Faria na sua bella oração de paranymphe. Não ha mais o espaço que é derrotado pela machinaria moderna. Ha a distancia. A téla do mundo apresenta mutações magicas em todos os sectores. Surge vencedora alli uma literatura nova com Vsevolod Ivanov e Pilinak. Transmuda-se de subito, o direito penal que, segundo a affirmativa de Enrico Ferri, acabará, em todo o mundo, por imitar o da Russia sovietica. Innova se o direito processual. Argamaça-se constituições sob

novos moldes. Os mandatos populares ficam á mercê das exigencias da ordem publica. Os latifundios são recortados. A usura é limitada. A herança soffre a tributação progressiva. A technocracia se alça. A propriedade é socializada. O cooperativismo se affirma: producção em massa, "trusts", "chains". O scenario do mundo se transforma repentinamente como aquelles dias inconstantes da Hollanda de D'Amicis.

E, no quadro brasileiro, enquanto varios Estados se vêm aferrados á tradição, amarrados a leis bolorentas, nós, daqui deste progressista Espírito Santo, defrontamos com um conjunto maravilhoso de realizações e empreendimentos que satisfazem, em parte, os imperativos da nossa necessidade.

Leis sociaes accodem ás classes desfavorecidas. Reduziu-se os dispendios com bens de menores. Cortou-se as custas judiciarias justamente quando o nivel de vida se eleva assustadoramente. Isentou-se do pagamento de impostos os espolios de menos de cinco contos de réis. Supprimiu-se o despacho de pronuncia que attentava injustificadamente contra as liberdades publicas. Restringiu-se prazos demasiado longos para a época vertiginosa do automovel, do avião, do radio e da televisão. Golpeou-se a theoria das nullidades tão alastradas nos restantes tribunaes brasileiros. Varreu-se dos codigos o formalismo entravador da bôba marcha processual. Procurou-se applicar precipuamente o direito.

E, nesse ponto de vista, a actuação da colenda Côrte de Apellação tem sido marcante. Os seus accordãos são mais vasados no direito que na lei, quando esta se mostra atrasada.

Vêm desapegados da inesthesia dos gerundios pesadões e somnolentos.

Não ha a apparatusa exposição da cultura do magistrado, mas a synthese da explanação, a marcha regular do raciocinio através dos factos verificados no processo.

E' que ao litigante não interessam as difficuldades arrostadas pelo julgador para chegar á decisão.

Do trabalho, ás vezes penoso, o que deve resaltar na sentença é a visão do bom senso; a decidir a controversia de modo natural, com observancia da lei, da moral e da prova colhida.

Desnecessaria — a ostentação do esforço analytico, subjectivo do julgador. Enfadonha — a citação dos autores compulsados que serviram para conduzir a convicção intima do magistrado.

A nossa Côrte está actualizada. Acompanha a evolução do direito.

A jurisprudencia envolve em seu conceito funcção creadora, por isso que o juiz collabora no julgamento com o seu coefficiente individual e funcional. Dahi o "judge madelaw" dos inglezes.

Ha imprescindibilidade de se adaptar a lei á vida para se comprehender como aquelle juiz de Denver, o juiz Lindsey, que o labor judiciario é "uma obra de arte humana, executada sobre um material de delicadeza inconcebivel".

As leis humanas estão tambem sujeitas ás leis naturaes. Ellas como organizamos, tambem envelhecem. Dahi o brado audacioso de Jellinek, Zitelmeann, Kohler, Strammmler, Salleles e Galdi pelo direito livre, brado que já encontrou guardia no codigo suisso e no direito de familia dos soviets. E a nossa magna carta manda, mesmo, que nos casos omissos se decida por analogia, pelos principios geraes de direito ou por equidade.

Pincellada em traços geraes a nossa progressividade no sector juridico, ficou evidenciada a

grande marcha que realizamos nesses quatrocentos annos de luta pela terra, luta pela formação da nossa historia e da nossa civilização.

Não nos atrazamos em relação ao tempo. Pelo contrario, formamos uma mentalidade sadia sobre as prerogativas dos cidadãos. Alicerçamos a comprehensão dos direitos de cada um. O regime do caciquismo, do coronelismo, morreu no Espírito Santo. Aqui impera a livre vontade de cada um. Comprehende-se os direitos politicos dos cidadãos, o que não se vê na maioria dos Estados, como tive a oportunidade de constatar na minha recente excursão ao septentrião brasileiro.

Asim, no momento em que o Estado acaba de encerrar os festejos pelo transcurso dessa gratissima data, eu, frizando para vós que neste instante representaes a soberania popular, a arrancada conquistada no terreno do direito, tenho o prazer de me congratular com os meus jurisdicionados, concitando-os todos a proseguir na jornada do trabalho constructivo em pròl da maior grandeza da nossa gente e da nossa terra.

No Instituto dos Advogados

Discurso pronunciado pelo dr. Alarico de Freitas, na sessão solemne do Instituto dos Advogados, por ocasião das commemorações do 4º Centenario do Espirito Santo.

Exmo. Sr. Desembargador Presidente e mais membros da Corte de Appellação;

Exmo. Sr. Dr. Presidente do Instituto dos Advogados do E. S.

Exmas. Autoridades Estaduaes e Federaes.

Snrs. Drs. Juizes de Direito, Exmas. Snras. e Snrs.

Nesta sessão, coube ao Instituto dos Advogados do Esp. Santo, por fortuna caprichosa do seu destino, abrir o velario através do qual iremos presenciar as galas com que vae ser festejado o quatricentenario da civilização do nosso territorio. Mas a simples suggestão deste painel historico impõe ao nosso espirito critico a duvida sobre os aspectos da civilização inaugurada ha 400 annos, desde que consideremos a ascensão de um povo muito além das suas conquistas materiaes, da implantação de um regimen social fóra da ordem juridica em que se alongava por além mar o perfil luminoso da séde luzitana. De sorte que, nossa participação deliberada a estas

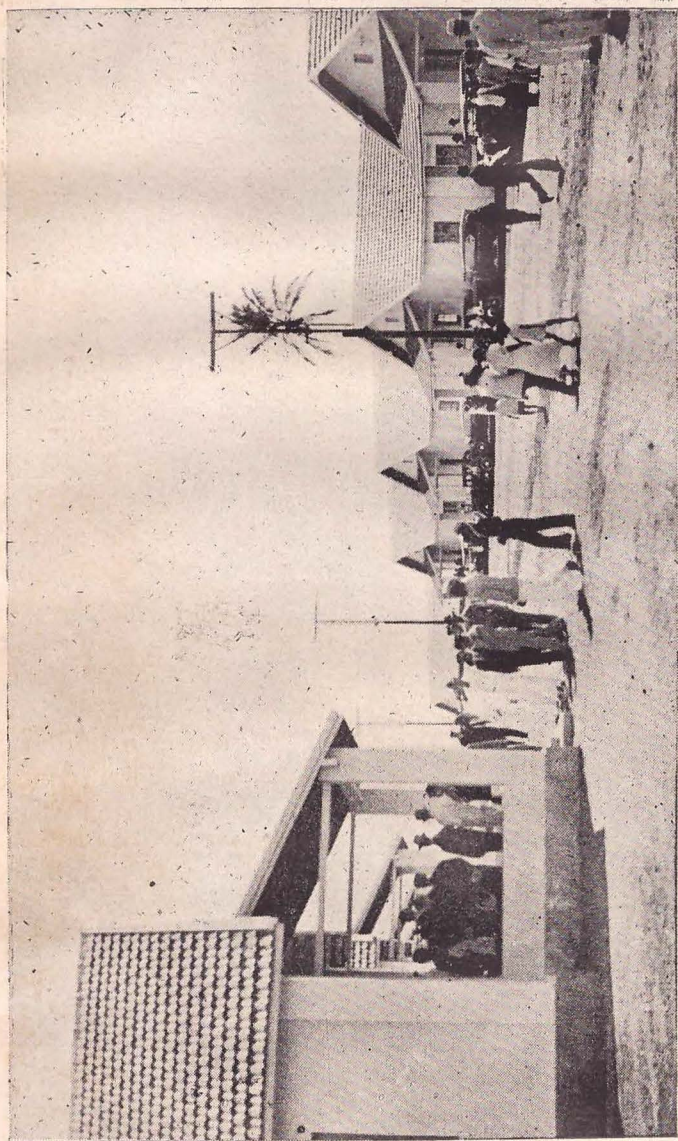
festas commemorativas, para obedecer aos limites traçados nos nossos Estatutos, ha de consistir num rapido estudo sobre o que construímos de original no dominio do Direito, plasmado ou autonomo do direito alienigena.

Nem por ser apreciada a civilização de um povo através de um prisma particular, perde a configuração do todo, nos seus contornos caprichosos, as linhas mais precisas e vivas dos angulos que confinam a estrutura do seu immenso arcabouço.

E não ha, Sprs., na vida social, outros accentos mais decisivos, projecção de mais cambiantes claridades na evidencia desses contornos, em que se uniram na obscuridade dos seculos as civilizações passadas, — que a vida do Direito na infiltração milenaria de suas normas através dos povos, norteando, disciplinando, construindo a ordem juridica necessaria ao equilibrio das sociedades.

Quando se alongam nossos olhos através das idades até ás antiguidades classicas na pesquisa do segredo da fórma estatutária e paramos encantados deante da belleza que dos paineis de *Da Vinci* se irradia, não são as artes plasticas de Roma que mais nós surpreendem, se não a projecção do seu Direito, cuja irradiação universal ainda hoje não encontrou obice á sua propagação avassaladôra.

Outros povos transplantaram para a téla os segredos da côr e os caprichos do cinzel que o classicismo romano pretendeu guardar no segrêdo milenario dos museos e da Capella Cistina. Já a Hollanda se havia apoderado desses segredos quando os pinceis de Rubens e Rembrandt traçaram os motivos religiosos e humanos da antiguidade classica e Velasquez na Espanha



Itanhenga, onde se inaugurou, na semana da colonização, o leprosario do Estado.



Flagrante da inauguração do Leprosario, batido na hora em
que falava o dr. Pedro Fontes, vendo-se as mais
altas autoridades do Estado.

transportou para a t ela o rictus da d or estampada na face humana.

Mas o Direito Romano continuou sua missão civilizad ora, sem contraste em nenhuma outra época da Civilização universal, porque em todos os povos sua infiltração se operou como elemento necessario   vitalidade de suas proprias instituições, revigoradas nos systemas de leis embebidas dos institutos Romanos. Essa ascendencia do direito, assim caracterizad a, todavia, poder a fazer crer fosse elle, em outras épocas de ascensão espiritual da humanidade, um tropeço   realização de id eas contemporaneas, porque institutos forjados na inc de de uma sociedade remotissima já não illuminassem as novas configurações que o Direito assumia.

Mas   que o Direito, sendo, precisamente, um phenomeno cultural da humanidade,   um factio relacionado com seu valor social. Além de seu conteúdo impregnado desse val r conta, na sua estrutura o conceito de uma id ea, que   a forma interna do seu sentido, sua razão de ser.

O Direito p de ser injusto na sua applicação; (*summum jus — summa injuria*) mas sempre util e justo como noção formal, no seu sentido, como fundamento social. (1)

Nessas condições, o sentimento juridico dos povos busca na genese e evolução dos phenomenos sociaes a inclinação do homem em observar e seguir a seus semelhantes para «penetrar seu espirito e seu modo de obrar, para averiguar suas capacidades e aptidões e expôr logo, descriptivamente, as qualidades encontradas » (2).

No Brasil colonial, cujos traços de civiliza-

1) Radbruch — Filosf. del Directo,   1  II.

2) Stammler — Genesis du Directo — 65

ção vamos surprehender na configuração de suas leis, cujo systema não obedeceu ao sentimento criador de outros povos, porque não houve tempo de argamassar uma sociedade de formação autochtone, senão tivemo-la imposta pelos figurinos da metropole, a vida juridica nacional foi literalmente negativa. Esse aspecto, aliás necessario a uma ordem juridica implantada em todas as organizações da sociedade humana, falhou em nossa vida nacional, como um corollario imposto á situação geral da politica dymnastica da Corôa Portugueza, impondo o contraste de seu dominio sobre a colonia, como um signal timbrado sobre o sello adhesivo de outra nacionalidade. Sem escolas e sem prélos, o vigôr estuante da mocidade indigena mergulhou na caligem do tempo os éstos da intelligencia, em todas as manifestações do espirito, até que se rebellou transfigurada nos cantos de Marilia de Dirceu, com Claudio Manoel da Costa, na epopéa fulgurante da Inconfidencia Mineira.

De sorte que a esse alevantado sentimento de liberdade nascente em uma sociedade nova, o direito applicado para esmaga-lo, como escarmento a novas tentativas, foi um direito obsoleto, vigorante secularmente na metropole já fatigada de uma existencia politica entravada de surpresas no dominio da Historia.

Criticando, em trabalho recente, esse imperativo imposto á nossa civilização, já estudámos esse direito archaico, dominando uma sociedade estuante e viçosa.

Em vez de architectar, como outros povos, as linhas de sua estrutura juridica peculiar, de povo cuja formação espiritual se esboçava apenas, o Brasileiro teve, como nação dominada pelo espirito colonizador, «o côtraste de um di-

reito já avançado, que vigorou durante séculos numa sociedade nova, cujas instituições néo-organizadas se mantiveram sobre fundamentos carumchados e exóticos (3)

Mas o direito, longe de ser um systema de normas rigidas e eternas, teria sido o que ainda é, no moderno pensamento de Kelsen, uma cathegoria de valor submettido a mutações historicas, como um phenomeno social condicionado por circumstancias de tempo e lugar. (4).

Durante séculos, vigorante o direito cristalizado nas *Ordenações* do Reino de Portugal, a capacidade creadôra da Nação, paralyzada na fonte do seu direito barbaro, não estimulou suas energias, de sorte que, sahidos da colonia, atravessámos os dois Imperios e, ainda na Republica, nos regiamos pelo direito suffragado em Portugal, e, ao tempo de Castella, pelos idos remotos de 1904 e 1603. (5)

Com o gesto de Feijó, assegurando o élo inquebrantavel da unidade federativa, já esboçada no periodo da Regencia, a mentalidade nacional começou a supportar a pressão formada por uma opinião francamente brasileira, jacobina; de sorte que, no dominio panoramico das artes e da litteratura, o pensamento que irradiava de todas as associações da collectividade reflectia os anseios dessa unidade fraterna e os designios de emancipação geral dos espiritos da epoca.

Si nem sempre o regimen parlamentar á inglesa, com que a fidalguia do segundo Imperio refletiu essas aspirações nacionalistas, imprimiu

3) Alarico de Freitas — Synthese Historico-juridica do Dirº Brasº 11.

4) — Hans Kelsen — Teoria Paca del Derecho — III 21 —

5) — Alarico de Freitas, op. cit. 30 —

á obra legislativa o traço predominante da sociedade dessa epoca, não é que um direito nacional não se elaborasse na obscuridade dos estudos de gabinete.

De facto, numa epoca em que luziram intelligencias como Ribas, Rebouças, Felicio dos Santos, Nabuco de Araujo, Pimenta Bueno, Montezuma e outros tantos, destacar nesse firmamento das lettras juridicas um nome, como o de Teixeira de Freitas, fôra mister surgisse elle com accents de luz, cujo brilho o illuminou e á geração, para fulminá-lo em pleno vôo de sua maturidade em tão gloriosa ascensão!

De um lado essa estirpe de luzeiros a fragmentar o edificio do direito reinol, creando um espirito doutrinario á ilharga do direito antigo; de outro, uma pleiade de idealistas, que, laborando no recesso das Faculdades juridicas de São Paulo e do Recife, brilhava em claridades ineditas, como o ouro apurado dentre fragmentos de ganga do precioso filão que o guardava.

A obra de Teixeira de Freitas, consolidando as leis civis, era a demoustração viva de que o Brasil possuia já um direito seu, em marcha para uma civilização superior, que se accentuava no dominio da emancipação juridica, em 1875, com o Codigo Civil esboçado pelo genial jurisconsulto patrio, o qual, antes de nos bastar, ja servira á Republica Argentina de base ao seu, em 1869!

Mas o que Teixeira de Freitas não conseguira, alem do *Esboço*; não alcançaram tambem nem um Nabuco, seu successôr na ardua tarefa, nem Felicio dos Santos, nem Coelho Rodrigues. Si a empresa levada a cabo por Clovis Bevilacqua teve o coroamento justificado que o insigne jurisconsulto patrio desfructa hoje, ainda, dentre

os vivos, é que proseguiu como lealmente o diz, na obra encetada pelo genio de Teixeira de Freitas, que devassou os intimos arcanos da sciencia antiga do direito e della revolvendo as crostas mais rudes, concretizou na *Consolidação* e no *Esboço* o roteiro da Nova sciencia juridica, illuminado pela juristica Romana, desde Justiniano ao Codigo de Napoleão !

Mas o pensamento Brasileiro na obra de sua civilização, cuja parcella hoje commemoramos, na formação juridica da nacionalidade, não pára na ascensão vertiginosa de seus maiores luminares !

Faltaria, nessa moldura de gigantes, o vulto de Lafayette, si delle já não tivesse dito Ruy Barbosa que seria o nome indicado para nosso Codificador, antes de Clovis, que bem moço, sem a experiencia e a madureza do egregio civilista, *emparelhava com elle mas não rivalizaria com elle*, no qual todavia, se *entremostra o brilhante antes da cristalização definitiva*. (6)

Si assim, no vasto e pouco dominado surto do systema de legislação civil, a cujas altitudes se aventuraram raros remigios, — a obra da civilização Brasileira, traçada no avanço cultural, e juridico da Nação, seria falha e estaria compromettida na realização republicana, si, em meio á calligem, em que por vezes immergiu a consciencia collectiva da nacionalidade, não fôsse despertada pelo clamôr do verbo e a sabedoria de Ruy Barbosa ! Si de Clovis deu Ruy o testemunho leal de sua opinião acerca do glorioso Codificador Brasileiro; de Ruy Barbosa, assertou este, ter *desvendado aos olhos Brasileiros, a*

6) Ruy Barbosa — Primôres — 122 -- (Collect. Laudelino Freire)

sciencia do direito publico que a America do Norte creára e nós quasi ignoravamos que existisse, antes que a vissemos trasladada, em correcta e lucilante phrase portugueza, pelo escriptor bahiano». (7)

Mas assim como, no segundo Imperio, havíamos inaugurado, por obra de transplantação exótica, o regimen parlamentar Inglez, de um povo visceralmente educado na disciplinação dos costumes, cuja fonte constitúe o mais rico filão do seu direito patrimonial, o primeiro fracasso da Republica consistiu em trasladar para o meio Brasileiro a Constituição Americana.

O povo americano do norte grangêou, de forma differente da nossa, o sentimento das liberdades publicas, que elles alcançaram por herança, segundo um principio inscripto, como o baixo relevo de um bronze, na consciencia de cada patriota, feito apanagio e prolongamento da propria historia das franquias do cidadão inglez.

A emancipação americana foi disputada numã lucta cruenta de irmãos e filhos da metropole, nos quaes o sentimento das franquias publicas, no argumento de *Boutmy*, serviu de escudo aos maiores sacrificios exigidos da vontade e de cidadãos livres, disputado palmo a palmo. (8).

Ao passo que a nossa resultou de uma simulação grosseira de abdicação, justificada por interesses politicos maiores da metropole, cujo epilogo, afinal, a cavalgada do Ipiranga consummou!

Ora, si o povo Brasileiro não pelejou, como o americano do norte, pela sua liberdade politica, não poderia, senão depois de soffrer o sacrificio

7) Clovis Bevilacqua — Juristas Philosophos — 22

8) Boutmy — Psych. Polit. du Deuple Anglais — 186

imposto pela sua negação, o martyrologio que inflamma na consciencia dos povos o sentimento das vindictas mais cruentas que até hoje as luctas fraticidas têm justificado! Si assim não procedeu, não estaria ainda nas mesmas condições de receptividade historica do povo americano para comprehender o apreço e o gráu de necessidade que o sentimento das franquias publicas evoca no espirito de uma epoca! Dahi o fracasso integral do ensaio da Const. Americana, na obra de adaptação do systema constitucional Brasileiro, cujo malôgro seu proprio genial transplantador attribúe á incapacidade collectiva da Nação.

«... essas instituições nos encontravam despreparados para as receber, para as assimilar, e para as praticar, com aquelle senso do seu espirito, da sua verdade e da sua inteireza, necessario ao desenvolvimento salutar, ao crescimento continuo, á realidade concreta das idéas, que ellas vinham introduzir no Brasil.» (9)

O senso dessa incapacidade creou, em meio aos *tabús* que passaram a definir a *pureza do regimen*, a desillusão do systema, criando a hypertrophia do Executivo sobre os demais poderes, cujas actividades resôariam no ambito do Governo como as vibrações da materia numa esphera de cristal.

O negativismo Brasileiro, inspirado nesse systema assim compromettido nas origens de sua pureza, culminou, afinal, no advento das Re-

9) Ruy Barbosa — Commentarios Const. (Homero Pires) Introd. VI.

voluções, cuja obra social, ainda em plena realização, não attingiu aos derradeiros extremos na cathegoria de suas etapas.

Esse surto, que não se apagou ainda, antes persiste acceso, como um facho ameaçador dentro na civilização de nossos dias, — irradiando por toda parte, — assim nas deliberações internas da politica partidaria, como na culminante questão contemporanea do armamentismo europeu, na politica universal de conquista dos povos imperialistas.

O cyclo revolucionario que envolve a vida de todos os povos, na marcha das aspirações pela superveniencia de um estado de equilibrio social, capaz de satisfazer no individuo um minimo de felicidade humana, vae, por sua vez, crêando no espirito de nossa geração um direito nôvo, cuja fusão comprehendem em nosso dias, a harmonia do capital com o trabalho.

Uma lucta, que remonta a idos immemoriaes, foi lentamente crêando, na consciencia juridica dos povos, um tal sedimento de verdade, que hoje, a legislação universal contempla nas linhas, em geral, de sua estrutura, esse ideal que se insinúa como uma alta conquista humana, de equilibrio juridico do interesse entre os homens. Accentúa-se, cada vez mais, a transformação do Estado moderno, cujas direcções guiadas sob inspiração desse direito novo, o homem, embora tornando centro de gravitação, não é mais o sujeito obstinado desse direito, senão a collectividade de que é componente.

De sorte que a transformação juridica dos povos, reformando o fundamento de sua legislação, deu ao direito universal um aspecto, não de todo inédito, mas racionalizando-o, pondo-o em contacto com as necessidades decorrentes dessa

cyclo imperativo, constantemente advertido pelo estimulo revolucionario do prevalecimento do interesse social sobre o individual.

E' que se surprehende através da marcha accellerada da Civilização, nos aspectos que a vida do Direito constantemente nos defronta, um fundamento capital de construcção e harmonia na sua actividade social, em beneficio do equilibrio, da ordem, do aperfeiçoamento dos costumes, cujos filamentos tramam entre si os élos da cadeia social.

Como nos demais aspectos da vida do homem, ha nas suggestões do Direito um traço de idealismo, já surprehendido na antiguidade classica da civilização Hellenica, por Aristoteles, transplantado para o Direito em Roma, por Celsus, quando o definiu: *a arte do bem e da equidade (jus est ars boni et æqui)*.

Como todas as construcções humanas, seja uma obra de estatuaría, architectonica, assim na pintura, como nas artes plasticas, o Direito que é fundamentalmente uma sciencia na investigação philosophica de seus problemas, mas arte na applicação de suas regras necessarias ao rithmo da vida social, conta, necessariamente, como todo phenomeno cultural, um elemento estético no seu conteúdo.

Surgido dos costumes e da Religião, guardou desta, na expressão dos symbolos e da roupagem, o rito externo, ganhando no vigor verbal da linguagem, e na forma intrinseca do aparato a particularidade estética com que se revêla. (10).

Si a feição estética do direito comprehende a vida humana ainda nas suas manifestações

10) — Radbruch — Filos. del Derº. 124.

mais idéaes, assim na poesia, como no drama, cujos argumentos suggerem constantemente a propria vida emotiva e juridica das sociedades, desde *Sophocles* com a *Antigona* até *Shakeaspeare* com o *Hamleto*, o *Mercador de Veneza* e *Othello*, o jurista ha de, forçosamente, guardar a mesma linha equidistante que o liga, como o artista, ao ideal de sua arte.

Por isso se tem comprehendido no tumultuario estuar das paixões, em cujo torvelinho os interesses entre os individuos fluctuam como despojos no naufragio irremissivel das competições, a vida do direito e a missão do jurista como elementos collaboradores imprescindiveis ao equilibrio da harmonia social.

O direito assume, na luta de interesses em que deflagram essas paixões más do homem, ao lado de suas nobres paixões, o estímulo necessario á coexistencia de suas normas, porque o aspecto de luta que carecteriza os dissidios é que imprime ao direito toda a intensidade do seu valor de mediação social. (11)

A função social do jurista como emanção da propria vida latente do direito, guarda, na imagem persuasiva, *Angel Ossorio*,—uma attitude traço de união entre a sociedade e o homem, entre o interesse e o direito, de que é a justiça a sua projecção mais palpitante de vida e a obra mais espiritual do homem.

Si outros fundamentos não corroborassem o asserto dessa affirmação, bastaria para comprova-lo a missão que cumpre, no episodio historico que commemoramos de nossa vida nacio-

11)—Alarico de Freitas—Introducção á Sciencia do Direito—87.

nal, o Instituto dos Advogados do E. Santo, como órgão de classe, nesta hora.

“E’ uma positiva manifestação da ferocidade humana o odio entre artistas”; assevéra com admiravel philosophia, o soberbo estylista de *Alma de la Toga*. — “Esses seres eleitos que vivem, segundo elles mesmos asseguram, nas *regiões purissimas do ideal*, se mordem, se esfolam, despedaçam-se e se trituram de maneira encarnçada e constante. Litteratos, comicos, musicos, pintores e escultores não gozam tanto com o triumpho proprio como com o descredito alheio”. (12)

Um pronome mal collocado derroca o edificio de uma idéa bem definida, e comquanto já disse Taine (*Essai sur Tite Live*) ninguem, em ultima analyse, é *absolutamente original*, rebuscam-se no verso e no discurso reminiscencias de plagios, como se o camartelo inconoclasta dos insidiosos da invêja e dos impotentes da transfiguração na arte pela palavra e o escopro pudesse demolir a majestosa basilica, em cuja preciosa nave sonha o artista as pompas da fôrma e da belleza!

Mas entre nós juristas e advogados, pelo uso constante da palavra e da penna, no manejo e exteriorização das ideas, ainda nas mais asperas polemicas, guardamos o senso da elegancia moral imposta ás nossas attitudes.

De sorte que, conforme commenta *Angel Ossorio*:

“Apenas se de vez em quando nos dedicamos um commentario mordaz ou ironico, nosso estado d’alma é a indiferença; nossa conducta um desdém elegante”. Ha um cos-

12) Angel Ossorio—El alma de la Toga—139

tume, prosegue elle: "que confirma a delicadeza de nossa educação.

Depois de sentenciado o pleito e por muito acie que fosse a controversia, jamais o victorioso recorda seu triumpho ao derrotado". (13)

Se assim, meus snrs.—juristas e advogados, nos devotamos, pedindo justiça ou fazendo-a, na orbita da fucção social em que exercemos nosso sacerdocio, está virtualmente traçado o rumo que devemos imprimir á nossa conducta na vida da sociedade.

Mas quaesquer que sejam os óbices encontrados na marcha das idéas vencedoras do nosso tempo, na conquista social de nossos dias, ao espirito do jurista está constantemente proposta a solução dos problemas politicos na equação juridica dos phenomenos que regem os destinos do mundo.

E' aos juristas, sebetudo na hora presente, que está imposta uma das attribuições mais arduas commettidas pela sociedade humana na reconstrucção do seu arcabouço juridico, novamente levantado desde os alicerces. A derrocada da antiga architettura projectada ao sol da Revolução Franceza, ao alento de suas franquias incorporadas ao patrimonio nacional dos povos roidos pelo despotismo, impõe agóra energias multiplicadas para extrahir da confusão do momento, na anarchia mental que tudo avassalou, dos destroços em que jazem os derradeiros vexillarios da democracia, uma idéa, um traço ou argumento, uma inspiração, enfim, que recorde, na consciencia dos nossos dias, o sentimento de nossa liberdade. Foi a Republica que insuflou no coração

13) Id. ao cit. 141.

Brasileiro, ao mechanismo de suas pulsações, o estímulo da liberdade do cidadão, amparada no destino de suas leis gradadas, como apanagio de nossa cultura e índice da civilização de nossa época.

A implantação do sentimento republicano nesta terra foi uma obra de fé guiada pelo coração e a intelligencia.

Si a primeira estrutura juridica de sua Constituição recorda á posteridade o nome de Muniz Freire, como o maior e principal operario das linhas sobrias, que serviram de modelo ás subsequentes reformas, as difficuldades do momento historico do mundo, ericando de espinhos a tormentosa empreza da reconstruccão nacional, exige cuidados excepcionaes no travejamento das linhas do nosso Estatuto politico. Nunca terá sido tão encarecida, como nesta hora, a missão delicada do jurista, no momento nacional Brasileiro, em que todas as provincias da Federação porfi- am em enquadrar sua vida juridica na moldura da Constituição da Republica, embebida já nos seus institutos, das idéas que flutuam na época como conquistas implantadas no patrimonio collectivo da humanidade.

Por nobre e delicada, a missão dos juristas, impõem-se o respeito e admiração dos coévos aos estímulos de sua vontade e intelligencia, de que é na hora desta solemnidade civica, o Instituto dos Advogados do E. S. seu pioneiro mais entusiasta e decidido.

Nesta participação em que trazemos ao E. Santo, ao mesmo tempo que o entusiasmo de nossa vibração pela magna data em que celebramos as etapas historicas de nossa gradativa civilização, integrada na collectividade nacional, vimos prestar tambem o nosso tributo de confi-

ança e promessa, na tarefa ardua da reconstrucção politica projectada, por notavel coincidencia, entre festas, pela sua inolvidavel obra civiliza-dôra !

Si ardua e porfiosa a tarefa, comtudo, urge enceta-la com a mesma fé posta ao serviço do idéal, que 'o direito nas suas transfigurações e metamorphoses constantemente suggeie, como scentelhas que o camartello faz jorrar dos modelos ainda rechinantes em deslumbramentos de luz !

No equilibrio social dos povos, considerados na sua grandeza e vitalidade economica, como elemento popular de progresso, a existencia do homem considerado só, cahiu em clamoroso desapreço. Vê-se, todavia, que uma ficção se apodêra de nossa epoca, porque a sociedade sem o individuo nada exprime. Considera-la no todo, este terá de abranger suas partes componentes. Mas de qualquer fôrma por que se aprecie a face juridica do homem na sociedade moderna, ha de de corresponder sempre a esse aspecto, o elemento necessario ás suas actividades assim phisicas, como moraes e intellectuaes.

A esse cortejo de condições necessarias a toda obra humana, si o sentimento de liberdade não constituir o crisól em que as virtudes civicas se purificam, e revigoram nas franquias politicas do cidadão, não haverá regimens, nem systemas que salvem os destinos da nacionalidade.

Parece que um sentimento de renuncia collectiva atacou a humanidade politica que se deshabitua, fatigada dos excessos que a liberdade estimula, de ser livre e retorna obediente á lei do *rituoso delle cose humane* ennunciada por *Vico*, a etapas ja vencidas pelo advento da Edade Média.

O espirito vacillante das democracias enfraquecidas pelo surto das idéas reformistas do seculo, levou ao homem a suggestão dos crepusculos de sua liberdade, contra a qual ja não se observam nos horizontes toldados pela calligem desse advento, os mais leves clarões de uma alvorada, que prelibe nos encantos de sua festa, a aurora de uma ressurreição !

Palpita na hesitação dos nossos dias sombrios a incerteza do futuro assegurado ao destino do homem ; desde que perdida a fé nos regimens politicos de liberdade, a inspiração do Direito vacillou na consciencia adormecida dos povos.

Mas seu resurgimento, assim como a fé religiosa, se dará, quando as sociedades alertadas no instincto da propria subsistencia ameaçada no vortice do naufragio irrimessivl, retornar ao culto da liberdade do homem, sempre estimulada pelos dictames do Direito.

Então, o espirito da democracia ha de pairar sobre os destinos dos povos, retomados ao governo de si mesmos, na configuração que modernamente se esboça dos Estados de Direito, cuja construcção caprichosa comprehende nos seus modelos, a suggestão viva e organica das sociedades, imprimindo vontade e governo aos seus membros desarticulados.

Nesta fé queremos estar comvosco, e estae tambem comnosco, que partilhamos de vossa alegria e homenagens, nesta hora historica de nossa existencia, em marcha arrebatada e decisiva de progresso, mirando através das luminarias de uma apothese, a tranquillidade da noite reflectindo entre as pompas de sua festa—a consciencia serena do povo que teve a fortuna de contemplar, dentro de uma natureza sem rival—seu glorioso destino guiado pela constellação do Cruzeirol,

A GENESE DO CAFÉ CAPITANIA

Pelo DR. ANTONIO ATHAYDE

Estudemos rapidamente a genese desse maravilhoso producto, que é, commercialmente falando, o thermometro monetario da vida economica e financeira do Estado.

O café e um producto africano, originario da alta Ethiopia. Foi cultivado e usado habitualmente na Arabia como bebida, no seculo XV. A infusão feita com o pó das sementes torradas era conhecida pelos seus habitantes por—*Kavéh*.

Generalizou-se essa bebida predilecta dos arabes, por todo o Oriente, e só foi usada na Europa no seculo XVII, em virtude da grande opposição dos medicos e da influencia religiosa dessa época, que consideravam-na como bebida excitante, prejudicial á saude. Annos depois, foi analysada convenientemente e apreciada por quasi todo o Occidente, como bebida tonica e estimulante do coração, divulgada com o nome de *Café*, corruptela do vocabulo arabe *Kavéh*.

O grande botanico Linneu denominou essa preciosa rubiacea de *coffea-arabica*. Ha outras especies de café, por exemplo o *coffea-liberica*, cujas flores são hexametas e os fructos muito maiores. Ha tambem o *robusta*, o *maragogipe*, o *conillon* e outros typos proprios de cada região.



Um flagrante da grande festa realizada em Villa Velha, em homenagem ao 4.º Centenario
do nosso Povoamento.



Indios, symbolos de força e coragem. Os primeiros espirito-antenses. Alegoria, em homenagem ao 4.º Centenario de nossa Colonização, em Villa Velha.

A *coffea-arabica* começou a ser cultivada no Brasil, no valle do Amazonas, em 1724. E', pois, o caféeiro uma planta exotica de goso, incorporada á nossa flora, cujo fructo constitue a nossa principal riqueza.

Foi em 1800, aproximadamente, que o café foi introduzido no Espirito Santo, plantando-se algumas sementes a titulo de experiencia cultural, na zona de Linhares, valle do Rio Doce.

Em 1812 se fez a primeira tentativa de exportação do café do Espirito Santo para o Rio de Janeiro, tendo o preço da arroba attingido a 3\$000. Diz a "Chronica do Espirito Santo" que o benemerito governador Rubim, satisfeito com esse compensador resultado, na alta do preço, ordenou que se incrementasse a sua cultura nas cercanias de Victoria e no litoral, abrangendo todos os povoados do norte a sul. Adquiridas as sementes, o plantio do café foi um facto. Alargou-se logo a area do seu desenvolvimento agricola. Fizeram se os ensaios da sua plantação, abrigada sob arvores de sombra, preferentemente as ingazeiras, cujas copas ramalhudas protegiam melhor a delicada planta, dando-lhe o arejamento e a luz indispensaveis para evitar o seu estiolamento.

Entretanto, a razão fundamental de se proteger a plantação dos caféeiros com arvores copadas, não foi somente para amenizar a acção directa dos raios solares, no verão ou nas estiagens prolongadas que os castigassem cruelmente; foi tambem para impedir que os rijos ventos do nordeste e a constante viração das tardes de estio, no litoral, os açoitassem, atrophiando o seu crescimento, na resecação do solo que se impermeabilizava.

Sem sombra, o caféeiro não medra na zona

litoranea. Isso já constitue uma noção muito elementar, entre os nossos lavradores da beirada, na conservação dos seus cafezaes.

Formou se, naturalmente, com esses cuidados e providencias culturaes, um typo especial de café que se vulgarizou commercialmente com o nome de *Capitania*. Effectivamente, só com esse producto da zona maritima se negociava com a praça do Rio de Janeiro. Os cafés do interior da Provincia, isto é, os dos seus sertões e colonias não eram ainda conhecidos. Difficilmente vinham á Capital, por falta de transporte. Comtudo, só entraram no mercado alguns delles de 1830 em diante, a título de ensaio, por pequenas colheitas das fazendas, mais proximas do litoral.

Referindo-nos ao baptismo dado ao nosso café de *Capitania*, cumpre-nos dizer: — emquanto as antigas doações territoriaes do Reino perderam logo o nome commum de Capitania, o nosso Espirito Santo conservava, por tradição heraldica, mesmo depois da Independencia, esse fidalgo nome de seu donatario Vasco Coutinho, conforme constataam documentos publicos.

Todo café era exportado de Victoria para a praça do Rio de Janeiro, em sumacas e posteriormente em pequenos vapores de cabotagem, que recebiam dos portos de norte a sul da Provincia toda safra existente. Era, pois, embarcado aqui e armazenado no Rio com o nome de *Capitania*, para differencal-o do de Minas Geraes, Rio e São Paulo.

Embora não se cogitasse, por esse tempo, de nenhuma classificação cultural, pois todo café era para se beber e negociar, independente de typos, comtudo se regulava a sua procedencia, pelas marcas e firmas commerciaes que faziam efficazmente a sua propaganda, no aspecto bom

e natural do producto que remettiam. Fixou-se assim o *habitat* do nosso *Capitania*, na preferencia que lhe deram, pelo seu delicioso sabor e inconfundivel aroma, os seus numerosos consumidores.

A influencia do nosso meio physico formou as características desse nosso typo de café, fazendo aqui uma perfeita adaptação, desde a sementeira.

Convem notar que tem sido experimentado o plantio do *Capitania* pelos sertões, sem nenhum exito. Não são conservadas as suas características differenciaes no tamanho das sementes, na côr e na gustação. Degenera logo no café commum e vice-versa. O creoulo mesmo, sob o abrigo da sombra não dá o *Capitania*. O clima e o solo alteram a natureza do producto. As condições climatericas e os agentes telluricos da nossa zona littoranea, fixaram no Espirito Santo o *habitat* do tradicional *Capitania*.

A proposito cito um trecho do brilhante artigo—*O Café Capitania*—, publicado no apreciado *Boletim Mensal do Serviço de Defesa do Café*, transcripto do excellente semanario *Vida Capichaba*, de autoria do distincto engenheiro agrônomo Carlos de Souza Duarte.

Diz o illustre conterraneo: “A opinião de que o café commum, cultivado no litoral, sob o abrigo de arvores de sombra, dá o typo que, commercialmente, se convencionou denominar *Capitania*, parece a mais generalizada. Cumpre, pois, observar que se o clima litoraneo, em geral quente e humido, tivesse a propriedade de modificar o café creoulo, cultivado sob o abrigo, não existiria só no Espirito Santo, *Café Capitania* e o seu *habitat* seria então bem mais extenso do que se imagina”.

Effectivamente é hoje uma opinião esclarecida e abalizada pelos technicos, que o caféeiro não é uma planta, como se suppunha, que se desenvolve com o mesmo viço e aspecto, em qualquer localidade. E' preciso que a temperatura média oscille entre 15° e 25° C. e que a chuva não vá além de 330 cm. C., nem seja inferior a 220 cm. C. por anno. Qualquer pequena alteração nos limites destes coefficients empiricos apresenta grande numero de variedades já conhecidas pelos agricultores, dando origem a varios typos de grãos que concorrem aos mercados.

O nosso typo *Capitania* já tem o seu brasão assignalado, de louros conquistados, nos mercados mundiaes, desde 1889, cujos consumidores que o preferem pelo seu delicioso aroma, sabem impugnal o, quando vae mystificado no seu commercio.

E' opportuno lembrar, para illustrar estas modestas linhas, que em 1888, quando dirigiamos o antigo nucleo colonial Conde d'Eu, o actual Pau Gigante, fomos solicitados pela Inspectoria Geral de Terras e Colonização para colleccionarmos alguns productos, afim de seguirem para a Exposição Universal de Paris, em 1889, em homenagem á commemoração da data de 14 de Julho — primeiro centenario da Revolução Franceza.

Immediatamente conseguimos na zona municipal de Santa Cruz, um sacco de 60 ks. de café da melhor qualidade, com as sementes seleccionadas e uniformes, na côr e no volume de cada uma dellas, no empenho patriotico que tinhamos de apresentar um producto que nos honrasse na Capital da Terra. Além desse precioso producto, que denominámos *Capitania*, remettemos tambem, mais setenta e tres specimens de

excellentes madeiras de lei, do valle de Pau Gigante.

Em setembro de 1889, o Jury Internacional daquelle memoravel certamen da civilização occidental, premiava o nosso *Capitania* com a medalha de ouro e as madeiras com menção honrosa.

Em Janeiro de 1891, recebiamos uma carta de uma importante firma commercial de Trieste, convidando-nos para ser o seu correspondente em Victoria, para a remessa do *Café Capitania*, conforme a amostra que viu na Exposição de Paris.

Ora, dirigiamos naquella occasião os trabalhos da construcção da Estrada de Ferro de Victoria a Rio Pardo (actual E. F. Leopoldina), e não podiamos deixal os para nos envolver em negocios alheios á profissão, empenhados como estavamos todos no proseguimento daquelle esperançosa via-ferrea. Resolvemos então entregar a predita carta aos srs. Wetzel & Comp., para negociarem com o nosso producto laureado, e elles acceitaram com satisfação o honroso encargo.

Posteriormente tivemos conhecimento de que a alludida firma de Trieste havia impugnado uma das remessas do nosso café, porque lá chegara caldeada com outros typos inferiores e claudicada por artificios que compromettiam a sanidade do producto.

Procurámos ouvir attenciosamente o presado chefe da firma — sr. Eugenio Wetzel — que se justificou, allegando o embarque de uma partida de café num dia de muita chuva. Acreditamos que não fosse o culpado da repulsa do café na praça de Trieste; entretanto era a propaganda que se fazia do nosso producto no estrangeiro.

Raramente se preocupavam com a sua qualidade, só havia interesse na quantidade a se exportar, em detrimento das rendas do Estado, pelo descredito do producto.

Vê-se, pois, que o saboroso *Capitania* que conquistou a medalha de ouro, sem nenhum favor, no certamen universal de Paris, ficou, pouco depois daquella data, indefensavel nos mercados do Mediterraneo.

Entretanto, não pudemos silenciar diante do revés soffrido. Escrevemos á firma de Trieste, scientificando-lhe que o *Capitania* era um typo especial de café e da melhor qualidade, mas de producção restricta, não podendo ser exportado em grandes e consecutivas remessas.

Fizemos então apologia de outras qualidades de café, de typos finos que o Espírito Santo possui em sua flora, a saber — o *bourbon*, o *creoulo*, o *moka*, *miudo* e o *graudo* — que são excellentes, quando recebem um cuidadoso preparo cultural, e que estes o nosso commercio estava sufficientemente habilitado a exportar em grandes partidas.

Felizmente fomos attendidos no nosso alvitre, voltando o nosso café a lhe merecer o mesmo carinho e interesse revelados anteriormente.

Comtudo continuava o máo preparo observado em todas as qualidades, preocupando seriamente a attenção dos poderes publicos do Estado.

Vem a terrivel crise da baixa em 1901, e todos os Estados caféeiros se reúnem em um só *convenio* para debelal-a. São Paulo lembra, entre outras providencias, a prohibição do plantio e a incineração de uma parte da producção! Foi por essa occasião que apresentamos e fundamenta-

mos um projecto de lei sobre a valorização do café, no Congresso Legislativo. (1)

Demonstrámos que a baixa do producto provinha mais das más qualidades exportadas para os mercados mundiaes, onde ellas se rivalizavam e comparavam-se com cafés finos e beneficiados de outros paizes productores, do que da superabundancia da nossa producção.

A nossa principal medida seria eliminar os cafés escorias da exportação, por impostos pesados, difficultando a sahida delles para praças importadoras, Consideravamos a prohibição do plantio e a incineração de uma parte da safra, como medidas antieconomicas e contraproducentes, somente em proveito de outros paizes que o cultivassem. Eram medidas, aliás, perturbadoras da nossa vida economica e commercial.

Para se alargar o consumo é preciso a propaganda do producto com preços modicos e nunca retel-o, aguardando preços altos.

Emfim, encaramos a memoravel questão da valorização em 1901, sob todos os pontos de vista, quasi todos observados na actual crise. Comtudo, devemos assignalar que presentemente ha o notavel aparelhamento do *Serviço de Defeza de café* que evitará o abastardamento do producto nos mercados, o que faltava naquella época. Este instituto já classificou os typos finos de café capichaba, fazendo a reivindicação do do nosso afamado *Capitania*, na sua intensa propaganda pelos mais exigentes mercados do mundo.

Lembramos, em 1901, a conveniencia da saccaria ser de algodão, incrementando se novamente

(1) Vide "Annaes do Congresso Legislativo do Estado do Espirito Santo" em 1901 (sessão ordinaria).

o plantio desta malvacea, no estimulo tambem dado á industria fabril, no preparo dos saccos, pelo resguardo da humidade prejudicial ao café, que a juta não protege. Lembramos tambem que se prohibisse o seu embarque nos dias chuvosos e nas noites de más condições hygrometicas. São cuidados necessarios e complementares ao beneficiamento do producto, defendendo a sua sanidade até o porto do seu destino.

Aconselhamos sempre a polycultura porque, quando em baixa o producto da nossa maior exportação, resistiremos melhor aos contratempos das crises periodicas a que elle está sujeito, fatalmente.

Mas o café é uma bebida predestinada, é um alimento de gozo, tanta na mesa do pobre, como na do rico. Tornou-se um habito bebel-o como um nectar delicioso.

O celebre physiologista Bichat dizia : *a lei do habito é uma lei severa do Organismo.*

Incontestavelmente. o *Café Capitania* é o café do Espirito Santo. Merece-nos especial carinho. E' o nosso maior penhor patrimonial agricola.

Esse maravilhoso producto é actualmente a thermometro monetario da vida economica e financeira do Estado:---alguma vezes, elle nos leva a seriás apprehensões, como um pesadelo apavorante de tristezas sobre nós; outras, elle nos traz, como um mensageiro do bem, radiosas esperanças, na alvorada festiva de alegria e de felicidade, de prosperidade e de riqueza para o Espirito Santo !

Homenagem ao Estado do Espirito Santo

Discurso proferido pelo sr. Alberto de Oliveira Santos no acto da entrega do monumento que a Família Oliveira Santos, commemorando o quadri-centenario do Povoamento do Sôlo Espirito-Santense, offereceu ao Estado:

«Exmo. sr. Governador do Estado. Exmo. sr. Bispo Diocesano. Exmo. sr. Prefeito da Capital. Exmas. Autoridades federaes e estaduaes. Exmos srs. Consules. Minhas senhoras, meus senhores.

Por onde quer que nos tenha levado a curiosidade do nosso espirito através das terras que temos visitado, nas diversas viagens que fizemos atravez do continente Europeu, nós, que conservamos com acendrado carinho o culto pelos feitos grandiosos dos nossos antepassados, verificamos sempre e em toda a parte a gratidão dos povos para com aquelles que souberam servil-os, procurando engrandecer a Patria commum. Quer nas grandes, como nas pequenas cidades que atravessamos nessas perigrinações de curiosidade, vimos Monumentos grandiosos pelo esplendor architectonico de suas fachadas e pelo arrojo das concepções artisticas dos seus creadores; vimos tambem Monumentos modestos que, na singeleza

de suas pedras cinzeladas, ou no brilho dos seus marmores simples, attestavam o respeito e a gratidão dos descendentes desses bemfeitores, lembrando a todas as horas e a todos os instantes o Heroe ou o Sabio, o Artista ou o Philosopho, o Navegador ou o Guerreiro, que, cada um em sua esphera de acção procurou engrandecer, honrar, illustrar, dignificar a sua Patria, tendo sempre para ella voltados os seus pensamentos e os seus trabalhos. Por toda a parte, esses Monumentos attestam aos filhos da terra, como aos viandantes, o preito de gratidão dos seus povos, pelo muito que elles fizeram por aquelles que alli os homenageam. E, não só aos filhos da terra a que pertencem levantaram os povos os Monumentos com que synthetisam a sua gratidão—elles a rendem tambem aos bemfeitores da Humanidade, onde quer que elles hajam nascido, e que por seus trabalhos benemeritos merecem o respeito e a gratidão de toda a humanidade.

Foi por uma dessas viagens que fizemos através dessas terras, que nasceu em nossa mente a idéia de dotar esta linda Capital com um monumento que synthetisasse uma das datas que mais caras fossem aos corações dos seus habitantes, e fosse, ao mesmo tempo, um preito devido de homenagem a alguém que muito houvesse feito por este Estado. Veio-nos á lembrança a proximidade da data historica do grandioso feito que hoje, Povo e Governo, commungando num mesmo enthusiasmo do amor civico festejam com as maiores demonstrações de alegria a que já temos assistido nesta cidade. Em nosso Espirito se fixou o desejo de prestar esta homenagem ao grande Vasco Fernandes Coutinho, o primeiro donatario destas terras, levantando, numa das praças desta cidade, um monumento

que symbolizasse a data de sua chegada ás terras deste Estado. Data que marcou o inicio da nossa civilização: o despertar destas terras uberrimas para a vida coordenada dos povos civilizados; um monumento que, no palpitar de sua expressão symbolica, nas linhas rigidas dos seus graniticos blocos ou na mudez expressiva dos seus bronzes trabalhados, lembrando gloriosos e passados feitos, attestasse aos nossos descendentes que a passagem do quarto centenario da chegada de Vasco Fernandes Coutinho a estas plagas não passara desaperccebida.

É para nós, filhos dessa mesma Patria a que pertenciam aquelles que pela primeira vez passearam as lindas praias e terras deste grande paiz, e que já irmãos e filhos aqui nascidos contamos entre os membros de nossas familias, uma satisfação muito grande, immensa, podermos offerecer ao honrado e laborioso povo deste Estado este pequeno monumento, cuja pedra fundamental aqui estamos assentando.

Irmanados como estamos com a sua população, pelos mesmos desejos de ver grande e prospero esta Unidade da Federação Brasileira, por ella empregando a nossa actividade, physica, e moral e intellectual, no mesmo aneio de vel-a affirmar-se entre as suas irmãs como um dos maiores pioneiros do seu engrandecimento; dizendo-nos a consciencia que algo temos feito neste sentido que nos possa dar as honras de cavalheiros nas lides em que nos temos empenhado, carreando a pedra do nosso esforço para a continuação da construcção moral e material desta bella terra, sentimo-nos realmente jubilosos em poder offerecer ao povo deste Estado esta prova material desse esforço, perpetuando num symbolo, modesto pelo seu valor material, mas

alevantado e grande pelo seu significado moral, essa data imperecível que é *Vinte e tres de Maio de mil quinhentos e trinta e cinco*, que nos lembrará sempre essa figura destacada, que em nossa historia foi *Vasco Fernandes Coutinho*.

Não vos pareça, pois, estranha a lembrança tida pela familia a que pertenco, de vir offerecer ao Estado do Espirito Santo um monumento que traduzirá na sua singeleza a homenagem, pallida embora, com que ella quiz, por um movimento de Amor Civico a este Estado, perpetuar a mais solemne data do seu calendario historico, qual o do seu ingresso na civilização dos povos, nesse já bem affastado anno de 1935.

Senhores:

Não foi Vasco Fernandes Coutinho uma figura vulgar entre os seus conterraneos. Fidalgo de nascimento, seguiu a carreira militar. Guerrejou em Africa e na India, nessa India que ainda hoje exerce sobre a mente dos povos uma attracção irresistivel pelos mysterios de que se rodeia; nessa terra miraculosa das especiarias e das pedrarias, terra dos sonhos das mil e uma noites; nessa terra opulenta e maravilhosa onde o genio desse novo Alexandre, que se chamou Affonso de Albuquerque, manejando a mais illustre das espadas que já brilharam ao sol esplendoroso das terras orientaes, fundou o grande Imperio Portuguez das Indias. Vasco Fernandes Coutinho guerrejou alli; commandou alli a fortaleza de Ormuz. Fez brilhar a sua espada ao lado da espada fulgurante de Affonso de Albuquerque. Da India regressou a Portugal com serviços taes prestados á sua Patria e ao seu Rei, que por este foi galardoado com uma tença de 30 mil reales. Não era, pois, Vasco Coutinho um qualquer

fidalgo obscuro e aventureiro. Proprietario de terras em Alemquer, e senhor da tença real que lhe fôra doada, não tinha necessidade de sahir de seu Paiz. Dotado, porém, de espirito irrequieto e audaz, tendo dentro de si uma forte dóse desse desejo de aventuras que dominava os homens de então, influenciado, sem duvida, pelas facilidades que lhe offerecera a India e desconhecendo por completo a enorme differença que havia entre aquellas terras e as do Brasil, estas vivendo ainda a sua idade da pedra, emergindo já de uma civilização milenaria, resolveu-se a vender a sua tença ao Rei, d'elle obtendo a doação de um trato de terras no Brasil e a cessão de uma caravela commum em que se pudesse transportar a si e aos seus. Sabe se que o nome desse navio era *Gloria*. Nela embarcou com sessenta denodados companheiros, e aos 28 de Maio de anno do 1935 aportava ás terras de sua Capitania, fundeando perto do Monte Moreno, alli fundando a primeira povoação, ou, pelo menos, dalli irradiando-se para tomar conta das terras que lhe haviam sido doadas. Com Vasco Fernandes Coutinho diversos fidalgos vieram. De dois, pelo menos, nos fala a historia. Um, de illustre linhagem, era Jorge de Menezes, bastardo de D. Rodrigo de Menezes. Vinha da India, onde tambem se distinguira pela sua valentia e bravura. Alli commetteu um crime, matando o capitão Gaspar Ferreira. Por esse e por outros desmandos do seu genio violento, foi enviado preso para Lisbôa, desterrado pelo Rei para terras do Brasil. Outro, chamado Castello Branco, de linhagem mais obscura, sobre elle pouco se conhece, havendo até quem ponha em duvida a sua ascendencia fidalga.

Historiar-vos, neste momento, o que foi a vi-

da de Vasco Fernandes Continho nestas terras, os dissabores que aqui passou, a desillusão que teve em relação aos sonhos que phantasiara, quando nas suas terras de Alemquer, seria por demais enfadonho para vós e eu não quero abusar de vossa benevolencia. Desejo, entretanto, salientar ainda que de volta de sua viagem a Lisboa, onde fôra na esperança de levantar mais capitaes, com os quaes pudesse dar maior desenvolvimento á cultura de suas terras, encontrou seus companheiros dizimados pelos ataques dos proprios tupiniquins e goytacazes, e mortos já os seus dois companheiros de lides, Jorge de Menezes e Castello Branco. Em taes circumstancias, dirigiu-se ao Governador da Bahia, o illustre D. Mem de Sá, pedindo-lhe auxilio para que pudesse dar combate aos indigenas e assenhorear-se novamente se suas terras. Este enviou-lhe os reforços pedidos commandados pelo seu proprio filho, Fernando de Sá, que teve a desdita de perecer numa das pelejas.

Apezar da victoria que teve sobre os indios, não conseguiu fazer prosperar as suas terras, vendo-se obrigado a recolher-se á ilha de Santo Antonio, que elle havia doado a Duarte Lemos, em paga de largos serviços que este lhe prestára. Pode-se dizer que conservou a soberania platonica sobre seus dominios. Dizem os historiadores que morreu em extrema pobreza, não deixando dinheiro sequer para comprar uma mortalha! Elle que sonhara com a riqueza e a fartura! Coisas do destino que traça Deus a cada um de nós e ao qual não podemos fugir!

Eis em largos traços alguns dos pontos mais notaveis da vida desse homem a quem hoje prestamos o preito civico de nossas homenagens. Quatrocentos annos são passados sobre o dia em

que elle aqui aportou, e o Espirito Santo, essa terra que elle tanto quiz e pela qual tanto se sacrificou, ahi está patenteando aos olhos deslumbrados de todos que a visitam a feracidade de suas terras, a bondade de seus filhos e a grandeza do futuro que o espera.

Senhor Governador do Estado:

As familias Oliveira Santos aqui representadas pelo seu chefe, nosso venerando Pae, a cujo esforço e bondade devemos o pouco que somos, pelo muito de sã moral e de amor ao trabalho com que nos educou o espirito, e pela nossa amada Mãe, aqui tambem presente a quem devemos todo um mundo de amor e carinho, pedem vos cimenteis a primeira pedra deste Monumento que, em occasião opportuna, vos será devidamente entregue e ao digno Povo deste formoso Estado, por cuja prosperidade fazemos os mais sinceros votos.

Termino agradecendo a v. exa. o haver aceitado esta pequena offerta que fazemos e o haver indicado este local para nelle ser collocado.

A todos os que nos deram a honra de vir assistir a este acto a nossa melhor gratidão.

NO ROTARY CLUB

Discurso proferido pelo dr. Nuno dos Santos Neves, em nome do *Rotary Club*, desta cidade, na sua festa dos premios escolares, em 25 de maio ultimo:

«Exmo. sr. Governador do Estado; Exmas. autoridades presentes e representadas neste acto; Exmas. senhoras e senhores; meus escolares:

Uso da palavra neste momento, em nome do Rotary Club de Victoria, que me tem escolhido o seu delegado para falar-vos sobre a grande significação desta solemnidade, quer no seu reflexo social, quer como manifestação do alto valor da instituição e da fé rotaricas.

Eu vos dirijo a palavra, nesse character, nessa incumbencia, e por mim proprio, pois não poderia deixar passar esta bella, esta feliz oportunidade, de poder fallar aos novos, aos escolares, justamente neste momento em que sua alma deve estar mais aberta, num enthusiasmo são, por esse primeiro triumpho da sua vida, commemorando, desta forma, condignamente, o 4.º centenario de nossa colonização.

Assim sendo, sinto-me em plena liberdade, alheio a quaesquer compromissos, preconceitos, ou convenções, para conversar sinceramente com-vosco, meus caros escolares, tomando vos por representação de toda a geração a que pertenceis.

Primeiramente preciso definir-vos o que é Rotary, esta associação que ha deliberado premiar-vos, pelo triumpho obtido nos vossos estudos, incitando-vos, assim, a proseguirdes na senda luminosa das nobres conquistas do saber.

Rotary é uma associação de homens de boa vontade, cada qual representando uma actividade social, para promover a maior ligação entre as diversas cidades, predicando e operando o bem geral, aconselhando os bons principios e promovendo as boas acções em todo o mundo.

O nosso lemma é — dar de si, antes de pensar em si.

E a nossa bandeira tem todas as cores, porque ser-se rotariano é ser-se universal.

Falar aos novos é acto delicado e de grande responsabilidade, pois, muitas vezes, é plantar no coração e na intelligencia jovem, a palavra que se ha de desdobrar na conformação da mentalidade e dos caracteres futuros.

E' preciso, portanto, que as idéas sejam bem claras, os conceitos bem pensados, e os principios inteiramente sãos e assimilaveis facilmente.

Eu, que não tenho estudos de pedagogia e que confesso desconhecer as subtilezas da arte de ensinar, desistiria deste meu intento, se não vos tivesse a dizer, senão o que tem sido objecto de minhas demoradas e serenas meditações, quando me solto descansadamente ao léo dos meus scismares.

Meus amigos, num paiz vasto como este, por uma fatalidade historica, e por varios defeitos de colonização, não temos sequer um typo formado, e muito menos, por isto mesmo, um paradigma definitivo a seguir. Não tendes, pois, trilha certa a obseryar, no proseguir fatal da

nossa evolução. Deveis, portanto, habilitar-vos a distinguir a directriz em que deveis avançar, afim de não continuarmos a incidir nos erros que nos trazem manietados ha muitos annos.

Para isto deveis educar, pela vossa propria observação, o espirito sequioso de instruir-se.

A propria ethimologia da palavra nos demonstra que educar é — « desenraizar o homem, eleva-lo fóra do meio e guindal-o a uma altura donde lhe seja facil, *fóra dos preconceitos hereditarios e dos costumes locaes*, como nos diz Fernando de Azevedo, descortinar e apreciar os acontecimentos, dentro e fóra do seu tempo, em todos os paizes. Pois «o que é proprio da educação, escreveu René Doumic, é *desenraizar* o homem ao seu meio formador. E' preciso que elle se desenraize. E' tambem o sentido ethimologico da palavra *élever*. Por sonhar em monarchia universal e por se elevar até a esphera mataphysica da cidade de Deus, Dante não é menos exacto cidadão de Florença; Sophocles, o atheniense, e Sophocles, o universal, longe de serem duas imagens contrarias, que se excluam, são a mesma personagem. E, assim de Goethe em Weimar, na medida em que elle attingiu o ideal classico. E Socrates, espirito intensamente grego, no seu estylo e na sua phylosophia, como artista e pensador já declarava: «Eu não sou de Athenas, sou do mundo».

Assim deveis ser: embora preso aos problemas e ás necessidades viçaes da sua terra; embora cultuando as suas tradições, deveis desprezar o que ellas tiverem de experimentalmente erradas, restrictivas e acanhadas, para serdes universal, deixando de lado as competições, os preconceitos e as dissensões pueris, que nos empecem e que nos rebaixam.

Meus amigos, precisamos pensar melhor, pensar bem, para termos ideaes mais elevados. Precisamos levantar os nossos olhos dos horizontes estreitos de região, para projectal-os sobre o scenario maravilhoso e movimentado do rithmo universal.

Uma das grandes preocupações da educação hodierna deveria consistir em preparar os jovens para ter ideaes.

O que haverá de mais soberbo no mundo do que um ideal nobre e progressista! O que de mais glorioso do que um ideal assim attingido!

A necessidade primeira do homem é de visão. Vista de largo descortinio, que possa divisar as elevadas, as pulcherrimas cumiadas das possibilidades humanas, para, depois, dotal-as das poderosas azas do saber, azas de Horus que possam eleva-las até as luminosas culminancias dos seus ideaes.

Azas sem visão, são azas desnorteadas, que rullarão desesperadamente, sem jamais conseguir pairar. Também, vistas penetrantes sem azas que as transportem ás distancias cobertas pelo seu raio visual, serão uma força sem actuação, sem aproveitamento, lembrando a tradição do Moysés resignado, contemplando, de longe, a terra fecunda da promissão.

Azas, como clamava obstinadamente da VINCI, azas para os anseios progressistas da mocidade, que quebrarão, em busca de novos ideaes, os grilhões de chumbo da tradição nefasta, demandando mais amplos horizontes e mais roseos amanheceres.

O novo deve ter a noção precisa da idade em que vive, com todas as suas luctas e perigos, com todas as suas prodigiosas conquistas e magnificas oportunidades, para que sinta no seu in

timo a necessidade imperiosa de caminhar, de estudar, de trabalhar para vencer, concorrendo, nobremente, cohesamente, para o progresso humano.

E no desempenho da nobilitante missão que vos compete, de elevar o nível moral e intelectual do homem, tereis grandes luctas, graves perigos a vencer, mas não desanimeis jámais, para o bem do Brasil, e porque essa é condição essencial da vida. Sem essas luctas, sem esses perigos, não haveria oportunidade para a victoria, e, portanto, não deveis a elles fugir.

O homem sem estes precalços vive pouco e não produz nada.

«E' conhecido sôbejamente dos devotos de Anatole France, aquelle apologo que elle divulga, do Homem e do Genio. Um genio deu a certa creança recém-nascida um novello de fio e disse-lhe: «Este fio é o dos teus dias. Leva-o, e quando quizeres que o tempo corra, desenrola-o: os teus dias passarão rapidos ou lentos conforme desenrolares o novello depressa ou devagar. Desde que não toques no fio, ficareis na mesma hora da existencia.» A creança tomou o novello; desenrolou-o para livrar se dos perigos da dentição; desenrolou-o para concluir os estudos; desenrolou-o para casar com uma rapariga que amara; desenrolou-o para vêr crescer os filhos e para encaminhá-los na actividade do mundo: desenrolou-o para a realização de negocios, para a obtenção de honras, para afastamento de cuidados; para a terminação de desgostos, para evitar as doenças da idade e, enfim para acabar com a velhice importuna. Tinha vivido quatro mezes e seis dias depois do apparecimento do genio...”

Sem os precalços da vida, não ha possibilidades de vida.

Mas, quando vos digo que deveis abando-

nar os preconceitos velhos e estereis de antanho, do classicismo de pesados raciocinios e densas idéas, está claro que não estou aconselhando a que vos entregueis á *phylosophia* budhista de Schopenhauer, de negativismo e renuncia, nem que vos transvieis na apreciação da questão social que muitos discutem, consideram e resolvem, com a mesma displicencia e facilidade que apreciariam uma disputa esportiva

Tambem não vos incito á copia dos agitadores politicos, theoricos á moda de Merejkovisk.

Não; eu viso simplesmente a vossa formação, a constituição da vossa mentalidade em face de principios cardeaes que não condizem com a questão politica e social, para as quaes vos deveis reservar quando estiverdes sufficientemente habilitados pela experiencia orientadora da vida.

Por emquanto vossa alma deve revestir-se dos bons principios da solidariedade humana, do altruismo, da actividade honesta e intelligente, da moral e da Justiça; e da ansia de produzir que sacode e movimenta o mundo.

Assim, deveis guardar bem no vosso coração o sentimento do amôr á Patria, mas não deveis esquecer que ella não pôde ser uma exclusividade nossa; que a superpopulação de outros paizes nos obriga a repartil-a com homens, que devemos considerar e respeitar nos seus direitos.

Deveis saber que sem obediencia á autoridade constituida não é possível ordem nem progresso, mas meditareis que essa obediencia não é servil, nem pôde ultrapassar os limites dos direitos inviolaveis do cidadão.

Deveis ponderar que a Justiça não é cega nem tem venda alguma nos olhos; que a lei penal não é igual para todos, porque seria injustiça que se applica sse uma lei igual a pessoas origi-

naria e fundamentalmente desiguaes; que o Estado não é o vingador da sociedade, mas, sim, o seu preservador; que não ha offensas a vingar, nem criminosos a punir, e, sim, doentes psychicos, desviados sociaes a curar, a reeducar, separando-os da sociedade para que elles não perturbem a sua paz; que se ha crimes, o maior delles é a morte legalisada.

E' preciso que desde já tenhaes em attenção que não ha differenças raciaes nem de castas e que, portanto, deveis ter em toda consideração o seu proximo, sem indagar da sua situação ou origem; que deveis ser fortes de corpo para o serdes de espirito; que para obterdes o bem deveis praticar o bem; que o verdadeiro e sincero bem não pede nem aguarda recompensa; que o homem deve ser comedido e prudente, mas que a avareza empecerá o progresso; que a economia é a base da prosperidade, mas que sem o movimento de capitaes, sem os direitos creditórios, não ha prosperidade que valha.

Ao antigo proverbio — “de passo a passo se vae ao longe”, antepoz-se modernamente o principio fremente de Pirandello: — “cada momento da vida é um passo para a morte”.

Emfim, não deveis esquecer que é nobre honrar os louros do passado e respeitar a tradição veneravel, mas que vos deveis submeter irreflectidamente ás idéas e conquistas passadas, que são uma transição, uma categoria do ideal, que foram estabelecidas para que possais avançar; que se sois mais novos em vida, sois mais velhos a apparecer no mundo e, portanto, reunis os privilegios de um novo pensamento, á experiencia das idades passadas.

Assim, sois dotados de novos olhos para

vêr a Vida, novos ouvidos para ouvir a Vida, novos cantos para cantar a Vida.

Deveis reunir todos esses privilegios, todas as vossas novas forças e possibilidades, na consecução dessa finalidade primacial, desse desígnio que ha de estar acima de todos: elevar, dignificar este grande Paiz, que por uma sabia e feliz previsão do destino se chamou Brasil, como numa esplendida e significativa allegoria ao seu immenso ser:

BRASIL — na sua grandiosa fulguração no mappa das nações.

BRASIL — no esbrazado da sua natureza tropical, em que cada requinte é um viva quente da criação ao Criador.

BRASIL — na ardencia dos seus jovens, cuja mocidade e vibração são a mais segura garantia do seu futuro.

BRASIL — nos seus céos calidos, no seu clima emoliente, no seu sol reverberante, nos seus mares e florestas meridionaes, na emotividade dos seus homens e no languor das suas mulheres.

BRASIL — enfim, porque no seu conjuncto é na verdade uma sarça crepitante de elaborações ardentes, que Deus cada vez mais sopra e accende, para cada vez mais arder e refulgir.

Mas não devemos permanecer extaticos ante os encantos naturaes do nosso Paiz, porque elles não vão ao extremo de dispensar o trabalho do homem para suprir-lhe as necessidades da vida, com os seus requisitos de riqueza e conforto, e para eleva-lo no conceito das nações.

Na acção da nossa vida, esqueçamos um pouco a extensão do nosso territorio, a fertili-

dade das nossas terras, o verde das nossas matas, a grandeza dos nossos rios, a variedade das nossas minas, que têm sido tão exploradas pela nossa jactancia indigena, quanto têm sido desprezadas pelas nossas actividades malbaratadas.

Porque o Brasil não é tanto a terra da promessa, em primeiro logar descripta por Caminha, nem o Eldorado creado pela phantasia dos antigos hespanhóes.

Não vos illudaes juventude, porque a época das fadas já passou.

Este Paiz é realmente um grande celeiro, e tem prodigiosas riquezas mineraes, mas isto de nada valerá se não nos resolvermos a aproveitá-los, a torná-los utilizaveis pelo esforço do nosso trabalho.

Devemos attender, tambem que — “o Brasil é o Amazonas deserto pedindo colonização, saneamento, vitalisação, ansioso por sahir do deserto, mudez enorme querendo falar; o Brasil é o pallido algodoeiro carregado nos adustos chapadões do Nordeste, é o caboclo sem assistencia, abandonado ás inclemencias do tropico, lutando com a Natureza e o bandido, á espera de organização de trabalho e senão de riqueza ao menos de paz e ordem social para resistir a tantos flagellos. — O Brasil são os cannaviaes de Pernambuco, são os cafezaes dos nossos Estados cafeeiros, creadores de uma civilização, gloriosa e precaria industria, sujeita ás oscillações de tantas crises perigosas e mal evitadas! — O Brasil são esses rios longos querendo transformar-se em força electrica, são esses desertos amplos pedindo gente, estradas, producção, tristes de serem desertos; o Brasil é a paz dos Estados tão necessaria ao Paiz todo; o Brasil é toda essa terra não

revelada querendo revelar-se, pois viver é exprimir-se e a voz das nações são as suas riquezas”.

Está nas vossas mãos, geração que vindes e que começaes tão cedo a receber o galardão do vosso triumpho, orientar o vosso patriotismo ao encontro das verdadeiras necessidades nacionaes.

Não deveis, não podeis falhar.

Nesse sentido, eu vos encaminho, em nome do Rotary Club de Victoria, o nosso appello rotariano, repetindo, para cada um de de vós, as palavras magicas de Christo: *Surge et ambula* — levanta-te e caminha !

Discurso proferido pelo academico
Paulo Cabral, em nome da embaixada
academica do Estado do Rio, quando se
fez a festa do Rotary Club, desta capi-
tal, em 25 de maio ultimo :

«Rotarianos !

A embaixada academica da Faculdade de
Direito do Estado do Rio fez-me seu porta-voz,
neste momento, para dizer-vos do seu enthusias-
mo por esta solemnidade e da sua solidariedade
pelo que vindes de levar a effeito.

Certo, se me falecem conhecimentos parti-
culares da vossa organização, e nem me caberia
entrar em detalhes sobre ella agora, sobeja em
mim um sentimento, que palavra alguma poderia
traduzir, ao assistir o premiardes essas creanças,
que recebem, de mãos ricas de gestos altruistas,
os louros da victoria de suas primeiras luctas.

Creança, flôr de uma personalidade, desabro-
chando risonha; creança, rosea esperanza de uma
geração angustuada; creança, promessa feliz de
um futuro feliz; tu, que agora acabas de receber
o teu premio, guarda contigo este momento doi-
rado de tua existencia; caminha confiante em
tuas proprias forças; procura abrir para o teu se-
melhante, um caminho melhor do que o que tri-
lhas; faz da vida um sorriso feliz, todo cheio da
felicidade dos sorrisos da vida.

Creança, tu que tens na voz o éco das do-
ces melodias de Grieg; tu que tens na alma to-

do o innocente sentimentalismo dos parnasianos; tu que és musica, rithmo, poesia, não deixes que penetre em teu coração esse egoismo louco da geração de hoje; reage contra o espectro dos assassinos collectivos; vence essa onda de barbarismo dos homens de agora; alça teu pensamento para as regiões onde residem os puros sentimentos do Amor; trabalha, esforça-te, sê bom.

Faze, creança, de teu lemma, o lemma rotariano: «dar de si, antes de pensar em si».

Vê o que de bello ha nessas palavras tão simples; contempla o que de solidariedade humana vae por essa pequenina phrase e, quando amanhã tiveres de fazer teu juizo sobre a geração que passa, verás que, si grande foram os seus erros, nella viveu um exercito de homens, espalhado pelo mundo inteiro, que collocou essa solidariedade longe das palavras estereis, para transformal-a em acção efficiente.

Rotarianos. Ao entrar nesta cidade vivia dentro em mim a amargura de um moço que cêdo vira despedaçadas as mais caras illusões de sua primeira juventude. A nostalgia triste de um sonho que eu acalentava outr'ora já se apoderava de mim, tantos foram os espectaculos de egoismo e ambição que eu vira representados, com tetricos scenarios, no palco da vida.

Aquelle sorriso de Rénan, que brincava sempre em meus labios, ha muito desaparecera.

Agora, que já me apresto para partir, levei para minha terra, de envolta com as saudades desta capital e de sua gente acolhedora e boa, pedaços de meus sonhos ressuriectiones.

E' que, ao assistir a esta solemnidade, aquella poesia do Conde de Monsarás, onde elle pedia «às mãos aristocraticas e finas que deixassem cahir as perolas dos dedos sobre as cabeças das

creancinhas pobres», deixou de ser para mim uma ficção de poeta, para se transformar numa realidade risonha.

Neste momento, rotarianos, a alma da mocidade brasileira, que a nossa embaixada acadêmica representa, a vossos pés se ajoelha, e tudo que o coração dessa mocidade vos pôde desejar é que sejais tão felizes, quão felizes fazeis os vossos semelhantes.»

Contribuição para o Centenario do Est. do Esp. Santo

1535

—

1935

Dr. Arlindo Sodré

Para melhor attender á descriptiva da evolução do municipio de São Matheus, devemos dividir aquelle periodo em tres phases:

1.^a — Capitania, pertencente até então á Capitania do Porto Seguro, que tinha os seus limites ao Sul pelo Rio Doce.

2.^a — Phase — provincia no regimen Monarchico, já então ligado aos destinos do Espirito Santo e, finalmente:

3.^a — Phase — Regimen Republicano.

Na primeira phase foi quasi nullo o progredir daquellas paragens, devido ás distancias e por causa das multiplas preoccupações do donatario que, nada podia fazer em vista de poucos recursos financeiros e bem assim pelas constantes luctas com o gentio que difficultava a entrada de aventureiros para a povoação do solo. Por esta occasião (por via maritima) alguns aventureiros vieram do norte da Capitania e nas margens do Rio São Matheus se localizaram de preferencia no local em que está hoje a cidade de São Matheus. Mais tarde, alguns capichabas da cidade da Serra e Santa Cruz, por via terrestre,

rompendo as maiores difficuldades, por picadas, foram tambem contribuir para o povoamento daquella região.

Entre estes aventureiros capichabas, da cidade da Serra, se transportou para aquellas paragens por via terrestre Constantino Gomes Sodré, levando comsigo alguns escravos e animaes, e lá localizou-se em uma fazenda. Tem sido de morado o progresso daquella região, devido aos factores que impediram-n'o sob aspectos diversos como sejam: falta de vias de comunicação, carencia de braços para o desenvolvimento agricola e tambem as investidas que soffriam dos verdadeiros donos da terra brasileira.

Na segunda phase de evolução, isto é, no Regimen Monarchico, já podemos notar uma certa animação e melhoria devido á franca via de comunicação maritima que a principio foi feita por vapores: — «Diligente», «Juparanã», «Alice», «Santa Clara» e outros pertencentes á Companhia Espirito Santo e Caravellas; mais tarde os navios do Lloyd Brasileiro «Mayrink», «Victoria» e outros e finalmente vapores de Miranda Jordão & Cia. — «Mathilde», «Araruana», etc., que de 15 em 15 dias serviam aquelle porto.

Estas embarcações eram de calado regular, de conforto e faziam o commercio entre aquelle porto, Santa Cruz, Victoria, Guarapary, Benevente, Piuma, Barra do Itapemirim e Rio de Janeiro, além de embarcações á vela que faziam o commercio com a Bahia e o Rio de Janeiro. Nesse tempo podiam ser contados já fazendeiros abastados como sejam: Cel. Antonio Rodrigues da Cunha, da Fazenda de São Domingos, que cultivava a canna de assucar em grande escala, tendo até tres barcos seus construidos na propria Fazenda e denominados «Santa Rita», «Maria» e

«Constancia», que pela barra de São Matheus levavam mercadoria, assucar e farinha de mandioca para o Rio de Janeiro e mais ainda os fazendeiros: Dr. Graciano dos Santos Neves, na Fazenda do Palhar; major José Gomes Sodré, na Fazenda do Corrego Grande; cap. Octavio José Esteves; com. Reginaldo Gomes dos Santos, Fazenda do Campo Redondo; José de Faria; Jacintho Rodrigues, Fazenda da Juerana; Manoel Ribeiro Silves, Fazenda da Roda d'Agua; José Esteves; Barão de Timbuhy, Fazenda de Itaunas e muitos outros.

O principal producto de exportação era a farinha de mandioca que chegou a attingir á cifra de 260.000 alqueires annuaes, abastecendo o mercado do Rio de Janeiro. Com a abolição e não substituição do braço do escravo a lavoura de mandioca começou a declinar. A lavoura de café até então diminuta, por isso que, nestas mesmas fazendas, não tinha nessa epoca grande projecção, devido as terras ribeirinhas ao mar não serem apropriadas para essa lavoura. Mais tarde, no meiado do seculo passado, o sr. Antonio Rodrigues da Cunha, Barão de Aymorés, já tendo uma fazenda na primeira cachoeira do Braço Sul do São Matheus, denominada Cachoeira do Cravo, a oito leguas distante da cidade de São Matheus, a Oeste, procurou com systematica propaganda dos magnificos terrenos daquellas regiões, levar o melhor e os mais fortes elementos agricultores que se achavam localizados nos terrenos proximos ao mar. Graças ao Barão de Aymorés, a zona oeste do norte do Espirito Santo foi cada vez mais povoada e intensificada a lavoura do café, terras roxas, fertilissimas estruturas de meia laranja que nada têm a invejar ás de oeste de São Paulo.

Os esforços patrioticos do grande estadista Costa Pereira, que quando Ministro do Imperio, tendo sido representante do Espirito Santo na Camara Alta, nascido em Campos, quando aquelle municipio pertencia ao Espirito Santo, e encarregado por Pedro II de colonizar o Estado do Rio e São Paulo, desviou para o Espirito Santo uma corrente emigratoria para as colonias de Santa Izabel, Santa Leopoldina, Conde d'Eu e outras, são continuados por Muniz Freire, que lembrou-se de mandar algumas levas para outros municipios, entre elles São Matheus. De preferencia me refiro a estes dous estadistas, pois a elles devemos a grandeza da cifra augmentada hoje em dia nos orçamentos, collocando o Espirito Santo na vanguarda de muitos Estados da Federação Brasileira.

Vem depois Jeronymo Monteiro, que grande impulso deu ao ensino em todo o Estado, mandando edificar em São Matheus um Grupo Escolar e incentivando a iniciativa particular da Estrada de Ferro, que se construia da cidade á serra dos Aymorés, tendo á frente, como seus directores, o Barão de Aymorés, Constancio Gomes Sodré, Antonio Gomes Sodré, Com. Matheus Gomes da Cunha, Antonio Rodrigues da Cunha, Olindo Antonio dos Santos e como engenheiro o dr. Antonio dos Santos Neves.

Ultimamente, Nestor Gomes encampou, tacitamente, aquella empresa particular e construiu a Estrada de Ferro que liga São Matheus á Nova Venecia. No governo Florentino Avidos, com a construcção da ponte de Collatina, foi iniciada a estrada de rodagem para ligação de Collatina á Nova Venecia, no municipio de São Matheus. Ultimamente, o dr. Aristeu Aguiar proseguiu na construcção da mesma estrada e bem assim o

cap. Punaro Bley, que não descurou dessa estrada de grandes possibilidades para o progresso agricola da região de mattas virgens entre Colatina e São Matheus.

O progresso do norte do Espirito Santo não se faz demorar, pois os terrenos são uberrimos, a fauna e a flora, quasi se não iguaes ás do Amazonas e Pará. Estas regiões do Norte podem ser divididas em 3 secções, sendo uma junto ao litoral, arenosa, salpicada de lagoas entremeçadas de campos nativos, maximé de Barra Nova á Monsarás, onde existe um campo nativo, de cerca de 6 legoas de norte a sul e de 2 a 3 legoas de leste a oeste. De grandeza extraordinaria e valor, precisando tão somente que o pulso forte do Governo lhe modifique as difficuldades de boa adaptação á grande industria pastoril, campos estes que comportam sufficientemente 40 a 50 mil cabeças de gado. Em seguida vem a faixa do plateau aonde se faz e se fez o cultivo da mandioca e cereaes e onde existem os coqueiraes do chamado côco da Bahia e o côco babassú, contando se mais com a mangabeira nativa e, por ultimo, os terrenos altos das formidaveis mattas virgens das serras do Aymorés.

Traduzindo o pensar dos matheenses, que não são pessimistas nem descrentes, diremos que temos viva fé nos destinos a que aquellas regiões têm direito pelos caracteristicos geologicos que herdaram na divisão feita na Federação Brasileira.

Ao finalizar estas toscas considerações, cumpre-nos o dever de agradecer ao estadista que vem contribuindo para intensificar o progresso da zona norte do Estado, que será em futuro proximo o celeiro desta parte da Federação Brasileira, e esperando que o governo actual, que já está

empenhado na construcção da estrada de rodagem de Linhares a São Matheus, procure auferir as vantagens que aquellas regiões podem contribuir para a grandeza do seu Governo.

A nova directoria do Instituto Historico

Realizou-se no dia 9 de junho, ás quinze horas, a reunião dos socios do Instituto Historico e Geographico do Estado, para eleição de sua nova directoria, no biennio de 1935-1937.

Compareceram varios associados, destacando se, num gesto de expressiva sympathia pela douda associação, a presença do exmo. sr. cap. João Punaro Bley que levou áquella Casa o prestigio de sua valiosa e enobrecedora collaboration.

Installados os trabalhos, o illustre e respeitavel presidente do Instituto, cujo mandato terminava, dr. Antonio Francisco de Athayde, leu importante summula das actividades da Casa do Espirito Santo, durante o periodo de sua administração, passando-se, em seguida, á eleição da nova directoria.

Feita a chamada dos presentes, collectados os seus votos e procedida a sua apuração, chegou-se ao seguinte resultado:

Presidente — Dr. Arnulpho Mattos.

1º Vice-presidente — Dr. Aristoteles da Silva Santos.

2º *Vice-presidente* — Dr. Ceciliano Abel de Almeida.

3º *Vice-presidente* — Desemb. Josias Martins Soares.

1º *orador* — Prof. Elpidio Pimentel (reeleito).

2º *orador* — Dr. Walter de Moraes Siqueira.

1º *Secretario* — (perpetuo) — Dr. Heraclito Amancio Pereira.

2º *Secretario* — Prof. Francisco Generoso.

Thesoureiro — Prof. Placidino Passos.

Effectuou-se, então, a proclamação da nova directoria, cuja posse, de accordo com os Estatutos, foi marcada para o dia 12 de junho.

NO INSTITUTO HISTORICO

Na assembléa geral de 12 de Junho para posse da nova directoria do Instituto Historico, o dr. Antonio Athayde, presidente de honra, leu o seguinte relatorio :

“Cumpre-nos fazer um rapido relato da nossa administração que hoje finda. Antes de inicial-o, recordo aos nobres confrades que a data de hoje —9 de junho—tem uma triplice significação historica para nossa terra:

E' hoje o domingo festivo do Espirito Santo, em cujo dia Vasco Fernandes Coutinho aqui aportou e baptisou sua capitania, com esse nome. Dentro do movimento sideral de 4 seculos, o 23 de maio de 1535, de sua chegada, coincidiu com a data de hoje—9 de junho de 1935. Recorda, tambem, que em Rerigtibá (Benevente), em 1597, falleceu o veneravel apostolo José de Anchieta; bem assim, que na Bahia, é lida a sentença de *pena de morte natural com infamia*, do nosso heroico patrono, Domingos Martins, arcabuzado no largo da Polvoia, em 12 de junho de 1817.

Apreciadas reverentemente as ephemerides tres vezes gloriosas para todos nós, estudemos agora a vida do Instituto, no seu principal objectivo de uma associação scientifico-litteraria.

A actual Directoria, eleita em 1933, termina hoje o seu biennio administrativo. Deixa, com-

tudo, evidentemente provado o seu esforço constante em manter o fogo sagrado de amor a esta veneranda instituição, pelo seu engrandecimento e no apaziguamento dos nossos corações, em face de nossa cultura fraternal. A nossa preocupação foi sempre assinalar os feitos nobres deste Instituto, em proveito da civilização capichaba.

Em julho de 1933, tiveram lugar nesta Casa, as brilhantes conferencias do erudito sociologo chileno dr. Agustin Venturino, que tantos aplausos mereceram do selecto auditorio. Estudos ethnographicos, archeologicos e historicos da civilização americana, foram desvendados por esse emerito escriptor, na approximação dos nossos sentimentos de fraternidade continental, que muito nos honraram nos seus vibrantes discursos. Tambem sua digna esposa, a poetisa senhora Alice Venturino, em uma bella dissertação, explicou a verdadeira expressão da poesia moderna. A ambos foram conferidos diplomas de socios correspondentes. Alem de outras visitas illustres, fomos tambem honrados com a do professor paraguay Martins Barrios, que muito exaltou o valor da nação guarany, no continente americano. Asseverou que a colonização européa não perturbou a civilização indiana, no Paraguay. Enalteceu o vigor intellectual das raças indianas e a luta ingloria do *Chaco* que a Bolivia pretente conquistar, arrancando um pedaço do coração de sua pobre patria—o Paraguay. Em todos os paizes do Mundo, disse elle, nada provoca tanta indignação de, como arrancar-se um pedaço de um paiz para se dar a outro. Abre-se fatalmente a luta fratricida e vem a guerra até o exterminio. A civilização manda que respeitemos religiosamente, integralmente, o territorio alheio. Não se pode fazer negocios, porque todos elles despertam sem-

pre interesses inconfessaveis !... Assim terminou esse illustre escriptor, com uma suggestiva licção de patriotismo, entre applausos da numerosa assistencia nesta Casa.

Devemos assignalar a festiva recepção de despedida de D. Benedicto Alves de Souza, bispo resignatario, sendo-lhe conferido por essa occasião, o diploma de socio honorario. Ainda ecoam por estas paredes, as palavras vibrantes de saudade de sua encantadora eloquencia.

Fizemos tambem distincta recepção, conferindo-lhe merecidamente o diploma de socio honorario, ao actual sr. Bispo do Espirito Santo D. Luiz Scortegagna.

Ao exmo. sr. Governador, Capitão Bley, ainda quando Interventor, foi-lhe dado o titulo de socio honorario, por unanimidade de votos, em brilhante recepção, pelos seus relevantes serviços e sympathia já revelados por S. Exa. a este Instituto, durante sua interventoria.

Alem de outras commemorações civicas, tornou-se notavel a do grande Jesuita, o apostolo Anehieta, celebrando-se condignamente a data do seu natalicio, em Teneriffe, a 19 de março de 1535, em sessão solemne do Instituto Historico, no Theatro Gloria, cedido especialmente para esse fim, cuja assistencia attingiu a mais de 2 mil pessoas, numa brilhante manifestação posthuma, ao glorioso Missionario.

Recebemos, tambem, a visita do illustrado Jesuita Pe. Gentil Frota que aqui discursou sobre a vida do Apostolo do Brasil, demonstrando interessantes episodios, nas suas heroicas virtudes da penosa catechese, nas nossas selvas.

Entretanto, dentre todas as commemorações civicas, cumpre-nos realçar a acção efficiente e patriotica do Governo do Estado, afim de que as

festas do IV Centenario do Povoamento Colonial do Espírito Santo tivessem deslumbrantes realizações, como auspiciavamos.

Está na consciencia de todos nós, ainda está viva a imagem do que foram estas festas, tão dignas da nossa alta cultura. O nosso Instituto tomou a chefia das execuções do seu programma, pela alta gentileza do sr. Governador do Estado. O tumulo de Anchieta foi artisticamente remodelado no seu augusto recinto e, foi-nos dada a honra, como Presidente do Instituto Historico, de desatar a fita symbolica da nova e linda entrada e fallar sobre o tumulo do immortal Jesuita.

Emfim, esta Directoria que hoje termina o seu mandato, não se descuidou tambem da publicação de suas Revistas de n. 7, 8 e 9. A de n. 7 foi dedicada á commemoração do apostolo Anchieta e a de n. 9, ao IV Centenario do Povoamento, porem incompleta. Esperamos que seja publicada até o fim do anno a grande Revista que formará a Historia do IV Centenario do Povoamento Colonial do Espírito Santo, si nos ajudarem. Empenhar nos-emos, entretanto, pela publicidade desse livro. Elle será a synthese das nossas commemorações que ficarão assim immortalizadas nas paginas da historia do Espírito Santo.

São estas desalinhadas notas que fazemos para demonstrar o nosso fervoroso carinho por esta Casa.

Ao exmo. sr. Governador do Estado, os nossos respeitosos agradecimentos pela sua grande sympathia, interesse e dedicação manifestados a esta instituição, a todo instante.

Aos carissimos confrades e aos distinctos membros da futura Directoria, nossos sinceros agradecimentos por tudo que fizerem pelo realce da Casa do Espírito Santo, onde se venera o Passado, na expressão commovente de uma verdadeira *missa civica* aos nossos Maiores.

Temos dito”.

Ao ser empossado como presidente do Instituto Historico, na sessão do dia 12 de Junho, o dr. Arnulpho Mattos proferiu a seguinte allocução:

“Exmo. sr. Governador do Estado — Exmo. sr. Presidente do Instituto Historico — Prezados Consocios — Exmas. Senhoras — Meus Senhores.

Devido á excessiva gentileza dos meus dignos companheiros, tenho assumido, neste momento, a Presidencia desta Casa, por intermedio do preclaro presidente, dr. Antonio Athayde.

Não foi, porém, sem alguma relutancia que acceitei a indicação do meu nome para presidir os destinos do nosso I. Historico, porque bem conheço a grande responsabilidade que cabe aos dirigentes de uma corporação como esta.

Sei que, doravante, terei de enfrentar algumas difficuldades porém espero vencel-as ou, pelo menos, suavizal-as, porque, estou certo, hei de receber o concurso de todos aquelles que se interessam pelo engrandecimento desta sublime aggremação civica.

De fôrma alguma deixarei de prescindir do auxilio de todos, muito especialmente do concurso dos meus companheiros de directoria que, neste caso, deverá ser directo e fervoroso.

Não tenho vaidade e não alimento illusões; sei perfeitamente que os grandes empreendimentos surgem sempre de um centro onde haja communhão de idéas, nunca, porém, em um

campo onde a força de repulsão seja superior á força de cohesão.

Isoladamente nada poderei fazer em beneficio do Instituto; precisamos nos congregar em torno dos interesses da nossa Casa. As nossas forças psychicas necessitam ser uniformes, para que não provoquem um desequilibrio no nosso meio social.

E' indispensavel, portanto, que nos aproximemos mutuamente, deixando de lado, mas bem ao longe, os nossos resentimentos. Esqueçamos o passado, pensando unicamente no futuro, para que o nosso Instituto Historico, recebendo o reflexo da cordialidade das nossas Almas, venha preencher os nobres fins a que se destina.

Sigamos o exemplo do nosso Patrono Domingos José Martins, que foi um luctador sincero e incansavel na defesa dos seus ideaes e não esqueçamos, portanto, que pertencemos a uma escola de civismo.

Estendamos as nossas mãos para a direita e para a esquerda, formando um circulo amistoso e ao centro, suspendamo's uma pyramide de boa vontade, para collocar lá no seu cimo, o nome respeitoso e já tradicional da CASA DO ESPIRITO SANTO.

Só assim provaremos o nosso amor civico e daremos o melhor dos exemplos a esta mocidade, que nos segue os passos e que, futuramente, será o corpo de juizes julgadores dos nossos actos.

A todos os meus sinceros agradecimentos."

~ INDICE ~

O 4.º Centenario da Colonização do Espírito Santo.....	Pag. 3
<i>Inauguração da Feira de Amostras</i>	
Discurso do Dr. A. Seabra Muniz	» 5
Discurso do Exmo. Snr. Cap. Puna- ro Bley.....	» 11
Discurso do Dr. Paulo Souza.....	» 16
<i>Inauguração da Colonia de Ita- nhenga.....</i>	
Discurso do Dr. Pedro Fontes.....	» 20
<i>A missa campal de Villa Velha—</i> Oração do Padre Ponciano Stenzel dos Santos.....	» 30
Discurso do Dr. Antonio Aleixo no Leprosario de Itanhenga.....	» 46
<i>Na Assembléa Constituinte</i>	
Discurso do Dr. Francisco C. Feu Rosa.....	» 50
Discurso do Dr. Augusto Lins.....	» 57
<i>No Senado Federal</i>	
Discurso do Senador Dr. Jeronymo Monteiro Filho.....	» 68
<i>Na Camara dos Deputados</i>	
Discurso do Dr. Jair Tovar.....	» 73

No Club Saldanha da Gama

Discurso do Dr. Christiano Fraga.. Pag. 80

No tumulto de Anchieta

Macario de Lemos Picanço..... » 90

Saudação ao E. Santo — Macario L.
Picanço » 98

No Instituto Historico

Discurso do Prof. Almeida Cousin.. » 101

» do Dr. Archimino Mattos.. » 105

» do Dr. Antonio Athayde.. » 114

» do Dr. Mario A. Freire.... » 119

» do Dr. Jorge Kafuri..... » 125

» do Prof. Elpidio Pimentel. » 131

» do Dr. Araujo Aguirre.... » 138

Historia da Policia Estadual no E.
Santo—Dr. F. Eugenio de Assis » 148

Contribuição Juridica ao Progressis-
mo Capichaba — Dr. Paes Bar-
retto Filho..... » 157

No Instituto dos Advogados — Dis-
curso do Dr. Alarico de Freitas » 163

Genese do Café Capitania — Pelo
Dr. Antonio Athayde..... » 180

Homenagem ao E. do E. Santo—Dis-
curso do Snr. Alberto de Oli-
veira Santos » 189

No Rotary Club

Discurso do Dr. Nuno Santos Neves » 196

Discurso do academico Paulo Cabral » 206

Contribuição para o Centenario do
E. do E. Santo — Pelo Dr. Ar-
lindo Sodré..... » 209

*A nova Directoria do Instituto
Historico » 215*

Discurso do Dr. Antonio Athayde.. » 217

Discurso do Dr. Arnulpho Mattos.. » 221

Indice » 222

